

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
HISTÓRIA

Evandro de Oliveira Machado

O PENSAMENTO POLÍTICO-MILITAR DE CHE GUEVARA

Niterói
2008

EVANDRO DE OLIVEIRA MACHADO

O PENSAMENTO POLÍTICO-MILITAR DE CHE GUEVARA

Monografia apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal Fluminense para a obtenção do Grau de Bacharel em História.

Orientador: Professor DANIEL AARÃO REIS

Niterói
2008

AGRADECIMENTOS

Ao povo brasileiro, que pagou os meus estudos numa das melhores universidades de nosso país.

A todos os professores e professoras da UFF com os quais tive a honra de conviver como aluno.

Em especial, agradeço ao professor Norberto Ferreras, seguramente um dos melhores em História da América Latina, pelo seu rigor e disciplina, pelo seu respeito aos alunos, pelo ambiente de liberdade acadêmica, pela sua dedicação ao trabalho e sobretudo por sua humildade intelectual e o seu agir democrático, um exemplo de ser humano a ser copiado.

EVANDRO DE OLIVEIRA MACHADO

O PENSAMENTO POLÍTICO-MILITAR DE CHE GUEVARA

Monografia apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal Fluminense para a obtenção do Grau de Bacharel em História.

BANCA EXAMINADORA

Professor Daniel Aarão Reis
Universidade Federal Fluminense

Universidade Federal Fluminense

Niterói
2008

Um povo sem ódio não pode triunfar sobre um inimigo brutal.

Che Guevara

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS, p. 07

INTRODUÇÃO, p.09

1 – INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA, p. 11

A ASMA: “COMPANHEIRA” INSEPARÁVEL DO CHE, p. 11

A INFÂNCIA, p. 15

A INFLUÊNCIA DA MÃE, p. 19

A ADOLESCÊNCIA, p. 22

2 – O PENSAMENTO POLÍTICO-MILITAR DO CHE, p. 24

1953 – BOLÍVIA, p. 24

1953 – GUATEMALA, p. 29

1954 – MÉXICO, p. 31

1956 – CUBA, p. 33

1965 – CONGO, p. 61

1967 – BOLÍVIA, p. 72

3 – CONCLUSÃO, p. 85

APÊNDICE 1 – SOBRE ALGUMAS POSIÇÕES DE CASTAÑEDA, p. 94

APÊNDICE 2 – NOTAS SOBRE A BIOGRAFIA DE JON LEE ANDERSON, p. 104

ANEXO I – O DISCURSO DE ARGEL (25 DE FEVEREIRO DE 1965), p. 105

ANEXO II – CARTA DE DESPEDIDA (1º DE ABRIL DE 1965), p. 112

ANEXO III – MENSAGEM AOS POVOS DO MUNDO ATRAVÉS DA TRICONTINENTAL (MAIO DE 1967), p. 113

OBRAS CITADAS, p. 121

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*A fama é algo que está subordinado a impressões subjetivas.
Che Guevara*

Não seria novidade nenhuma reafirmar aqui a admiração que sempre tive pelo humanismo do Che e a sua inquietude diante das mazelas seculares de Nossa América. Che foi – e continua a ser – um mito para todos os jovens de espírito. Um ser humano admiravelmente indomável, no melhor sentido do termo. Um tipo especial de ser que nunca se conformou com os limites muitas vezes literalmente impostos pelas circunstâncias de sua época, ou melhor, intransponíveis. A sua vontade, enquanto força política, enquanto combustível inesgotável, era como a fé para os cristãos: removia montanhas.

Che foi um revolucionário diferente, de novo tipo, sem paralelo na história. Talvez por ignorar aquilo que se chamava de marxismo, aquele dos manuais soviéticos, economicista, dogmático, desumanamente pragmático, Guevara tenha conseguido assimilar o que há de melhor no marxismo de Marx: a fé no ser humano. Tudo deveria ser feito, planejado, “planificado” para melhorar, ampliar, potencializar a humanidade do ser humano, ainda que em detrimento dos ganhos macroeconômicos. Não por acaso, nunca foi muito bem visto pela tecnoburocracia dos países socialistas tutelados pela então URSS. Vale dizer, só isto já basta para pôr em questão a idéia – muito em voga – de que Guevara teria sido um personagem típico da Guerra Fria, contexto dentro do qual o seu pensamento estaria confinado, determinado. Ora, o homem não se resume a um simples produto mecânico do seu tempo. Ademais, as mazelas latino-americanas são anteriores à disputa pelo mundo entre EUA e URSS, e o Che, embora iludido - como muitos, incluindo-me nisso – com a Pátria do Socialismo, não entra na guerra para tomar partido nesta disputa: o faz movido pela busca de soluções estruturais para os problemas sociais de Nossa América e do Mundo.

Seja como for, ao se transformar, com a sua trágica morte na Bolívia, em mito, Guevara preencheu um vazio nos corações e mentes dos revolucionários latino-americanos. Sim, preencheu um vazio porque é para isto que servem os mitos, tal como as utopias. Sem mitos e utopias a vida não teria a menor graça.

Os marxistas dogmáticos seguramente vão me rotular de idealista filosófico, mas quem transformou Marx, Engels, Lênin, Stálin, Trotsky, Mao e tantos outros em seres com qualidades

sobre-humanas, infalíveis, sem defeitos ou fraquezas? Citávamos Marx – e ainda o fazemos – da mesma forma como hoje os evangélicos citam passagens do Novo Testamento.

Sim..., mitos e utopias são necessidades ou, se o preferirem, carências humanas porque, além de paradigmas, projetam no plano da subjetividade aquilo que gostaríamos de ser – mas não somos -, e de ter – mas não temos – objetivamente, mas que seremos e teremos um dia. Mitos e utopias nos empurram – *para a frente!* – na busca, na luta pela sociedade “inexorável” de homens livres e perfeitos. No horizonte, podemos ver o futuro palpável que nos aguarda...

Por tudo isso, discutir o pensamento de alguém com quem nos identificamos e que se transformou num mito não é tarefa fácil. Todo cuidado é pouco!... Mas nunca vi de outra forma o trabalho dos historiadores honestos. Com seus aparatos conceituais, suas metodologias, suas objetividades fundadas no exame das fontes, os historiadores – quando exercem o seu ofício com liberdade – quase sempre são incômodos, antipáticos, estragadores de festas. A desconstrução que a História faz de uma memória espontânea e ingênua ou artificialmente produzida é sempre assustadora e desagradável para alguém, até mesmo para os próprios historiadores porque antes de tudo são seres também humanos, também portadores de mitos e utopias.

Eu diria que a História é um mal necessário. Sem ela não aprendemos com os erros e acertos do passado, mas com ela percebemos nossas mediocridades, nossas ingenuidades, nossos enganos e preconceitos, nossas injustiças e ingratidões. Enfim, percebemos aquela dimensão humana – a parte ruim – que os mitos não têm.

Creio não ser um absurdo afirmar que, num certo sentido, o homem cria o mito mas o mito também molda um pouco – ou muito – o próprio homem. Eu diria que nem toda criatura é danosa só porque domina o criador. De vez em quando, é claro, isto pode ser progressista. Há criaturas e criaturas...

Feitas essas considerações iniciais, devo finalmente dizer que o presente trabalho foi um parto doloroso porque não é fácil pensar como historiador sendo – a um tempo – um ser humano habituado a tomar partido nas pelepas do mundo, prática que muitas vezes nos empurra para a mitificação dos líderes políticos com os quais nos identificamos, processo que me faz lembrar uma expressão muito popular: “Amigo meu não tem defeitos; inimigo meu, se não tiver, eu ponho.”

Che Guevara tinha muitas qualidades, mas também tinha graves defeitos...

INTRODUÇÃO

Procurei, inicialmente, buscar na infância do Che alguns elementos que pudessem explicar um pouco as origens da sua personalidade, da sua moral, do seu caráter. Para tanto, encontrei informações muito interessantes no livro do pai do Che.¹ Acredito que muito do que somos se deve às circunstâncias dos nossos primeiros anos de vida. Não são – e que fique bem claro – condicionamentos ou determinações absolutos mas cumprem relativamente um papel na formação do indivíduo. Os homens mudam, para pior ou melhor, mas sempre mudam. O passado não é, pois, uma prisão perpétua, muito embora – em certa medida – estejamos sempre presos a ele; mas como seres racionais podemos, sem renegá-lo, dominá-lo criticamente, libertando-nos dele e também aprendendo com ele. Na verdade, não somos definitivamente *assim* ou *assado*: estamos sempre *sendo* uma construção que nunca acaba, que nem obra de pobre.

Em seguida, examinei com mais amplitude a sua biografia, utilizando-me das obras de Castañeda² e Anderson³. Neste exame, sempre cuidando para não esquecer do contexto, fui destacando alguns dos seus pensamentos expressos de próprio punho (seus escritos), os que julguei mais significativos ou contundentes, produzidos ao longo de toda a sua trajetória (Che gostava de registrar suas experiências), sobretudo como revolucionário a um tempo cubano e internacionalista pós-janeiro de 1959. Ao seguir seus passos biográficos e ao discutir alguns dos seus escritos que foram aparecendo no caminho, procurei traçar um quadro histórico da evolução do seu pensamento, sempre – repito – procurando não desconectá-lo do contexto em que se desenvolveu.

A crítica histórica sobre tais fontes, no caso do Che, não exigiu muita precaução porque Guevara sempre foi muito franco e não media com frequência as suas palavras. Podemos (claro que nunca de forma absoluta) afirmar que Guevara de fato escrevia realmente o que estava pensando. Não era muito político. Era mais espontâneo, ao contrário, por exemplo, de Fidel Castro ou de Lênin, seres essencialmente políticos.⁴ Che nunca seria um ótimo diplomata, seguramente. Neste aspecto, era muito parecido com Marx e Engels, a meu ver.

¹ LYNCH, Ernesto Guevara, *Meu filho “CHE”*, Brasiliense, São Paulo, 1981. De acordo com o próprio autor, este livro foi escrito em fevereiro de 1972. Op. cit., p. 63.

² CASTAÑEDA, Jorge G., *Che Guevara: a vida em vermelho*, Companhia das Letras, São Paulo, 1997.

³ ANDERSON, Jon Lee, *Che Guevara: uma biografia*, Objetiva, Rio de Janeiro, 1997.

⁴ Para uma discussão sobre o pensamento de Lênin, ver GRUPPI, Luciano, *O pensamento de Lênin*, Graal, Rio de Janeiro, 1979.

Antes, porém, desta análise de sua história e escritos, cheguei a pensar em descrever, nos seus traços mais gerais, o processo histórico latino-americano. Usaria o livro de Halperin Donghi como guia.⁵ Decidi não fazê-lo porque demandaria muito espaço para explicar aquilo que qualquer iniciante em História da América Latina logo se dá conta: que nosso processo histórico configurou sociedades brutalmente despóticas e excludentes. Foi num ambiente desses que a vida do Che foi vivida.

Che é assassinado⁶ em 9 de outubro de 1967, no auge da Guerra Fria. Naquela época, o seu pensamento político-militar fazia sentido? De lá para cá, muita coisa mudou do ponto-de-vista estrutural? Na atual conjuntura latino-americana, suas idéias ainda teriam validade prática? Estariam adequadas, expressariam corretamente uma análise sobre a nossa atualidade, sem tirar nem pôr? Se a resposta for “não”, haveria então outros caminhos a seguir?

A presente monografia não pretende responder definitivamente a tais questões, se é que isso seja possível. Sem grandes ambições, pretendo apenas socializar um conjunto de reflexões que já fiz, faço e continuarei eternamente fazendo sobre os dilemas de Nossa América e o melhor caminho para resolvê-los. Socializar sobretudo com aqueles que, teimosos como eu, insistem em acreditar que a História nunca acaba, que tudo muda, que o impossível é possível, que a construção de um Novo Homem, de um Novo Mundo não é utopia. Com aqueles que, assim como eu, insistem em não se reconhecerem como portadores de uma mórbida soberba intelectual que diariamente – um dia a cada dia – precisa ser contida muitas vezes com remédios de tarja preta indicados para o tratamento de doenças crônicas, a saber: o dogmatismo, a mitificação das lideranças, o anacronismo, a falta de humildade que nos faz avessos ao diálogo, à crítica, ao desarmamento de espíritos; falta de humildade política que nos impede de ver que, como dizia Paulo Freire, o sujeito do conhecimento é sempre coletivo; que nos paralisa diante da responsabilidade histórica de agirmos coletivamente em torno de um programa comum, de uma verdade comum, de um

⁵ DONGHI, Halperin, *História da América Latina*, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1975.

⁶ Não é justo usar a palavra *fuzilamento* para descrever a forma como Che foi morto. Não houve acusação e nem direito de defesa. No curso da guerra revolucionária cubana, o próprio Che participou de vários *fuzilamentos*, que eram precedidos de acusação e de defesa. E se o rito era sumaríssimo (e a pressa é inimiga da perfeição) as condições da guerra de movimento (guerra de guerrilhas) não permitiam fazer prisioneiros para aguardarem julgamento mais adequado. Nas condições em que o Che foi capturado, a sua transferência para uma prisão do exército boliviano e um posterior julgamento eram perfeitamente possíveis. Não colocaria em risco o poder político na Bolívia e a segurança do seu próprio exército. Nestas condições, atirar num soldado inimigo posto fora de combate, feito prisioneiro, ferido, amarrado e deitado não é prática de militares honrados. Che foi simplesmente *assassinado* a sangue frio.

conjunto de objetivos comuns, sem autores e donos e, por isso, tão simplesmente apenas e tão-somente por isso, obra e propriedade de cada um e de todos.

Nestes tempos tão difíceis e sombrios, inexorável a barbárie para muitos, pedir socorro à História, talvez a única amiga que possa nos salvar, quem sabe nos faça reacender a esperança, enxergar não apenas o túnel mas novamente uma luz no seu fim... Ninguém melhor do que o espectro do Che para nos animar.

1 – INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Como já dito, neste capítulo apresentarei alguns elementos da infância do Che que talvez nos expliquem um pouco as raízes históricas da personalidade, do caráter e da moral guevarista. Como bem escreveu o seu pai, “[...] *para compreender um homem em todos os seus aspectos, é necessário conhecer a fundo o clima familiar e social em que viveu e as circunstâncias pelas quais teve que passar*”.⁷

Deixemos, pois, falar o próprio pai do Che.

A ASMA: “COMPANHEIRA” INSEPARÁVEL DO CHE

Esta doença, de uma forma ou de outra, mexeu com toda a família do Che. Os relatos são dramáticos.

Eu havia saído de Misiones para trabalhar no estaleiro Rio de La Plata [...] localizado [...] perto de Buenos Aires e vizinho a San Isidro, onde aluguei um pequeno imóvel de meu cunhado Martínez Castro.

[...]

Gostávamos muito de tomar banho no rio e no verão fazíamos isso quase todos os dias nas praias do Clube Náutico San Isidro. Numa manhã fria do mês de maio [de 1930], minha mulher levou Ernesto [o Che] ao clube. Fui buscá-los na hora do almoço e encontrei o menino em roupa de banho, já fora da água, tiritando. Celia [mãe do Che] não tinha experiência e não percebeu que a mudança de tempo era perigosa naquela época do ano. Em nosso país, são muito comuns essas bruscas mudanças de temperatura.

⁷ LYNCH, Ernesto Guevara, op. cit., p. 13.

Quando chegamos em casa, Ernesto [tinha quase 2 anos de idade] não estava bem e naquela noite começou a tossir muito.

Eu, que nunca havia presenciado um ataque de asma, jamais poderia imaginar que fosse esse o mal de meu filho. Chamei um vizinho, o Dr. Pestana, que não deu muita importância à doença e diagnosticou bronquite asmática sem complicações, vinculando aquele ataque a uma pneumonia que Ernesto havia contraído na cidade de Rosário, poucos dias depois do seu nascimento [12 de junho de 1928, a data oficial do seu nascimento]. Receitou-lhe o de praxe para a época: calor, xaropes com adrenalina, cataplasmas e outros paliativos.⁸

Ernesto melhorou, mas a asma não desapareceu.

Vários dias depois o Dr. Pestana começou a ficar preocupado. O tratamento intensificou-se e a doença foi cedendo, até desaparecer. Mas qualquer descuido a fazia voltar.

San Isidro está situado às margens do Rio da Prata e é uma cidade muito úmida. Talvez isso tenha contribuído para o desenvolvimento da doença.

A asma foi ficando crônica. Levamos Ernesto para Buenos Aires, onde exames e radiografias feitos por especialistas não acusaram nada além de uma bronquite asmática.

Celia e eu não nos conformávamos com o diagnóstico. Desesperados, víamos nosso filho piorar dia-a-dia, e nos assustávamos quando o víamos quase sem poder respirar. Inexperientes, ministrávamos toda sorte de medicamentos, queimávamos à noite os “papeizinhos Andrews”, famosos na época, e o quarto se enchia de cheiro de fumo. Em vão.

Assim, tentando todo tipo de remédios, pastilhas, xaropes, injeções, fomos comprovando que os médicos não conseguiam descobrir o que tinha nosso filho.

Os ataques se sucediam, cada vez mais fortes. Celia passava as noites ouvindo-lhe a respiração e eu, para aquecê-lo, o recostava sobre o ventre, o que me fazia dormir pouco ou nada.

Quando Ernesto começou a falar, dizia “papaizinho, injeção” no momento em que a asma se acentuava. Isso mostra como o seu sofrimento era terrível. E, em consequência, o nosso também era.

Ernesto cresceu com o fantasma da doença a rondá-lo. Os ataques eram constantes e poucos os períodos de melhora.

Nossa vida sofreu uma transformação radical. Tudo que nos interessava era encontrar um clima apropriado para nosso filho, a alimentação correta, os remédios certos. Ernesto, por sua vez, lutava duramente contra o mal que o fazia diferente dos outros, que não o deixava levar uma vida normal. Os médicos que o examinaram foram unânimes em afirmar que nunca haviam visto a asma num estágio tão agudo como em meu filho; isso pude constatar eu mesmo, entrando em contato com outros asmáticos e presenciando-lhes os ataques. Nunca vi nada parecido com o sofrimento de Ernesto.⁹

[...]

Para se ter uma idéia, bastava alguém recomendar um chá, um linimento, e lá ia eu experimentar a receita.

O desespero nos levou até a curandeirismos. [...]

Decididos a averiguar que fatores desencadeavam a doença, resolvemos anotar, todos os dias, o que ele comia, a roupa que usava, os objetos que tinha

⁸ Este primeiro ataque de asma ocorreu no dia 2 de maio de 1930, pouco antes de completar dois anos.

⁹ LYNCH, Ernesto Guevara, op. cit., pp. 137-139, grifo meu.

por perto, a temperatura ambiente, a umidade, a pressão atmosférica. Com esses dados, acreditávamos poder descobrir esses fatores.

Naquela época, usavam-se pouco os testes que hoje detectam rapidamente o que provoca o ataque num asmático. Quanto aos nossos métodos, que duraram muito tempo, mostraram-se ineficientes. Não nos fizeram descobrir nada que já não soubéssemos e acabaram por nos confundir. Voltamos a experimentar tudo.

Mudamos o enchimento dos colchões, dos travesseiros; substituímos os lençóis de algodão por lençóis de linho ou de náilon. Tiramos dos quartos cortinas e tapetes. Limpamos o pó das paredes. Evitamos a presença de cachorros, gatos e aves.

Tudo foi inútil. O resultado foi decepcionante e desalentador. Diante da persistência da asma, havíamos conseguido apenas saber que ela podia ser desencadeada por qualquer coisa, em qualquer época do ano, com qualquer tipo de alimento, e o saldo de nosso empenho foi saber, com certeza, que o mais conveniente para Ernesto era o clima seco, as cidades altas e os exercícios respiratórios, especialmente os da natação.¹⁰

Há momentos na vida em que o desespero é quase que inevitável. Na busca de um clima melhor para o Che, seus pais se mudaram para Alta Gracia, localizada na província de Córdoba.¹¹ Che lá viveu dos cinco aos dezesseis anos. Assim nos conta o seu pai:

Como reage uma família cuja vida é determinada pela doença de um de seus membros? De várias maneiras. Os sentimentos passam pela euforia de viver longos períodos de tranqüilidade ao desespero e depois à resignação de aceitar que o mal não tem cura. Esperança se mescla com ansiedade e a alegria tem sempre um quê de apreensão, de medo.

Para nós era maravilhoso ver Ernesto ter uma vida social que a asma o impediu de conhecer direito. Os períodos de melhora, agora bem longos, deixavam-no brincar, ir à escola, fazer amigos e sair com eles. No verão, íamos todos nadar nos arroios, nas piscinas; era comovente ver como os olhinhos dele brilhavam ao fitarem a água. A natação, por sinal, lhe fazia muito bem.

Mas nós não tínhamos ilusões em relação à cura da doença. Se era verdade que em Alta Gracia Ernesto podia integrar-se ao grupo de meninos de sua idade, também era verdade que, durante longas temporadas, ele não conseguia fazer quase nada, vencido pelo abatimento e pelo cansaço que os contínuos ataques provocavam.

Quanto a Celia e a mim, só ficávamos em Alta Gracia por causa de Ernesto. Eu, particularmente, me sentia lá anulado e preso. Não podia agüentar aquela vida, entre pessoas doentes e entre os que acompanhavam os doentes.

Celia e eu mantínhamos vivo o sonho de voltar a Buenos Aires. Para nós, Alta Gracia era uma fase passageira. Nem de longe poderíamos supor que

¹⁰ LYNCH, Ernesto Guevara, op. cit., pp. 199-200.

¹¹ Província, na Argentina, é o que no Brasil chamamos de estado.

esse “passageiro” fosse durar onze anos. De qualquer forma, e apesar de tudo, eu teria dado mil vezes a vida para ver meu filho curado. Celia também.

Quando ele melhorava, nós o víamos tão cheio de entusiasmo, tão desejoso de ser uma criança normal, como as outras, que isso nos emocionava. Ernesto corria montanhas, trepava em árvores, comia o que bem entendesse e dormia bem. Mas havia épocas em que vivia ofegando, sempre fatigado, com o coraçãozinho disparado.

Eu sabia que em Alta Gracia aqueles ataques passavam logo. Ali ele podia viver e, quando sua saúde melhorava, melhorava também o clima familiar. Então nossa casa se enchia de alegria.

Mas nem essas fases mais serenas conseguiram evitar que eu caísse em depressão. Era difícil para um homem de trinta e quatro anos, sadio, que sempre levava uma vida ativa e praticara esportes, abandonar tudo de que gostava. Eu via meus planos se transformando em sonhos cada vez mais distantes, e isso me dava uma sensação de impotência, de abatimento. Quanto a Celia, era mais forte do que eu. Se alguma vez desanimou, não deixou transparecer.

[...]

Havíamos experimentado todos os medicamentos conhecidos; Ernesto passara pelas mãos dos melhores médicos argentinos. Em vão. [...]

[...] Até o fim da vida ele teve que carregar a cruz de uma doença terrível. E soube como carregar. Aprendeu a conviver com ela. A asma jamais o impediu de lutar por seus ideais. Ao contrário, parecia desafiá-lo, impulsioná-lo.

[...]

Não sei quem me recomendou (entre tantas coisas que me recomendavam) que comprasse um aparelho ozonificador de ar e que o pusesse perto da cama de Ernesto.

Fiz isso numa noite de verão, em que fazia muito calor. Eu havia colocado a cama de meu filho num quarto que dava para uma grande varanda, pensando que assim ele receberia ar mais puro. O aparelho de ozônio soltava um cheiro de gás que ia invadindo tudo e que não aliviava em nada a asma. Mais um ataque estava começando e nada poderia impedi-lo.

Eu, sem poder dormir, me sentei em sua cama e observei que o cansaço que o dominava havia dias agora alcançava o auge.

Uma tormenta se aproximava, dentro e fora da casa. Os relâmpagos cortavam o céu carregado. A umidade era muito intensa.

Durante a noite, seguindo o ritmo da respiração de Ernesto, eu havia chegado ao limite de minhas forças. **Concluí que era mais fácil meter um tiro na cabeça do que continuar sofrendo com meu filho. Naquele momento deixei de me enganar e assumi que aquilo não teria mesmo cura. A dor foi tão profunda que precisei de toda minha força de vontade para vencer o desânimo.**

Foi muito duro, para mim, sair do fundo do poço. E só consegui graças a esse não sei quê que move os seres humanos e não os deixa abandonar a luta. Eu era indispensável à minha família e a meu filho. Isso me bastava.¹²

¹² LYNCH, Ernesto Guevara, op. cit., pp. 145-148, grifo meu.

A INFÂNCIA

Guevara foi criado no meio do mato, da natureza de Alta Gracia. Quando a asma não atacava, levava uma vida igual a de qualquer moleque de rua: brigas gratuitas, brincadeiras de todo tipo, enfim.

Seus pais eram populares, pessoas simples, sem frescuras ou vaidades tolas. Isso criava um ótimo ambiente, com muita liberdade e alegria e, de vez em quando, naturalmente, algumas chineladas e puxões-de-orelha.

Certa manhã, em Alta Gracia, Ernestito respondeu mal à mãe. Eu, que estava lendo em meu escritório, me levantei para repreendê-lo, mas minha mulher já havia tomado suas providências. Ele, vendo que acabaria levando uma surra, saiu como uma flecha para a rua. Saltou por cima das valas abertas pelo serviço de águas e esgotos e perdeu-se na encosta da montanha, lugar cheio de árvores, arbustos e matagais.

Foram inúteis os chamados imperativos de Celia; Ernesto estava zangado e não queria ouvir nada. Minha mulher gritava para que ele voltasse para casa e recebia em resposta sucessivos “nãos”.

Naquela época estava sendo colocada a tubulação para o sistema de esgoto e de água em Alta Gracia e havia um grupo de operários trabalhando em frente a nossa casa, abrindo valetas e colocando canos. Rindo do incidente, eles mostraram a Celia onde Ernesto se escondia.

Mas nem assim ela conseguiu pegá-lo e então eu, convencido de minha agilidade, saltei as valas e comecei a persegui-lo. Mas qual não foi minha surpresa quando notei que jamais poderia alcançá-lo! Ele já se havia embrenhado na mata.

Depois de várias tentativas infrutíferas, cansado, decidi buscá-lo a cavalo. Arreei um alazão muito bom e me pus a caminho. Cheguei a ver Ernesto no sopé da montanha, tratando de se esconder; dei duas chicotadas no animal e me dirigi até onde estava meu filho. Esforço inútil. Ernesto escapou de novo e eu, além de ver estragada minha bombacha, arranhei as pernas e os braços com os espinhos dos arbustos. Fiquei furioso.

Nesse momento comprovei duas coisas: que eu já não era tão ágil para alcançar um menino e que meu filho sabia, como poucos sabem, se virar na montanha.

A tarde avançava e eu começava a me preocupar. Nisso Zacarias chegou à minha casa.

Ele devia ter uns quinze anos, era moreninho, magro, com pernas finas, que se havia tornado famoso como corredor de fundo nas corridas chamadas Maratona de Córdoba. Uma vez se inscreveu também em corridas realizadas em Buenos Aires.

Zacarias era muito pobre. Ganhava a vida vendendo os alfajores que a mãe fazia. Saía de manhã cedinho com a cesta cheia e voltava à tarde. Como a

situação econômica do povo de Alta Gracia não fosse das melhores, o pobre Zacarias retornava com a cesta ainda pela metade.

Os alfajores custavam cinco centavos cada um; não eram muito caros, mas os que mais os apreciavam não podiam comprá-los. Muitas vezes, Zacarias dava os doces aos amigos esfarrapados das vizinhanças.

Naquele dia ele teve sua grande oportunidade.

Eu não podia alcançar Ernesto nem a pé nem a cavalo e, preocupado porque a noite ia chegando, tive uma idéia ao ver Zacarias. Chamei-o.

- Você vendeu muito hoje?

- Que nada. Vendi pouco.

- Você gostaria de ganhar uns cinco pesos? (Essa soma correspondia ao total da cesta, isto é, cem alfajores.)

- Puxa, claro que gostaria!

Então expliquei meu plano: se ele conseguisse pegar Ernesto, que havia mais de quatro horas estava escondido no matagal, eu lhe pagaria cinco pesos.

Feito o trato, Zacarias, assobiando e louco de contentamento, foi-se metendo entre os arbustos.

Havia que esperar o resultado, para o que eu me escondi em lugar apropriado. Uma hora depois Zacarias voltava, ofegante, com ar desconsolado. Eu lhe perguntei:

- O que aconteceu?

Ele me respondeu, perturbado:

- Eu já o tinha pertinho de mim. Pus a cesta no chão e gritei-lhe que lhe oferecia um alfajor. Ernesto, a vários passos de distância, desconfiado, respondeu: “Atira-me o doce”. Insisti para que viesse buscá-lo e discutimos por algum tempo. Então eu cansei. Larguei a cesta lá e saí correndo, tentando alcançá-lo. Corri o mais rápido que consegui, mas com Ernesto ninguém pode.

E assim, desanimado, com a cesta sob o braço e muito cansado, Zacarias achou que perdera a tarde e o trato. Enganara-se: paguei-lhe os cinco pesos e o vi sumir nas montanhas, feliz e com o rosto iluminado de contentamento.

Quanto a mim, ficava cada vez mais preocupado. Era quase noite e Ernestito, que tinha apenas nove anos de idade, não podia ficar perdido naquele matagal imenso e cheio de perigos. Eu não sabia o que fazer quando uma mulher, que estivera observando as peripécias da “caça” a Ernesto, aproximou-se e disse, sem demonstrar o menor sinal de medo:

- Eu o conheço melhor que o senhor. Vá embora tranquilo. Quando ele tiver fome, voltará para a casa.

E foi o que aconteceu.

Saí para um passeio no povoado e, quando voltei, Celia veio a meu encontro, dizendo com voz baixa:

- Ernesto entrou pela porta dos fundos e se meteu na cozinha, escondeu-se no quarto e agora está dormindo.¹³

Num universo como esse, a infância é tudo menos, digamos, pacífica. A violência parece ser a única maneira de se dissipar a energia atômica da molecada: uma pedrada aqui, outra acolá; brigas de polícia-e-ladrão, rixas entre “grupos rivais”, e por aí vai. O pai do Che não deixava por

menos e, “didaticamente”, ensinava seus filhos a sobreviverem neste ambiente “hostil”, dando-lhes conselhos pertinentes.

Ernesto Moore, filho de inglês e irlandesa, era típico representante da raça: alto, magro, ossudo, de olhos azuis e sardento. Era a bondade personificada. [...]

Casado com minha cunhada Edelmira, tinha dois filhos, quase da mesma idade do meu: Ernesto Moore e Juan Martín Moore. O primeiro era um ano mais velho que Ernesto [o Che] e o segundo, um ano mais novo. Os três andavam sempre juntos. Amigos inseparáveis, desde muito pequenos brigavam por qualquer motivo, como acontece com todas as crianças.

Ernesto Moore-pai adorava os filhos e desejava que se criassem como homens, como ele havia sido criado; não queria que fossem “filhinhos da mãe”. Por isso os fazia andar, desde pequenos, com bombachinhas e botinhas de camponeses.

Ernesto, meu filho, muitas vezes costumava brigar com o primeiro mais velho; voavam chutes e socos. Logo o menor se juntava ao irmão. Eu tentava separá-los, mas o inglês Moore me dizia, num tom cachador [gozador, irônico]: “Deixe-os brigar, que assim se fazem homens”.

A mim parecia injusta não a briga em si, mas o fato de serem dois contra um. Mas o que mais me doía era que esse “um” era sempre o meu filho.

Um dia decidi ensinar Ernestito a se defender; estava cansado de vê-lo apanhar. Chamei-o e lhe disse: “Olha, quando os dois vierem, ataque o que estiver ao alcance de tua mão e dê um jeito nele. Depois faça o mesmo com o outro”.

E assim foi. Na primeira briga, como sempre, o inglês Moore dizia “deixe-os lutar”, enquanto se orgulhava da força de seus filhos, que se preparavam para sorrir o meu. O que ele não esperava era que Ernestito, vendo os primos se aproximarem, atacou o maior a mordidas. O menino gritava a todo pulmão, mas Ernestito não lhe dava sossego. Então o pai quis intervir para separá-los. Eu me interpus, dizendo: “Deixe-os brigar, para que se tornem homens!”.

O menino gritava, sangrava na orelha, e o pai se desesperava. Nesse momento ele deve ter compreendido a injustiça da luta desigual.¹⁴

Entre brigas e brincadeiras, os Guevara iam tocando suas vidas do jeito que podiam e sabiam.

Nosso lar era conhecido pelo apelido de “viva como você quiser”, imitando um antigo filme, famoso naquela época. Efetivamente, vivíamos em perfeita harmonia, respeitando espaços e individualidades. Mais que uma casa, aquilo parecia uma creche.

Na hora do chá, todos os amigos de meus filhos apareciam; nossa pobreza nunca chegou a ser tanta que nos obrigasse a negar alimento a alguém. Comia-se o que havia e tudo era repartido entre todos. Acontecia o mesmo na hora

¹³ LYNCH, Ernesto Guevara, op. cit., pp. 167-169.

¹⁴ Idem, pp. 131-132.

do almoço. Era raro o dia em que não contávamos com quatro ou cinco “convidados”.

Hoje, quando tantos anos me separam daquela época, rememoro com verdadeira nostalgia aqueles anos felizes.¹⁵

O grande grupo de meninos que acorria à Vila Nydia não pertencia a uma mesma classe social; havia, ao contrário, meninos de origens muito diferentes, de grã-finos – muito poucos – a crianças que não tinham sequer com o que se cobrir para dormir.

Todos eram amigos de meus filhos e nunca fizemos nenhum tipo de distinção entre eles. Todos se sentavam à nossa mesa com iguais direitos, o que para nós era uma satisfação.¹⁶

Ao conviver com as crianças de várias classes ou camadas sociais, Che pode perceber, desde pequeno, as distâncias gigantescas entre os ricos e os pobres na Argentina.

Os amigos de Ernesto, quase todos, eram filhos de mineiros, dos peões do campo de golfe, de auxiliares de jogadores, de garçons dos hotéis; esses eram seus companheiros, com exceção de um ou outro da classe média que abundava entre os habitantes dos chalés da Vila Carlos Pellegrini.

Lembro-me de uma família composta de seis crianças, companheiros de rua de Ernesto. Elas, o pai e a mãe viviam num mesmo quarto, onde havia uma única cama. Como abrigo só tinham alguns trapos velhos e folhas de jornal. Muito provavelmente, nessa época, nasce em Ernesto o senso de justiça, que nunca o abandonou.¹⁷

Quanto à evolução do pensamento político de Che, há quem dê muita importância à Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Castañeda, por exemplo, chega a afirmar que a guerra da Espanha foi a experiência política fundamental da infância e adolescência do Che. Ora, em 1936, Che tinha apenas 8 anos de idade. Ao término do conflito (1939) tinha apenas 11 anos. Francamente, acho um pouco forçada a idéia de que a derrota dos republicanos tenha marcado tanto assim o pequeno Che. De fato, Cayetano Córdova Iturbura, um tio seu, membro do Partido Comunista Argentino e jornalista, foi contratado em 1937 como correspondente estrangeiro na Espanha pelo diário *Crítica*, de Buenos Aires. Sua esposa foi então morar com seus dois filhos em Alta Gracia. As notícias que Cayetano mandava, naturalmente que passavam pelos Guevara que desfrutavam assim do privilégio de as terem de primeira mão. Che prende um mapa da Espanha na parede do

¹⁵ O autor, pai do Che, nasceu em 1900. Este livro foi escrito em 1972. Tinha, portanto, 72 anos de idade. Che já havia partido em 1967, na Bolívia, e sua ex-esposa, mãe do Che, dois anos antes, em 19 de abril de 1965.

¹⁶ LYNCH, Ernesto Guevara, op. cit., pp. 155-156.

seu quarto, para acompanhar a marcha dos republicanos e dos franquistas. No jardim de casa, junto com outros moleques, vai montar um “campo de batalhas”, com trincheiras e montes, onde uns seriam os franquistas e outros, republicanos. Coisas de criança...

Depois vieram os exilados.

Outro fator importante na conscientização do Che foi a chegada a Córdoba e depois a Alta Gracia de várias famílias expulsas da península Ibérica. A mais significativa, pela intimidade que estabelecia com o núcleo dos Guevara, foi a do médico Juan González Aguilar, que despachara previamente a esposa e os filhos para Buenos Aires e depois para Alta Gracia. Quando caiu a resistência republicana, o próprio González Aguilar – amigo de Manuel Azaña e colaborador de Juan Negrín, último presidente do governo legalista – exilou-se na Argentina. Seus filhos, Paco, Juan e Pepe, se matricularam com o Che no liceu Deán Funes, de Córdoba, em 1942; durante um ano os adolescentes percorreram juntos os 35 quilômetros de Alta Gracia até a escola.

A amizade entre as duas famílias durará décadas, e será dos relatos dos González Aguilar, assim como de outros refugiados que transitavam por sua casa – o general Jurado, o compositor Manuel de Falla -, que **Ernesto Guevara filho adquirirá boa parte de sua sensibilidade e solidariedade para com os republicanos. A guerra da Espanha foi a experiência política fundamental da infância e adolescência do Che. Nada o marcou tão fundo nesses anos como a luta e a derrota dos republicanos:** nem a Frente Popular francesa, nem a expropriação do petróleo no México, nem o New Deal de Roosevelt, para não falar do golpe argentino de 1943 ou mesmo da jornada de 17 de outubro de 1945 e do advento de Perón.¹⁸

A INFLUÊNCIA DA MÃE

O próprio pai do Che reconhece que seu filho se abria mais com a mãe do que com ele.¹⁹

“Como era natural, ele se abria muito mais com os irmãos do que comigo e muito mais com a

¹⁷ LYNCH, Ernesto Guevara, op. cit., p. 150.

¹⁸ Castañeda, op. cit., p. 29, grifo meu. Que o leitor faça o seu próprio julgamento. O pai do Che não mede esforços para mitificar o filho. *“Naquela época meu filho Ernesto tinha apenas nove anos [...]. Foi assim que, mesmo criança, ele apoiou com entusiasmo a República espanhola. Não faltou a um único ato de apoio aos democratas. E sempre se informava, através de jornais e de livros, do desenrolar daquela luta.”* Lynch, op. cit., pp. 175-176. Com nove anos?!...

¹⁹ A análise de Castañeda sobre o pai do Che é bastante negativa: *“Guevara Lynch era, simultaneamente, um grande boêmio, um formidável amigo dos filhos, um provedor medíocre e um pai distante e indiferente. Sem dúvida são autênticas suas recordações sobre as horas passadas com o filho, nadando, jogando golfe, dando-lhe atenção e falando-lhe da vida. Mas também o eram o desligamento durante o resto do tempo e a displicência ante as necessidades do menino e da família. Enquanto a mãe fazia as vezes de professora, de organizadora do lar e enfermeira, Guevara Lynch construía casas em sociedade com o irmão e passava longas horas no Sierras Hotel, ponto de reunião e lazer da sociedade abastada de Alta Gracia.”* Castañeda, op. cit., p. 25. A relação conjugal dos pais do Che, de

*mãe, por quem tinha verdadeira devoção, o que não o impedia de, nas cartas, repreendê-la carinhosamente, porque no fundo lhe tinha admiração”.*²⁰

Um pequeno parêntese. Não nos cabe tecer comentários de natureza, digamos, pessoal sobre os personagens que exerceram alguma influência na formação do Che. Toda investigação histórica, como qualquer estudo de qualquer natureza, deve respeitar algum padrão ético. Do contrário, no campo das ciências sociais, corremos o risco de invadir a intimidade, a vida privada das pessoas, das famílias – desnecessariamente - como o fazem essas revistas-de-fofoca sobre a vida de artistas e pessoas famosas, movidas por interesses pouco nobres. Os mortos também merecem respeito, ainda mais quando sabemos que nesta condição não podem mais se defender.²¹ Limitar-me-ei, pois, ao necessário para o objeto desta monografia.

Celia de La Serna, mãe do Che, era uma mulher muito inteligente e culta, e parecia sempre saber o que queria da vida. Casou-se com Ernesto Guevara Lynch aos vinte anos (ele tinha vinte e sete). Era uma feminista de orientação socialista e anticlerical (Igreja Católica e Estado conservador e autoritário se davam muito bem naquela época). Participou, dentro de suas possibilidades (ainda era uma adolescente) das lutas pela ampliação dos direitos civis às mulheres argentinas, como o de celebrar contratos sem o consentimento dos maridos, o pátrio poder para as viúvas e muitos outros.

Falava francês fluentemente. Quando o Che não ia ao colégio por causa das crises de asma, era Celia quem lhe dava lições de francês e de outras matérias. Foi ela quem, no seu colo, ensinou Che a ler e escrever. Dominava o inglês.²²

Amava a liberdade e era pouco simpática a convencionalismos sociais.

acordo com vários biógrafos, nunca foi pacífica. Divergem sobre a data da separação. Uns dizem que, já em Alta Gracia, os pais do Che já não viviam juntos mas que o pai visitava a sua família todos os dias. Outros afirmam que a efetiva separação se deu apenas no ano de 1950. “*Não é preciso dizer que nem o próprio pai do Che nem nenhuma das fontes oficiais ou oficiosas cubanas menciona a separação do casal. Aparentemente, preferem manter imaculada, em todos os sentidos possíveis da palavra, até a mais tenra infância de Ernesto Guevara.*” Idem, p. 37.

²⁰ LYNCH, Ernesto Guevara, op. cit., p. 218.

²¹ A Excelente obra de Jorge G. Castañeda (Che Guevara: a vida em vermelho), aqui muito utilizada, em algumas questões, a meu ver, extrapola um pouco os limites da sua investigação, fazendo inclusive algumas adjetivações sem justificá-las. Ex.: “*Os Guevara de La Serna viveriam muito mais das diversas rendas e heranças de Celia que dos disparatados e sistematicamente falidos projetos empresariais do chefe da família*”(p. 18, grifo meu). Não estou aqui para defender o pai do Che, mas dizer que um projeto empresarial é “disparatado” exige alguma exemplificação ou justificativa. Tal adjetivação nos dá a impressão de que o pai do Che, embora não fosse nenhum santo como tenta transparecer em seu livro, era um irresponsável, o que não é verdade. Ver apêndice “*Sobre algumas posições de Castañeda*”.

²² Celia teve 5 filhos: o Che (o primeiro), Celia e Ana María, Roberto e o caçula, Juan Martín.

Nadava muito bem. Dizem que filho de peixe, peixinho é. Podemos ver em Celia a autoconfiança e a coragem sempre presentes no Che. Celia era, sem sombra de dúvidas, uma mulher corajosa e audaciosa.

Lembro-me de que um dia, ancorados no meio do Paraná das Palmas, Celia apareceu na cobertura do barco, de maiô, decidida a se atirar na água. Havia muitos convidados a bordo, entre eles meu cunhado Martines Castro, considerado grande nadador, que tratou de mostrar o perigo que ela corria ali, porque a corrente era muito forte. Fiz a mesma coisa, mas foi inútil. Celia se atirou no rio.

Havia dado apenas algumas braçadas quando notamos que a corrente começava a arrastá-la.²³

Resumindo: foi difícil resgatá-la, e quase morreu afogada.

Toda aquela cena se desenvolvia diante do olhar perplexo de meu filho Ernesto, que tinha cerca de cinco anos. Aterrado, ele seguiu a operação atentamente. E logo teve que se acostumar às peripécias da mãe, **que não conhecia o medo ou o perigo.**²⁴

Guevara, por razões que abordaremos adiante, em 1965 está na África, lutando no Congo. De todas as suas experiências militares, a guerra revolucionária no Congo foi a mais traumática; uma tragédia em todos os sentidos; um verdadeiro filme de terror. Tudo deu errado! É naquele inferno que o Che recebe a notícia da morte de sua mãe. Era o mundo se acabando...

Essa mulher excepcional foi sem dúvida a figura afetiva e intelectual mais importante na vida do filho mais velho, pelo menos até o encontro deste com Fidel Castro no México, em 1955. Ninguém desempenhou na vida do Che um papel equivalente ao de Celia, sua mãe, nem o pai, nem as esposas ou os filhos. A mulher que conviveu durante vinte anos com o perigo e o estigma do câncer; a militante que pouco antes da morte passou semanas no cárcere em razão do sobrenome que partilhava com o filho; a mãe que educou e manteve cinco crias quase por conta própria impôs uma marca à vida de Che Guevara a que só Castro pôde se igualar, durante um breve interlúdio na vida dos dois. Nada ilustra melhor a glória e a tragédia da saga de Guevara que seu lamento dilacerado no coração das trevas ao receber no Congo a notícia da morte da mãe [...].

²³ LYNCH, Ernesto Guevara, op. cit., p. 109.

²⁴ Idem, p. 110, grifo meu.

Não pôde despedir-se dela, nem guardar o luto que sua dor impunha. A revolução africana, as enfermidades tropicais ferozes e as eternas divisões tribais dos descendentes políticos de Patrice Lumumba o impediam. Celia falece em Buenos Aires, expulsa do hospital onde jazia no leito de morte; os donos da clínica se recusaram a albergar a mãe que parira Che Guevara 37 anos antes. Che carrega seu pesar nas colinas da África, desterrado de sua pátria adotiva [Cuba] pelos próprios demônios internos e pelo fervor idealista que herdou da mãe. Morrerá poucos anos mais tarde: duas mortes demasiado próximas.²⁵

A ADOLESCÊNCIA

Na adolescência, Che nunca foi, digamos, um jovem engajado. Nunca foi um militante ou colaborador do movimento estudantil.²⁶

Como disse sua irmã Ana María, em relação ao peronismo, ‘ele não tomou partido nem a favor nem contra. Manteve-se como que à margem.^[...] Sua filiação à Federação Universitária de Buenos Aires (FUBA) era mais burocrática que engajada; **o Che não era um ativista estudantil**’. Nas palavras de uma companheira de trabalho: ‘Na realidade, Ernesto não tinha uma definição política quanto a Perón [...] Discutia com um peronista, atacando Perón, e logo defendia Perón diante de um antiperonista [...] Não era peronista nem antiperonista. Era justo.’²⁷

Era um jovem em busca de aventuras. A sua primeira grande viagem começou em janeiro de 1952. Tinha então 23 anos de idade. Ainda não havia concluído o ensino superior. Visitaria cinco países, ao longo de quase oito meses, em companhia de seu amigo de Córdoba, Alberto Granado. Nesta famosa viagem, Guevara se depara com as mazelas seculares de Nossa América.

Viajar, conhecer novas sociedades, culturas, enfim, sempre amplia em muito os nossos conhecimentos sobre o mundo, sobretudo o mundo dos Homens. Quando o indivíduo tem sensibilidade, não é egoísta, não olha apenas para o próprio umbigo, e se depara com cenas dramáticas

²⁵ Castañeda, op. cit., pp. 18-19. Em meados de maio de 1965, o estado de saúde de sua mãe é gravíssimo. Ela pede desesperadamente que liguem para Havana. Quer falar ou se despedir do Che. A companheira de Fidel atende a ligação e responde que o Che estava bem em Cuba mas que não podia ser localizado. Escondia o segredo sobre o Congo. Alguns dias depois, a mãe do Che – agonizante - retorna a ligação e recebe a mesma resposta. A comoção da família Guevara foi tremenda. Dois dias depois, Celia faleceu. Castañeda, op. cit., p. 352.

²⁶ “*Como bem observa um biógrafo crítico da vida do Che: ‘Uma investigação exaustiva dos escassos fichários dos grupos atuantes na época [do auge do peronismo] não permitiu que se descobrisse o nome de Guevara como membro de nenhuma das organizações estudantis, tampouco do centro oficial [dos Estudantes de Medicina]’*”. Idem, p. 50.

²⁷ Ibidem, p. 50, grifo meu.

da miséria humana, isto lhe produz – além de uma revolta contra as injustiças sociais muito grande – uma curiosidade pelas causas explicativas destas mazelas.²⁸

Guevara retorna à Buenos Aires em 31 de agosto de 1952, depois de ficar por pouco mais de 30 dias em Miami. Estava com um argentino que transportava cavalos de corrida e lhe dera carona. Houve problemas no avião, daí o atraso em Miami. Seu amigo, Granado, decidiu ficar em Caracas.

Che pretende terminar seus estudos e partir novamente, sabe-se lá para onde. Em 12 de junho de 1953, obtém o título de doutor da Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires. *“Menos de um mês depois, e a apenas um ano do regresso a casa, tomou o trem [...] acompanhado de seu amigo de infância Carlos “Calica” Ferrer, em direção à Bolívia, primeira escala de seu retorno à Venezuela [onde se reencontraria com seu amigo Granado].”*²⁹

Depois da primeira viagem, Guevara passou a se interessar mais por política. Mas, segundo José Aguilar, amigo de Che, o que lhe atraía na Venezuela ainda era trabalhar como médico.

Por que o Che, pouco depois de completar 25 anos, deixou sua pátria para nunca mais voltar? Por uma série de fatores, uns que o atraíam, outros que provocavam repulsa; uns passageiros e ilusórios, outros de longo alcance e profundamente psicológicos. Ele próprio dizia: ‘O que fiz foi apenas fugir de tudo o que me incomodava’.³⁰

²⁸ Há viagens que servem de marco para a explicação de mudanças no pensamento das pessoas. Por exemplo, a participação de Luiz Carlos Prestes na Coluna que marchou por quase todo o interior do Brasil, Coluna que posteriormente teria o seu nome (Coluna Prestes: 1924-1927) foi decisiva para que nele despertasse uma curiosidade científica para a compreensão das verdadeiras causas, a identificação dos verdadeiros responsáveis pela miséria de nossos povos. Prestes não tinha idéia, até então, das condições subumanas de viver da maioria do povo brasileiro. Assim como o Che, Prestes também se tornaria um comunista.

²⁹ Castañeda, op. cit., p. 76.

³⁰ Idem. *“É outra a versão de Isaías Nougués, que recebeu Ernesto e Calica Ferrer em La Paz: ‘Dizia que sua partida da Argentina devia-se à ditadura peronista, que lhe dava asco, e que preferia partir a conviver com ela. Todavia, Ferrer, seu companheiro de viagem, considerava que o verdadeiro motivo era a situação de sua casa, onde a forte – e descontente – personalidade de sua mãe diluía e frustrava a personalidade de seu pai’ Para Jorge Ferrer, o irmão de Calica, o novo e definitivo exílio do Che não se devia a uma necessidade de fugir, mas antes a seu desejo de conhecer o mundo, de compreender os problemas e realidades da América Latina e de continuar a descobrir os mistérios e encantos das culturas estrangeiras. Há ainda o compromisso que Guevara assumira com Alberto Granado de trabalharem juntos no leprosário venezuelano do Orenoco, e as promessas aos amigos eram sagradas para ele. Por fim, o fascínio pelo desconhecido continuava a arrastá-lo para longe, juntamente com os sentimentos conflitantes que agoniavam sua vida portenha: a separação-reconciliação dos pais, o dilema político, existencial e familiar representado pelo peronismo, seu interesse e ao mesmo tempo distância em relação à profissão, e o tédio pela plácida monotonia de Buenos Aires. [§] O afastamento da família foi doloroso para todos, mas em especial para sua mãe. Sua nora testemunha: Quando ele partiu, lembro que Celia, sua mãe, estava sentada em uma poltrona, agarrou minha mão e me disse: Minucha, vou perdê-lo para sempre, nunca mais verei meu filho Ernesto. Depois fomos à estação de trem; Celia estava lá; lembro que quando o trem partiu Celia correu, correu, correu pela plataforma, junto com o vagão’.* Ibidem, pp. 76-77.

Nesta viagem, já temos um Che politicamente interessado. No cardápio das aventuras, envolver-se em lutas políticas já era uma possibilidade interessante a considerar. E aqui podemos perceber a gênese do seu pensamento político-militar.³¹

2 – O PENSAMENTO POLÍTICO-MILITAR DO CHE

*A política é a guerra sem derramamento de sangue;
a guerra é a política com derramamento de sangue.
Todos têm que compreender esta verdade:
o poder nasce do fuzil.
Mao Tsé-Tung*

*Político-militar é a luta,
assim é preciso desenvolvê-la e
portanto entendê-la.
Che Guevara*

1953: BOLÍVIA

Em 11 de julho de 1953, chegam à Bolívia e lá ficam por cinco semanas. Visitam uma mina de tungstênio nas encostas do Illimani. Nela se deparam com diversos abusos cometidos por capatazes norte-americanos contra os trabalhadores locais. Sabemos que, desde a colonização espanhola, o trabalho nas minas sempre apresentou elevadas taxas de mortalidade. Trabalho penoso e insalubre, extensas jornadas, alimentação precária, salários miseráveis, ausência de normas e equipamentos de segurança ceifavam – e ainda ceifam – vidas aos baldes, seja por acidentes fatais, doenças pulmonares ou por toda a sorte de fatores decorrentes da combinação de uma dieta miserável e um trabalho extenuante.

É muito provável que Che tenha adquirido na Bolívia o seu sentimento antiamericano. Também a sua convicção de que um povo sem armas é frágil e facilmente derrotado é confirmada pela ação da classe operária boliviana.

Quando falamos de movimento operário na Bolívia devemos pensar sobretudo em mineiros com fortes sentimentos de classe.³² Na Bolívia, os proprietários das minas eram os membros

³¹ “A primeira escala da nova viagem foi a Bolívia, não tanto por interesse intrínseco pelo país, e sua situação política e social, mas porque era o modo mais barato de chegar à Venezuela de trem. [...] Ernesto Guevara e Calica Ferrer chegaram a La Paz em 11 de julho de 1953. Passara-se apenas um ano desde a tomada do poder pelo Movi-

mais importantes da oligarquia, que enfrenta, como quase toda a América Latina, a crise de hegemonia dos anos 1930.³³

Em 1936 é fundada a Confederación Sindical de Trabajadores Bolivianos (CSTB), a organização operária mais importante até a formação da Central Operária Boliviana (COB) durante a revolução de 1952. Nesse ínterim, várias greves foram decretadas pelos mineiros sendo algumas sangrentamente reprimidas. As relações entre patrões e empregados na Bolívia sempre foram violentas.

Basicamente, os militantes do movimento operário estavam distribuídos no MNR (Movimiento Nacional Revolucionário), reformista, corporativista, nacionalista e de caráter burguês, e no POR (Partido Obrero Revolucionário), trotskista.

Em junho de 1944, é fundada a Federación Sindical de Trabajadores Mineros de Bolivia (FSTMB) num congresso nas minas de Huanuni. As condições de vida do proletariado boliviano são as piores possíveis. As greves se sucedem e com elas a repressão brutal.

Em novembro de 1946, no Congresso de Pulacayo da FSTMB, os mineiros aprovam as *Teses de Pulacayo*, um programa revolucionário para todo o povo boliviano. Repúdio à colaboração de classes, luta contra a burguesia, os latifundiários, o imperialismo e o fascismo.

[...] 3. Ocupação das minas [...]. Os Comitês de Minas deverão decidir os destinos da mina e dos operários que trabalham na produção [...]. Para rechaçar o boicote patronal, ocupem as minas! [...] 6. Controle operário das minas [...]. Os operários devem controlar a direção técnica da exploração, os livros de contabilidade, intervir na designação de empregados técnicos e sobretudo devem interessar-se em publicar os lucros [...] e as fraudes que realizam quando se trata de pagar impostos [...]. 7. Armamento dos trabalhadores [...]. Se queremos evitar

mento Nacionalista Revolucionário (MNR), liderado por Víctor Paz Estenssoro, e o país ainda vivia efervescente período de reforma.” Castañeda, op. cit., p.78.

³² “(...) es probable que el aislamiento espacial de las comunidades mineras y la agregación de gran número de hombres (frecuentemente jóvenes [a silicose, doença provocada pela inalação de areia em grãos finíssimos, que vão se acumulando nos pulmões degradando-os até a morte, baixava a expectativa de vida dos mineiros]) formando una masa compacta y relativamente homogénea produjeran un nivel alto de identidad <<de clase>>.” LA CLASE TRABAJADORA URBANA Y EL MOVIMIENTO OBRERO EN AMÉRICA LATINA DESDE 1930. IN: BETHELL, Leslie (org.), HISTÓRIA DE AMÉRICA LATINA, Ed. Crítica, Barcelona, 1991, p. 135.

³³ “Logo após a guerra do Chaco, entre Bolívia e Paraguai (1932), assume a presidência da Bolívia o coronel Davi Toro, declarando-se chefe de uma revolução militar e socialista. Decreta, bem ao estilo nacional-estatista do período, a criação do Ministério do Trabalho (corporativismo de estilo fascista), a sindicalização obrigatória, concessão de direitos civis para as mulheres e a fundação da Yacimientos Petrolíferos Fiscales Bolivianos, uma empresa estatal de exploração de petróleo, cassando a concessão da Standard Oil.” FILHO, Omar de Barros, BOLÍVIA: VOCAÇÃO E DESTINO, editora Versus, São Paulo, 1980, p. 22.

que o massacre de Catavi se repita, temos que armar os trabalhadores [...].³⁴ De onde tirar armas? O fundamental é ensinar aos trabalhadores de base que devem armar-se contra a burguesia armada até os dentes; os meios para isso se encontrarão. Ou se esqueceram que diariamente trabalhamos com poderosos explosivos? [...] Toda greve é um começo potencial da guerra civil, e a ela devemos ir devidamente armados. Nosso objetivo é vencer, e para isso não devemos esquecer que a burguesia conta com exército, polícia e bandos fascistas [...]. Todos os sindicatos estão obrigados a formar piquetes armados com os mais jovens combativos. Os piquetes sindicais devem organizar-se militarmente [...]. Contra futuros massacres, militantes operários armados!³⁵

Essas teses foram fortemente influenciadas pelos trotskistas agrupados no POR.

Um dos itens da *Tese de Pulacayo* determinava a organização de uma central operária: “A luta do proletariado necessita de um comando único. Necessitamos forjar uma poderosa **CENTRAL OPERÁRIA**”.³⁶

A luta de classes ganha intensidade. Provavelmente, algo em torno de 800 mineiros foram mortos pelas forças governamentais nos conflitos nas minas de Potosí (janeiro de 1947) e Catavi (maio e setembro de 1949). Em 1950, na cidade de La Paz, greve geral com forte participação de mineiros desempregados em 1947.³⁷ Nada era capaz de segurar o movimento operário e popular boliviano, que além dos mineiros aglutinava os ferroviários (outro importante setor trabalhista com forte poder de pressão visto que sem o trem não há exportação de estanho) e toda uma variedade de trabalhadores do campo e da cidade.

³⁴ Massacre de Catavi: em 21 de dezembro de 1942, o Exército metralhou uma marcha que havia partido da mina Século XX para a localidade de Catavi [que fica a mais ou menos 5 km de distância] onde estava a gerência. Morreram dezenas de operários, mulheres e crianças [mais de quatrocentos mortos e mil feridos]. O lugar da matança foi chamado de ‘Campo María Barzola’, que era o nome de uma mulher morta que encabeçava a marcha com uma bandeira [boliviana]. O dia 21 de dezembro é recordado todos os anos como o ‘Dia do Mineiro’ (Revista *Marxismo Vivo* nº 8, PSTU, São Paulo, 2004, p. 61). Esta mina Século XX foi, segundo Omar de Barros Filho (*op. cit.*, p. 19) a maior planta concentradora do mundo, um formigueiro humano. 700 km de galerias abertas com 80 km de trilhos subterrâneos consumindo 30 mil quilowatts, muito mais do que o consumo de toda a Bolívia. Durante a 2ª Guerra Mundial, ficou acertado que a Bolívia deveria vender seu estanho aos EUA ao preço fixo de 42 centavos de dólar a libra fina. Ora, como metal estratégico para as guerras, o estanho subiu muito de preço mas continuou sendo vendido por 42 centavos. No ano de 1941, o Japão domina a Indonésia e a Malásia, ficando para os aliados, como único grande produtor, a Bolívia. Tal como aconteceu no Brasil no caso dos seringueiros amazônicos, os mineiros bolivianos experimentaram o máximo da exploração justificada pelo esforço de guerra. Vale dizer que Simon Patiño, um dos três grandes proprietários de minas na Bolívia, o maior deles, controlava também uma empresa *holding* que explorava minérios também na Indonésia e na Malásia. O “esforço de guerra” foi só dos mineiros que a um tempo abasteceram os exércitos aliados e diminuíam os prejuízos do Sr. Patiño. Foi neste contexto que se deu o massacre de Catavi. Na associação de interesses entre a oligarquia boliviana e o imperialismo, as desvantagens da oligarquia eram jogadas literalmente nas costas dos mineiros.

³⁵ Revista *Marxismo Vivo* nº 8, PSTU, São Paulo, 2004, p. 61.

³⁶ FILHO, Omar de Barros, *op. cit.*, p.30.

Em abril de 1952, a evolução da luta de classes produz a Revolução. Os operários, os camponeses, o povo boliviano levanta-se em armas e derrota o exército regular, entregando o poder ao vacilante Paz Estenssoro, do MNR.³⁸ Em 16 de abril é fundada a COB, agrupando todas as milícias operárias e todas as organizações operárias e camponesas da Bolívia.³⁹ De fato, um órgão de poder dual, se é que podemos dizer que nesse momento havia qualquer outro poder firme além da própria COB, que naquela altura convertera-se num autêntico Poder Popular não limitado apenas a interesses operários mas aos de todo o povo boliviano.

A COB nunca foi apenas uma organização sindical. Nunca foi só operária, embora seus objetivos fossem pautados prioritariamente pelos interesses operários. Camadas médias da população sempre participaram da COB assim como camponeses.⁴⁰ É possível dizer, embora seja necessário melhor pesquisa, que a COB sempre representou a maioria da população boliviana.

Tantas singularidades quase empurrariam a COB para uma aspiração, um desejo pelo poder político. É quase que uma consequência do processo. Em 1952, tal poder esteve ao alcance de suas mãos. O exército havia sido derrotado, as milícias eram controladas pelo *Corpo Nacional de Milícias Armadas da Central Operária Boliviana*, com até 100 mil homens à disposição. Mas ainda não teria sido desta vez, e não entraremos aqui no mérito.⁴¹

A Revolução Boliviana ocorre em 1952. No ano seguinte, lá está o nosso protagonista. Vimos que o Che escolheu passar pela Bolívia simplesmente por ser o melhor caminho para se chegar à Venezuela. Tal coincidência seguramente que foi obra do *acaso histórico*.

O Che logo se iludiu com a revolução boliviana, embora depressa se irritasse com suas falhas óbvias.^[...] Em sua correspondência inicialmente enfatizava os aspectos positivos: a criação das milícias armadas pelo governo revolucionário

³⁷ Os preços do estanho, principal minério da Bolívia, estão baixos no mercado mundial, provocando desemprego em massa e redução de salários para a manutenção da rentabilidade das minas.

³⁸ Em resumo, em 1951, Víctor Paz Estenssoro ganha as eleições para a presidência da República prometendo a nacionalização das minas e reforma agrária. Um golpe militar procura evitar a sua posse mas é derrotado pelo povo boliviano em 1952. Paz Estenssoro é empossado.

³⁹ Segundo a Revista *Marxismo Vivo* (op. cit., p. 51), a COB teria sido fundada em 16 de abril de 1952. Segundo Omar de Barros Filho (op. cit., p. 31) o correto seria 17 de abril de 1952.

⁴⁰ Em 1979, o movimento camponês funda a poderosa Confederação Camponesa, que se filia à COB.

⁴¹ Segundo a Revista *Marxismo Vivo*, “A revolução boliviana de 52 foi a maior, mais perfeita e clássica revolução operária que ocorreu depois da russa de 1917” (op. cit., p. 58). De fato, as semelhanças são enormes: vanguarda operária, dualidade de poderes, destruição do exército regular, possibilidade de resolvê-la quase que pacificamente, apoio em massa dos camponeses... “A grande diferença foi a forma como o partido revolucionário agiu. Os bolcheviques exigiram que os soviets rompessem com o governo provisório burguês e tomassem o poder em suas mãos [...]. O POR chamou a defesa do governo burguês”. Idem, p. 54.

rio, a reforma agrária, a nacionalização das minas de estanho e antimônio. Assim, em 24 de julho – ou seja, pouco mais de dez dias depois de desembarcar na capital boliviana – escreveu ao pai que o país ‘vive um momento particularmente interessante’ e que presenciou ‘desfiles incríveis de gente armada de máuseres e matracas’. Em uma carta [...] postada em Lima no início de setembro, ele comenta: ‘A Bolívia é um país que deu um exemplo realmente importante para a América [...] Aqui as revoluções não são feitas como em Buenos Aires [...] **o governo está apoiado pelo povo armado, por isso não há possibilidade de ser derrubado por um movimento armado vindo de fora**; só pode sucumbir em consequência de lutas internas’.⁴²

Estou inclinado a acreditar que o Che, em 1967, ao escolher a Bolívia para continuar a guerra na América Latina tomou em consideração todo este processo histórico.⁴³

Em meados de agosto de 1953, Che parte da Bolívia em direção à Venezuela. No Equador (Guayaquil) muda seus planos e decidi ir para a Guatemala. A viagem demora uns dois meses.

É na Guatemala que Che conhece a peruana Hilda Gadea, uma militante de esquerda que viria a ser a sua primeira esposa. Casam-se em 18 de agosto de 1955, no México, dias depois de Hilda descobrir que estava grávida. Tiveram uma menina.

Ao passar pela Costa Rica, faz contato com dois sobreviventes exilados que participaram do famoso assalto ao Quartel Moncada, em 26 de julho de 1953.⁴⁴ Os cubanos lhe falam da tenta-

⁴² Castañeda, op. cit., pp. 79-80, grifo meu.

⁴³ Castañeda, pelo contrário, estranhamente vê o Che portando preconceitos pelos índios mineiros. Vide pp. 81-82.

⁴⁴ Na segunda metade do século XVIII, o antigo sistema colonial ibérico entra em colapso. A supremacia do capital comercial dava lugar à supremacia do capital industrial. Nações como Inglaterra, França e EUA (industriais) substituiriam nações como Portugal e Espanha (comerciais) na dominação do mundo.

É neste contexto que surgem as independências latino-americanas. Cuba, somente em 1898, depois de uma guerra envolvendo os EUA e a Espanha, consegue a sua “independência”. Na verdade, os EUA – na prática – passaram a ser os donos de Cuba, substituindo a Espanha. Obrigou os cubanos a fazerem constar em sua nova Constituição (1903) o direito dos EUA de invadir Cuba para a “manutenção da ordem”, quer dizer, sempre que os seus interesses econômicos estivessem ameaçados (Emenda Platt).

A capital de Cuba, Havana, era a um tempo capital política e capital do jogo e da prostituição, muito freqüentada por milionários norte-americanos. A maioria da população era miserável. O controle da produção e exportação do açúcar (principal produto cubano), mas também de outros setores importantes da economia, pertencia a capitalistas estadunidenses.

Em março de 1952 seriam realizadas eleições. Fulgencio Batista, um ex-sargento do exército, prevendo sua derrota eleitoral para o partido de Fidel, toma o poder através de um golpe de Estado, em 10 de março de 1952. Contando com o apoio dos EUA, instala uma sangrenta ditadura.

Fidel Castro, um jovem advogado, militante da esquerda cubana, pretendia disputar uma vaga de deputado pelo Partido do Povo Cubano nas eleições marcadas para março. Com o golpe de Estado, resolve organizar a luta armada para tomar o poder. Junto com seu irmão Raúl Castro e mais 124 ativistas estudantis e outros, no dia 26 de julho de 1953, ataca o quartel de Moncada, a 20km de Santiago, o segundo quartel mais importante de Cuba. O fracasso foi total. Muitos militantes foram mortos e Fidel Castro logo foi preso.

A pressão popular obriga Fulgencio Batista a anistiar seus presos políticos em maio de 1955, inclusive Fidel, que segue para o México, para preparar a sua volta com um novo exército. (continua na próxima página...)

tiva de Fidel Castro de derrubar o regime de Fulgencio Batista. Na Guatemala, onde chega às vésperas do ano-novo em 1953, Che conhecerá outros cubanos que também participaram do assalto.

1953: GUATEMALA

No livro de Berardo⁴⁵ encontramos referências ilustrativas sobre a exploração estrangeira na Guatemala. Três empresas praticamente controlam o país: United Fruit, Internacional Railways of Central American e American Foreign Power. “*São donas de plantações, portos, estradas de ferro, meios de comunicação e fontes de energia. As concessões de petróleo da Standard Oil totalizam quatro milhões e 600 mil hectares, quase a metade do território guatemalteco.*”⁴⁶

Em 1954, o coronel e presidente Jacob Arbenz Gusmán, que tinha sido Ministro da Defesa do presidente anterior (o professor Juan José Arevalo, que fez importantes reformas nos sistemas de saúde e educação) inicia uma reforma agrária para distribuir terras aos indígenas (60% da população). Era um nacionalista.⁴⁷ A CIA não gostou e organizou um sangrento golpe militar.

As forças direitistas invasoras foram montadas em Honduras, pelos Estados Unidos, que enviou até aviões e cujo seu secretário de Estado, John Foster Dulles, era também advogado da United Fruit.⁴⁸ [§] Os chefes militares de Arbenz recusaram, ao seu pedido, de entregar armas e munições aos operários e camponeses e se voltaram até contra os mesmos. [§] Castillo Armas [o novo ditador] teve, como primeiro ato, devolver as terras expropriadas [...].⁴⁹

Após o golpe, Che se asila na embaixada da Argentina. De lá vai para o México.

Se na Bolívia de 1952 o Che amadurece o seu antiamericanismo e a sua convicção da importância da luta armada de todo o povo, na Guatemala terá a oportunidade de ver – com os pró-

Foi no México que Fidel Castro e Che Guevara se conheceram. Após longas conversas, Guevara decide participar desta nova tentativa de tomada do poder em Cuba. Em 24 de novembro de 1956, Fidel, Che e mais 80 guerrilheiros embarcam num pequeno iate de 17,5m de comprimento, de Tuxpán, no México, em direção a Cuba.

⁴⁵ Berardo, João Batista, *Guerrilhas e Guerrilheiros no drama da América Latina*, Edições Populares, São Paulo, 1981.

⁴⁶ Berardo, João Batista, op. cit., p. 352.

⁴⁷ Jacobo Arbenz tomou posse em 15 de março de 1951.

⁴⁸ O irmão de John Foster Dulles, Allen Dulles, era diretor da CIA.

⁴⁹ “*O ditador Castillo Armas foi assassinado em 1957, no palácio presidencial, por um soldado de sua própria guarda, que se enojou e se revoltou com tanta bandalheira deste pequeno agente do imperialismo.*” Idem.

prios olhos – o que o imperialismo é capaz de fazer para assegurar os seus interesses quando levemente ameaçados. O golpe de 26 de junho de 1954 na Guatemala foi um verdadeiro banho de sangue: torturas, assassinatos em série e em massa além da retirada de direitos sociais concedidos pelos governos anteriores. Seguramente, a experiência de oito meses e meio na Guatemala marcou profundamente o seu pensamento político-militar, notadamente a sua profunda convicção de que somente destruindo totalmente o exército, substituindo-o por um exército de novo tipo, a vitória das forças populares estaria assegurada.⁵⁰

Impossível não reconhecer que o antiamericanismo do Che, se amadurece na Bolívia, atinge a maturidade na Guatemala. Se havia dúvidas, na Guatemala ficou claro que os Estados Unidos seriam oposição implacável a quaisquer mudanças econômicas e sociais profundas, estruturais. Conquistado o poder, qualquer movimento revolucionário latino-americano que se recusasse a enfrentar corajosamente os EUA estaria condenado à morte.

Foi também na Guatemala que Che percebeu os perigos de uma liberdade para uma imprensa controlada por grupos transnacionais. “*Os jornais mantidos pela United Fruit são tantos que, se eu fosse Arbenz, fecharia todos em cinco minutos*”, escreveu Che.⁵¹

Provavelmente foi na Guatemala que a CIA passou a se interessar pelo Che.⁵² Os comunistas também.

Sua condição na embaixada correspondia mais à de hóspede que à de refugiado político, o que lhe permitia sair com alguma frequência.^{[...] Passou aproximadamente um mês ali, acompanhado de muitos argentinos, mas também de jovens de outros países e da própria Guatemala, entre eles, o futuro fundador e dirigente do Exército Guatemalteco dos Pobres (EGP), Rolando Morán, e Tula Alvarenga, já então companheira do secretário-geral do Partido Comunista de El Salvador, Cayetano Carpio (mais tarde o legendário Marcial da época da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional, a FMLN). Formou-se na embaixada argentina um contingente comunista liderado por Víctor Manuel Gutiérrez, segundo homem do PGT, que rapidamente foi separado dos demais e confinado na garagem da casa. O Che juntou-se a eles, como recorda Morán, que iniciou então}

⁵⁰ “[...] a traição continua a ser vocação do exército, e uma vez mais se comprova a máxima que impõe a eliminação do exército como o verdadeiro princípio da democracia (se a máxima não existe, eu acabo de inventá-la)”. Carta de Che a sua mãe, maio de 1954. Castañeda, op. cit., p. 91.

⁵¹ Idem, p. 90.

⁵² “David Atlee Phillips, o chefe da unidade da CIA na Guatemala durante os acontecimentos de junho, recorda em suas memórias: Um analista da campanha me apresentou uma folha de papel poucos dias depois do golpe. Continha informação biográfica sobre um médico argentino de 25 anos que pedira asilo na embaixada do México [sic][...]. Parece-me que seria melhor fazermos uma ficha, disse eu. Embora seu nome significasse pouco para mim naquele momento, a ficha de Ernesto Guevara [...] chegaria a ser uma das mais volumosas da CIA.” Ibidem, p. 94.

uma longa amizade com Ernesto. O grupo mais próximo ao Che na embaixada foi claramente o dos comunistas.⁵³

Nesta época, aos 26 anos, Che ainda era fã da URSS, como todo mundo que desconhecia as contradições do socialismo burocrático.

Perón decide repatriar os exilados argentinos mas Che resolve não entrar no avião e decide ir para o México. Em fins de agosto, deixa a embaixada.⁵⁴

1954: MÉXICO

Em fins de 1954, chega ao México sem dinheiro, sem trabalho, sem amigos que pudessem lhe ajudar. Ganha a vida, dentre outras coisas, tirando fotos de turistas norte-americanos na Cidade do México. Consegue empregar-se como pesquisador de alergia no Hospital Geral, ganhando um baixo salário.

É neste hospital que novamente a mão do *acaso histórico* opera novamente.

Um dia, no hospital, topou casualmente com Níco López [um dos seus amigos cubanos que estiveram refugiados na embaixada argentina da Guatemala] refugiado no México ao fim de um longo percurso desde a Guatemala, via Argentina, que fora consultar um amigo do Che. [§] Em meio a essa existência apática e arrastada, ainda que esperançosa, surgiu a chance de encontrar aquilo que faz a diferença entre a epopéia e o simples tédio. A sorte se somou à disposição de agarrar a oportunidade. Em junho, o médico argentino nômade foi apresentado a Raúl Castro, líder estudantil cubano recém-saído de uma prisão de Havana. Poucos dias depois, o irmão deste chegou ao México, e Raúl levou o Che para conversar com ele. Foi em julho de 1955 que Ernesto Guevara conheceu Fidel Castro e descobriu o caminho que o conduziria à glória e à morte.⁵⁵

⁵³ Castañeda, op. cit., p. 95.

⁵⁴ Ao sair da Guatemala, Ernesto Guevara já é o “Che”, apelido que seus amigos cubanos lhe deram por causa de sua nacionalidade e modo de falar.

⁵⁵ Castañeda, op. cit., p. 99. “Fidel Castro chegou à Cidade do México de ônibus em 8 de julho de 1955, vindo de Veracruz, Mérida, Havana e do presídio da isla de Pinos, em Cuba. Trazia um terno, nenhum centavo, e a cabeça repleta de idéias audaciosas que três anos depois abririam seu caminho para a história. Passara 22 meses na prisão por ter planejado o assalto de 26 de julho de 1953 ao Quartel Moncada; devia sua libertação à temerária anistia decretada pelo ditador Fulgencio Batista. Dirigiu-se de imediato ao México, com um único objetivo em mente: dar início a uma insurreição contra a ditadura de Batista.” Idem, p. 100.

Che é convidado por Fidel para se incorporar ao grupo que retornaria à Cuba para derrubar a ditadura. Participa dos treinamentos militares. Em 24 de junho de 1956, os cubanos são presos pela polícia mexicana. A fazenda onde eram realizados os treinamentos é descoberta. Fidel decide entregar-se esperando que pela via da corrupção policial e pela ajuda de partidários mexicanos a coisa se resolva sem problemas. É o que acontece, e todos são libertados exceto o próprio Fidel, Calixto García e o Che. Por fim, permanecem presos García e o Che por problemas migratórios. Fidel atrasa seus planos e emprega muito dinheiro para libertar os dois. Esta lealdade de Fidel para com os seus companheiros impressiona o Che.

Contudo, não passam pela cadeia impunemente:

A propósito da detenção de três companheiros, entre eles um mexicano, ele [Fidel Castro] observa: ‘Por mais de seis dias não lhes deram alimentos nem água. Durante a madrugada, com uma temperatura de quase zero grau, eles eram introduzidos, completamente nus, em tanques de água gelada, com os pés e mãos amarrados; eram mergulhados e, quando estavam a ponto de se afogar, puxados pelos cabelos por breves segundos e a seguir mergulhados outra vez. Depois de repetir muitas vezes essa operação, os policiais os tiravam da água e batiam nelas até que perdessem a consciência. Um homem – encapuzado – com sotaque cubano fazia os interrogatórios.’⁵⁶

Este foi o único período (57 dias) em que Guevara experimentou o cárcere. Nele fez contato com a repressão policial e a prática da tortura. Se juntarmos a experiência na Bolívia, onde o Che percebe a importância da violência na História; na Guatemala, onde percebe as atrocidades que o imperialismo é capaz de fazer, e esta agora na prisão mexicana, aí sim poderemos compreender a tranquilidade com a qual, na guerra revolucionária cubana, executava pessoalmente aqueles prisioneiros condenados à morte, com muita facilidade. Como veremos, Che se transformaria numa *máquina de matar* implacável.

Seu primeiro instrutor militar era nada mais nada menos que Alberto Bayo, antigo oficial do exército republicano espanhol. Lutou bravamente na Guerra Civil Espanhola. Rigoroso, como qualquer guerreiro, ficou impressionado com o desempenho militar do Che, considerado o número 1 do grupo, tirando nota 10 em todos os quesitos.⁵⁷

⁵⁶ Castañeda, op. cit., p. 114.

⁵⁷ “O Che participou dos exercícios físicos, de tiro e resistência junto com os demais, ao mesmo tempo em que desempenhava a função de chefe de pessoal. Desincumbiu-se da segunda tarefa sem maiores problemas, mas deve ter sido uma enorme satisfação para ele descobrir que, apesar da asma e da altitude, podia manter-se à altura de seus

Enfim, na madrugada do dia 25 de novembro de 1956, o famoso iate Granma navega com 82 homens em direção à Cuba. É o início da guerra revolucionária. Che está com 28 anos.

1956: CUBA

Não entrarei nos detalhes sobre os contratempos da viagem e a trágica chegada do grupo em Cuba, onde, atacados de surpresa, sobreviveriam apenas 12 homens.⁵⁸ Isto é irrelevante para o objetivo destes escritos.⁵⁹ O fato é que o grupo sobrevivente consegue se reagrupar, dezesseis dias depois, na Sierra Maestra, e a partir daí o movimento guerrilheiro começa a operar.

Apoiados por alguns camponeses, conseguem – desesperadamente - fazer contato com os núcleos urbanos do Movimento 26 de Julho. Três semanas depois, atacam um posto militar em La Plata, um povoado próximo da costa, em meados de janeiro. Cuba então se dá conta de que os guerrilheiros estão vivos e aptos a provocarem baixas no exército. O campesinato se dá conta de que os rebeldes são uma força real, protegem seus colaboradores e punem os traidores. O melhor efeito deste ataque foi a elevação do moral da tropa, abatido pela derrota de dezembro. É neste ataque que temos a primeira execução: um informante do exército é fuzilado assim que o tiroteio começa. Bandidos e traidores tinham vida curta na região controlada pela guerrilha. No início, eram sumariamente fuzilados.

O que era Sierra Maestra e a parte oriental de Cuba onde o Che e os seus ficariam boa parte do ano e meio seguinte? Pobre, escassamente povoada e rural. Os guerrilheiros, ao contrário do que muitos pensam, desconheciam esta população tão miserável e jamais tinham vivido em seu meio.⁶⁰ Durante dois anos, o Che só conheceria esta região de Cuba.

companheiros e obter as melhores classificações do grupo. Em seus apontamentos, Bayo refere-se a seu aluno predileto: 'Assistiu a umas vinte sessões práticas regulares, disparando em torno de 650 cartuchos. Disciplina excelente, qualidades de liderança excelentes, resistência física excelente. Algumas escorregadelas disciplinares por pequenos erros na interpretação de ordens e leves sorrisos. [...] Guevara foi qualificado como o número 1 do grupo. Em tudo teve a nota máxima: 10. Quando Fidel viu minhas classificações, perguntou: 'Por que Guevara é o número 1?' 'Porque sem dúvida alguma é o melhor.' 'Eu também tenho essa opinião', disse-me. 'Tenho dele o mesmo conceito'". Castañeda, op. cit., p. 118

⁵⁸ Há versões que indicam 14 e não 12 o número de sobreviventes.

⁵⁹ Em 5 de dezembro de 1956, em Alegría de Pío, ocorre o batismo de fogo do Che. É atingido por uma rajada de metralhadora, ferindo levemente o seu pescoço, mas perdendo muito sangue.

⁶⁰ "Os guerrilheiros, como eles próprios reconheciam, jamais tinham tido um contato próximo com uma população camponesa tão miserável, e muito menos vivido no meio dessa gente. Foi um encontro comovente. A solidariedade, a simplicidade e a nobreza dos guajiros [camponeses] da sierra foram uma verdadeira revelação para muitos deles.

Em março de 1957, chegam cinquenta recrutas da cidade, da ala urbana do Movimento 26 de Julho. Em 28 de maio ocorre o ataque a um quartel do exército. A batalha de Uvero, com a participação de 80 guerrilheiros e 53 soldados. Agora já temos uma área liberada onde o inimigo não poderia mais penetrar. Uma área “pacificada” permite melhor contato com os camponeses e a visita de políticos e correspondentes estrangeiros.

Che é promovido a comandante em 21 de julho de 1957.⁶¹ Uma segunda coluna com 3 pelotões de 25 homens ficaria sob o seu comando. Sua coluna se destaca pela criatividade. Estabelece escolas, clínicas, fornos e uma férrea disciplina. Atendia aos camponeses e educava os guerrilheiros quando em descanso. Publica o jornal *El Cubano Libre* e depois monta a *Rádio Rebelde*. Recebe jornalistas estrangeiros, destaca-se como líder reto e igualitário com os seus comandados, não admitindo privilégios. Suas experiências foram copiadas por outros comandantes, como Raúl Castro.

Segundo Castañeda, foi o Che quem introduziu uma mudança de qualidade na guerra: do bate-e-foge para um combate de posições procurando garantir a posse do território conquistado. Não creio que seja totalmente verdade. Não é difícil se chegar à conclusão de que a guerra de guerrilhas evolui naturalmente para uma guerra de posições e combates convencionais.

Em 9 de abril de 1958, fracassa uma greve geral organizada pela Direção Nacional do Movimento 26 de Julho. A partir deste fracasso, a posição política de Fidel se fortalece: passa a ser a um tempo comandante-em-chefe de todas as forças rebeldes e secretário-geral da organização. Esta experiência vai criar no Che, que na Bolívia de 1967 terá sérias divergências com os comunistas, a convicção de que quem está com as armas tem que ter nas mãos a direção política do movimento. A vitória armada é a garantia do futuro da revolução. Assim, **o político deve estar subordinado ao militar, e nunca o contrário**. Como *a guerra é a continuação da política por outros meios*, podemos dizer que o pensamento do Che foi sempre mais militar do que político,

Nas palavras de Raúl Castro: ‘É admirável ver o desvelo com que esses camponeses da sierra nos atendem e cuidam de nós. Toda a magnanimidade e generosidade de Cuba estão concentradas aqui.’ Castañeda, op. cit., pp. 125-126.

⁶¹ Na hierarquia da guerrilha cubana, inicialmente, o corpo de oficiais era formado, de baixo para cima, pelos tenentes, que comandavam uma esquadra cada um (segundo o Che, a “unidade funcional”) composta de 8 a 10 homens; pelos capitães, que comandam o seu pelotão, ao que tudo indica, formado por duas ou três esquadras (um total de 30 a 40 homens); os comandantes, que comandavam uma coluna composta de 100 a 150 homens agrupados nos seus respectivos pelotões. No topo, o comandante-em-chefe, posto ocupado por Fidel Castro desde o início da luta armada. Com o crescimento da guerrilha, surgem os comandantes de regiões ou zonas, posto abaixo do comandante-em-chefe e acima dos comandantes de coluna. Estes comandantes tinham a autoridade para governar o seu território de ação. Abaixo dos tenentes, os soldados. O soldado, quando promovido, ascendia a tenente.

embora o militar e o político sejam para ele quase que a mesma coisa, mas nunca deixou de ser um pensamento com dimensões políticas – no sentido clássico do termo - muito fortes.

Depois do fracasso da greve geral, a sobrevivência da guerrilha era a principal preocupação. Em maio, inicia-se uma contra-ofensiva do exército em grandes proporções. A presença de Fidel como comandante-em-chefe, movimentando tropas, recursos, recriminando colaboradores e tomando decisões de toda ordem garantiu o êxito da resistência. A ofensiva durou 76 dias. Mais de 10 mil soldados participaram, contra 321 guerrilheiros. Batista sofre mais de 1000 baixas; mais de quatrocentos prisioneiros são feitos pelos rebeldes, quinhentos fuzis modernos e dois carros de combate são apreendidos. O destino do ditador está quase selado.

Em agosto de 1958, Fidel toma uma decisão militar importantíssima para o desfecho da guerra: ordena que a coluna do Che e a do Camilo Cienfuegos marchem para oeste, invadam o centro da ilha por pontos diferentes mas de tal forma que dividam a ilha em duas zonas militares, cortando as comunicações do inimigo e obrigando-o a dividir suas forças. Com enormes sacrifícios, cumprem a missão, unificam sob o seu comando os outros grupos guerrilheiros que vão encontrando pelo caminho e iniciam a guerra convencional, tomando cidade uma após outra até chegarem à capital, Havana.⁶² No caminho, a reforma agrária era implantada, conquistando o apoio popular.

⁶² “Em 18 de agosto de 1958, Fidel Castro soube que ganhara a guerra. A derrota da ofensiva de Batista e a retirada do exército da sierra Maestra e da sierra de Cristal [comandada por seu irmão, Raúl Castro] deixavam pouca margem para dúvidas: o regime estava exausto, cercado, e se desgastava dia a dia. Agora o problema estava em assegurar que o desfecho favorecesse os rebeldes entrincheirados nas montanhas e na clandestinidade urbana, não se prestando a uma quartelada ou a uma mediação imposta por Washington. Para isso, Castro concebe a manobra militar mais astuta e decisiva da guerra: a chamada invasão do resto da ilha, a partir do deslocamento das colunas da sierra Maestra. Sua missão consistia em deslocar-se para oeste, começar a combater no centro de Cuba, cortar as comunicações da ilha e empreender a marcha para Havana.[§] Com o Segundo Front a cargo de seu irmão, Castro dispunha de poucas opções para o comando das pontas-de-lança da “contra-ofensiva” guerrilheira. Camilo Cienfuegos, que se distinguira desde o desembarque do Granma por seu valor, habilidade, bom relacionamento com os combatentes e a população, era um candidato natural, embora nunca tivesse efetuado um comando autônomo. O outro postulante lógico era Che Guevara, que havia quase um ano chefiava sua própria coluna [...]. Os dotes de liderança e arrojado militar do médico eram evidentes. Ademais, Fidel Castro já confiava nele o bastante para lhe dar uma missão cujas conotações políticas envolviam arestas tão ou mais complexas que as militares. [§] Assim coube ao Che a tarefa de atravessar longos quilômetros de território inimigo, com 150 novatos e já sem o amparo da sierra. Sua incumbência incluía ‘coordenação de operações, planos, disposições administrativas e de organização militar com outras forças revolucionárias que operem nessa província [Las Villas], que deverão ser convidadas a integrar um só corpo de exército, para dar consistência e unidade ao esforço militar da Revolução’. Em outras palavras, Guevara teria de entender-se com – ou submeter – os demais opositores em luta em Las Villas e na sierra del Escambray. Estes compreendiam batalhões do Movimento Vinte e Seis de Julho, assim como grupos isolados do Diretório Estudantil Revolucionário, do Partido Socialista Popular e de uma certa Segunda Frente Nacional de Escambray, uma cisão do Diretório, dirigida por Eloy Gutiérrez Menoyo. Portanto, o trabalho era tríplice: estritamente militar, para debilitar e a seguir derrotar o inimigo no centro da República; de resistência e comando,

No início de janeiro de 1959, a guerra está ganha. Logo no primeiro ano da revolução, Che apresenta a sua teorização sobre a guerra com o seu livro *A Guerra de Guerrilhas*⁶³.

Guevara faz três afirmações polêmicas:

Consideramos que três contribuições fundamentais fez a Revolução Cubana para a mecânica dos movimentos revolucionários na América; são elas:

- 1) As forças populares podem ganhar uma guerra contra o exército.
- 2) Nem sempre há que se esperar que se dêem todas as condições para a revolução; o foco insurrecional pode criá-las.
- 3) Na América subdesenvolvida, o terreno da luta armada deve ser fundamentalmente o campo.⁶⁴

Guevara fala para os latino-americanos. Defende a luta guerrilheira e afirma, com a autoridade de um dos líderes da Revolução Cubana, que o povo armado pode ganhar a guerra. Para tanto, faz-se necessário o respeito às leis ou às regras da guerra de guerrilhas. Não fazê-lo provocaria, com base na experiência cubana, a derrota.

Há condições *objetivas* e *subjetivas* que precisam ser respeitadas. No entanto, no segundo item, afirma que o foco guerrilheiro pode criá-las. De maneira nenhuma isto significaria uma visão ahistórica do processo. Ou melhor, que em quaisquer condições um foco insurrecional poderia obter a vitória. Seria uma deformação grosseira do pensamento do Che afirmar isso.⁶⁵ Logo

requerendo a manutenção de uma imensa disciplina e coesão, em condições singularmente adversas, sem o recurso do manto protetor de Fidel Castro, e eminentemente político, exigindo uma destreza negociadora e uma autoridade excepcionais [§] Finalmente, em 31 de agosto, o Che parte com 148 homens, que por 46 dias suportarão aquilo que o trópico e o isolamento têm de mais agressivo, a fome, a sede, mosquitos, ciclones e enchentes, caminhos desprotegidos, uma população indiferente e a exposição ao constante molestar do exército de Batista. A travessia se estende por mais de seiscentos quilômetros; os lodaçais, as torrentes, as privações impõem sacrifícios quase infinitos. Os caminhões que deveriam transportá-los não tiveram serventia: o exército cortou o fornecimento de gasolina; todo o percurso foi feito a pé ou de cavalo.” Castañeda, op. cit., pp. 145-147, grifos meus.

⁶³ “Guerrilha é o diminutivo de guerra, em espanhol. [§] Durante a guerra na Península Ibérica, de 1808 a 1814, pequenos grupos irregulares espanhóis mantinham constantes operações de incursão e sabotagem contra os poderosos exércitos de Napoleão Bonaparte, para depois desaparecerem nos seus refúgios inacessíveis nas montanhas, e eram sustentados e apoiados pelos recursos da cidade e pelos seus habitantes. [§] Esse tipo de guerra ficou sendo conhecido como guerrilhas e os seus combatentes eram guerrilheiros. E a partir daí o termo foi internacionalizado.” Berardo, João Batista, op. cit., p. 57. Apenas o termo foi internacionalizado mas o método deste tipo de luta é milenar.

⁶⁴ GUEVARA, Che, *A Guerra de Guerrilhas*, Edições Populares, São Paulo, 1987, p. 13.

⁶⁵ É o que faz Castañeda ao cometer o erro primário de não examinar a totalidade de um texto para aí então discuti-lo. Vejamos o que nos diz: “O texto também deixa entrever uma flagrante contradição conceitual. Se a guerrilha pode criar condições a partir de um foco, a ausência de condições **obviamente não impede o início de um foco.**” Castañeda, op. cit., p. 227, grifo meu. Nada impede o início de um foco!!! Mas se este foco não respeitar as leis da guerra de guerrilhas, sucumbirá como fogo de palha. Isto é óbvio, meu caro Castañeda. Ademais, não há no texto do Che referência nenhuma ao que impediria ou não o início de um foco. Che nos diz: “Consideramos que três contri-

em seguida é o próprio Che quem nos adverte: “*Naturalmente, quando se fala das condições para a revolução, não se pode pensar que todas elas se vão criar pelo impulso dado às mesmas pelo foco guerrilheiro.*”⁶⁶

E que condições seriam aquelas que o foco jamais conseguiria criar? A primeira delas, a ausência de um regime democrático-burguês. “*Precisamente, a paz é arrebatada pelas forças opressoras que se mantêm no poder contra o direito estabelecido.*”⁶⁷ Dito de outra forma, a paz (um regime com eleições livres, instituições democrático-burguesas funcionando dentro do *direito estabelecido*) é violada por um regime ditatorial, nunca pelos revolucionários. Mas não só isso: é preciso que este regime tenha **atitudes ditatoriais que sejam percebidas claramente pelo povo.**⁶⁸ Isto quer dizer que, para Che, nos regimes com sistemas democrático-burgueses a guerra de guerrilhas é inconcebível.⁶⁹

Finalmente, na América subdesenvolvida, o terreno dos guerrilheiros deve ser fundamentalmente o campo. Che adverte para os riscos da ação clandestina nas cidades. De fato, as guerrilhas urbanas latino-americanas foram praticamente trucidadas com o emprego da espionagem, a

buições fundamentais fez a Revolução Cubana para a mecânica dos movimentos revolucionários na América; são elas: as forças populares podem ganhar uma guerra contra o exército; nem sempre há que se esperar que se dêem todas as condições para a revolução: o foco insurreccional pode criá-las; na América subdesenvolvida, o terreno da luta armada deve ser fundamentalmente o campo.” E continua Castañeda: “*Entre outras, a vigência de um regime “democrático”, em certas circunstâncias [Che não diz isso] deixa de ser um obstáculo [Che vai dizer justamente o contrário], o que contradiz a advertência sobre a vigência de um regime desse tipo. [agora o pior] Em outras palavras, seria possível criar focos insurreccionais inclusive naqueles países nos quais imperasse uma ordem constitucional [...] já que as condições revolucionárias não precisariam anteceder o início da luta [ao voltar ao corpo do texto, veremos o equívoco desta afirmação].*” Castañeda, op. cit., p. 227, grifos meus. O autor faz uma confusão difícil de discernir, chegando a atribuir ao Che – tacitamente – a absurda conclusão de que “*com efeito, logo brotarão focos em todo o continente, sem maior respeito pelas precauções [que o autor não quis citar] iniciais do Che.*” Idem. E insiste no seu equívoco até o fim do seu – sinceramente – excelente e titânico estudo sobre a vida do Che. Tratando da aventura boliviana, “*Os cubanos seriam a vanguarda [diferente do que foram os apoios aos movimentos guerrilheiros na Venezuela, na Nicarágua, Haiti e tantos outros] e não uma força de apoio. A suposta disposição do PCB para lançar-se à luta armada não equivalia a um foco preexistente. [Onde foi que o Che escreveu que deveria haver um foco preexistente para que a guerra de guerrilha fosse viável?!?! A própria guerrilha de Fidel em Cuba começou do zero, como já vimos] Os cubanos e o Che não chegariam para respaldar uma iniciativa anterior à sua chegada, eles mesmos seriam o estopim da guerrilha. Com isso, levava-se ao extremo a tese de que a revolução prescindia de condições objetivas prévias: [Castañeda não leu com o devido cuidado o “Guerra de Guerrilhas” do Che] elas seriam criadas por um grupo estrangeiro.*” Ibidem, p. 393, grifos meus.

⁶⁶ GUEVARA, Che, *A Guerra de Guerrilhas*, op. cit., p. 14, grifo meu.

⁶⁷ Idem, grifo meu.

⁶⁸ “*Há que se considerar sempre que existe um mínimo de necessidades que tornam factível o estabelecimento e consolidação do primeiro foco. Quer dizer, é necessário demonstrar claramente para o povo a impossibilidade de manter a luta por reivindicações sociais dentro do plano da luta cívica. Precisamente, a paz é arrebatada pelas forças opressoras que se mantêm no poder contra o direito estabelecido.*” Ibidem, grifo meu.

⁶⁹ “*Onde um governo tenha subido ao poder por alguma forma de consulta popular, fraudulenta ou não, e se mantenha pelo menos uma aparência de legalidade constitucional, o foco guerrilheiro é impossível de se produzir, por não haver se esgotado as possibilidades da luta cívica.*” Ibidem.

delação obtida pela tortura e o próprio amadorismo dos seus militantes. “*Não é tão difícil em campo aberto, apoiados os habitantes pela guerrilha armada e em lugares onde as forças repressivas não podem chegar.*”⁷⁰

Há de se considerar que a maioria da população latino-americana, ao tempo destes escritos, morava no campo, com algumas exceções, é claro, como no Uruguai. A urbanização caótica provocada pelo desenvolvimento das forças produtivas no campo, tomadora de terras e poupadora de mão-de-obra virá com mais intensidade um pouco depois, na década de 1970.

Assim, a opção pela guerra de guerrilhas pressupõe a existência de um regime antipopular e ditatorial; que o povo perceba - através das atitudes dos governantes - a natureza deste regime e que boa parte da população viva no campo, em condições miseráveis como assalariados ou como camponeses que pagam um aluguel pela uso da terra, sedentos por uma reforma agrária.⁷¹ Estas seriam as necessidades mínimas estabelecidas pelo Che. Mais tarde, em abril de 1961, Che vai definir melhor as condições socioeconômicas comuns aos países latino-americanos, a saber: a existência do latifúndio, herança colonial que as lutas pela independência não foram capazes de destruir; a forte presença do imperialismo sobretudo norte-americano e a associação entre os latifundiários, os monopólios nacionais (que ele chama de grande burguesia) e o imperialismo na defesa dos seus interesses em detrimento dos interesses populares.⁷²

⁷⁰ GUEVARA, Che, *A Guerra de Guerrilhas*, op. cit., pp. 14-15.

⁷¹ Em Cuba, ao tempo da Revolução, o desemprego no campo da maioria dos trabalhadores durava quase nove meses. Nas fases da colheita sobretudo da cana-de-açúcar é que o desemprego diminuía. Não é preciso dizer que os salários e as condições de trabalho destes infelizes eram humilhantes. Não por acaso a afirmação de Che de que “*o guerrilheiro é antes de tudo um revolucionário agrário*”. Idem, p. 14. A luta pela terra é a base econômica da guerra de guerrilhas. “[...] **qualquer que seja a estrutura ideológica que anime a luta, a base econômica está dada pela aspiração pela posse da terra** A China de Mao se inicia com o nascimento dos núcleos operários ao Sul, que é derrotado e quase aniquilado. Somente se estabiliza e inicia a sua marcha ascendente quando depois da grande marcha do Yen-an se estabelece em territórios rurais e coloca como base de reivindicações a reforma agrária. A luta de Ho Chi Mim na Indochina se baseia nos camponeses do arroz, oprimidos pelo jugo colonial francês e com essa força vai progredindo até derrotar os colonialistas. Em ambos os casos há um parêntese de guerra patriótica com o invasor japonês, porém não se desvanece a base econômica da luta pela terra. No caso da Argélia, a grande idéia do nacionalismo árabe tem sua réplica econômica no usufruto da quase totalidade das terras cultiváveis da Argélia por um milhão de colonos franceses e em alguns países como Porto Rico, onde as condições particulares da ilha não permitiram o foco guerrilheiro, o espírito nacionalista, ferido no mais profundo pela discriminação que se comete diariamente contra eles, tem como base de aspiração do camponês (ainda que muitas vezes já esteja proletarizado) pela terra que lhe arrebatou o invasor ianqui e esta mesma idéia central foi a que animava, ainda que em diferentes projeções, os pequenos proprietários, camponeses e escravos das fazendas orientais de Cuba, que cerraram fileiras para defenderem juntos o direito à posse da terra, durante a guerra de libertação dos 30 anos.” Ibidem, pp. 16-17, grifo meu.

⁷² Guevara, Che, *Cuba: exceção histórica ou vanguarda na luta anti-colonial?* IN: Guevara, Che, *Obras de Che Guevara – I*, Ulmeiro, Lisboa, 1975, pp. 30-40.

Foi justamente pela fartura destas condições mínimas que fizeram com que o Che tentasse expandir ou “exportar” a revolução no subcontinente.⁷³ Lembremos que estamos no auge da Guerra Fria, e a política dos EUA para a região – somada à tradicional truculência de nossas classes dominantes nativas – é a instalação de ditaduras militares sangrentas, aptas a esmagarem qualquer perigo de influências socialistas ou comunistas nos governos, ditaduras que em nome de uma abstrata garantia da ordem, protejam os interesses econômicos e geopolíticos norte-americanos na região.

Seguramente, como se vê, é infundada a percepção de um Che cego pela luta guerrilheira, em qualquer conjuntura, em qualquer lugar. Na América Latina da década de 1960, os espaços para ações legais e não-armadas eram demasiadamente pequenos.

Muitos acusam Guevara de ter influenciado irresponsavelmente uma geração inteira com a sua política de defesa da luta armada, alegando que muitos talentos se perderam neste caminho em função das derrotas militares que sofreram, como se o Che fosse o primeiro a falar de guerra de guerrilhas na América Latina.⁷⁴ Alegam que a experiência cubana foi, por exemplo, única, e que jamais poderia se repetir no subcontinente. Aqui não poderemos discutir cada um dos movimentos guerrilheiros pós-Guevara. Mas faremos isto com a própria derrota do Che na Bolívia. Todavia, que fique claro que a opção pela luta armada nos remete aos tempos coloniais (vide el movimiento tupacamarista: 1780-1781) e a opção pela guerra de guerrilhas é bem anterior à Revolução Cubana e ao livro *Guerra de Guerrilhas* do Che.⁷⁵

⁷³ É o próprio Che quem nos adverte sobre a impossibilidade de guerrilhas em regiões onde a legalidade constitucional, ainda que aparentemente, esteja garantida. “*Onde um governo tenha subido ao poder por alguma forma de consulta popular, fraudulenta ou não, e se mantenha pelo menos uma aparência de legalidade constitucional, o foco guerrilheiro é impossível de se produzir, por não haver se esgotado as possibilidades da luta cívica*”. GUEVARA, Che, *A Guerra de Guerrilhas*, op. cit., p. 14.

⁷⁴ Castañeda faz esta acusação quando discute o livro *Guerra de Guerrilhas*: “*Morto, ignoraria como e por que tantos universitários da classe média emergente da região [influenciados pelos escritos do Che, naturalmente] marchariam inocentemente para o matadouro. Seus erros [o do Che] constituem culpas que pertencem ao menos parcialmente ao seu passivo, dívidas das quais no mínimo uma cota deve ser posta em sua conta. Não foi o único responsável pelos despropósitos guerrilheiros da esquerda latino-americana, mas foi um dos responsáveis*.” Castañeda, op. cit., p. 229, grifos meus. Ver também p. 278. Curiosa é a preocupação do autor apenas com o destino de *universitários da classe média emergente da região*...

⁷⁵ O livro de Berardo (op. cit.) nos dá um quadro bastante detalhado dos movimentos guerrilheiros na América Latina na década de 1960. Não é um historiador, o que lhe faz enveredar muitas vezes pela mitificação e por alguns exageros, como o de afirmar que a mãe do Che “*sempre foi uma revolucionária*” (op. cit., p. 98). Em 1962, Na Venezuela, o presidente Betencourt toma medidas autoritárias contra o direito do MIR (Movimento de Esquerda Democrática) de atuar na legalidade. Alguns de seus deputados são presos, o jornal comunista (Tribuna Popular) é fechado e tropas são enviadas para a zona petrolífera onde o movimento popular era mais forte. “*Foram estes acontecimentos, além de outros, que provocaram, em 1962, os movimentos de guerrilhas*” (idem, p. 130). Surge o ENL – Exército de Libertação Nacional composto por grupos de guerrilheiros urbanos, comunistas, do MIR e de alguns grupos perten-

Precisamos compreender que numa luta armada os azares da guerra fazem parte da história. Nenhuma luta está ganha *a priori* somente porque a conjuntura, as condições objetivas e subjetivas estão adequadamente dadas e perfeitas. A História é feita pela ação dos homens, e esta ação enfrenta, sobretudo numa guerra revolucionária, os seus azares. Quantas vezes, por muito pouco, Fidel e outros líderes escaparam da morte por pura casualidade ou sorte? Se a bala que provocou o primeiro ferimento no Che ao desembarcar em Cuba tivesse com uma pequena diferença em sua trajetória, o Che estaria morto e provavelmente a história da Revolução Cubana poderia estar comprometida. Como saberemos? Não é porque outros movimentos guerrilheiros foram massacrados que a teoria defendida pelo Che estaria *a priori* equivocada. Veremos as limitações desta teoria e os erros do Che em não respeitar os seus próprios princípios básicos, mas também a força dos azares da guerra operando invisivelmente.⁷⁶ As forças de mudança são, na História, muito mais raras do que as forças de permanência. Estas se recompõem com relativa facilidade porque estão no poder; aquelas precisam de tempos maiores para se refazerem das derrotas. Um exército convencional pode ser recomposto em semanas, mas um grupo de guerrilheiros corajosos, com líderes inteligentes e incorruptíveis atuando dentro de uma conjuntura socioeconômica e política favorável aos seus intentos não surge com tanta facilidade...

centes à URD – Unidade Revolucionária Democrática que era de esquerda mas não comunista. Surge a FALN – Forças Armadas de Libertação Nacional, unificando as guerrilhas. Em dezembro de 1963 é eleito o conservador Raul Leoni com alto índice de comparecimento às urnas, contrariando a orientação dos guerrilheiros de boicote às eleições. Erros de análise e tantos outros desrespeitos às leis da guerra de guerrilhas conduzem à desmobilização das guerrilhas rurais em 1973 (as urbanas continuam existindo endemicamente até 1977), ano em que a Venezuela retorna a uma vida política relativamente institucional estável. Na Colômbia, há movimentos guerrilheiros desde 1948. Com o assassinato do líder liberal esquerdista Jorge Eliecer Gaitán, explode uma guerra civil generalizada e surgem vários movimentos guerrilheiros. Até hoje temos as FARC – Forças Armadas Revolucionárias Colombianas operando em zonas onde o exército colombiano não consegue entrar. Tínhamos o ELN – Exército de Libertação Nacional, criado em 1964, que teve a honra de contar, dentre os seus guerrilheiros, com o padre Camilo Torres, morto em combate em 15 de fevereiro de 1966. Tantos outros como o EPL – Exército Popular de Libertação, criado em janeiro de 1968; o M-19 – Movimento 19 de Abril, criado em fevereiro de 1976; o MAO – Movimento de Auto-Defesa Operária, criado em 1978. No Peru, sob a bandeira de *Terra ou Morte*, Hugo Blanco Galdoz organiza a FIR – Frente de Izquierda Revolucionária, em 1961. Em 1965 temos quatro frentes de combate estrategicamente espalhadas pelo país: a Guerrilha Pachacutec, no Sul; Guerrilha Tupac-Amaru, no centro; a Guerrilha Manco-Capac, ao Norte; a Guerrilha Javier Heraud, na região de Ayacucho, além de outros grupos menores. Foram derrotadas praticamente em 1966. Na Nicarágua, os guerrilheiros sandinistas surgiram em 1962. Enfim, não podemos dizer que em toda a América Latina havia movimentos guerrilheiros anteriores ao Che porque muitos surgiram – de fato – empolgados com a vitória da Revolução Cubana e talvez com os escritos do Che onde quer que eles tenham sido lidos, mas daí a simplificar as causas que levaram milhares de jovens a morrerem em combate ou em centros de tortura por terem sido influenciados pelo Che não faz o menor sentido. No pequeno exame que já fizemos sobre o seu primeiro livro, *A Guerra de Guerrilhas*, os conselhos que o Che fornece são seguros, e o próprio Che morre na Bolívia muito por não ter seguido os seus próprios ensinamentos.

⁷⁶ O acaso não é regido por leis.

Continuando, Che nos explica que a guerrilha não é um movimento isolado. A palavra *foco* se refere ao início do movimento guerrilheiro; não se refere ao movimento de massas, que não precisa de *focos* para existir porque as próprias contradições sociais o provocam. Portanto, não corresponde ao pensamento do Che a idéia de uma auto-suficiência da guerrilha. Vimos que nos momentos iniciais da guerrilha cubana, foi crucial conseguirem contato com os grupos urbanos do Movimento 26 de Julho. O que temos aqui é uma tentativa de generalização da experiência cubana.⁷⁷ É este o objetivo de Che.⁷⁸ Não há contradição entre o seu livro e a experiência em Cuba. Não são, portanto, abstrações teóricas sem vínculos com a realidade, no tempo e no espaço.

Para além das condições mínimas já citadas:

1 – contar com o apoio da população, que se deve conquistar com o tempo. É uma condição sem a qual nada é possível;

2 – ter um conhecimento profundo do terreno onde opera, as melhores rotas de acesso e fuga, os melhores lugares para se esconder. Os lugares, naturalmente, não poderão ser muito povoados. Para tanto, o preparo físico dos combatentes é fundamental para a mobilidade, prevenir os cercos e garantir as ações noturnas;⁷⁹

3 – todos os combates devem pegar de surpresa o inimigo e serem implacavelmente ganhos,⁸⁰

⁷⁷ Em seu livro, é recorrente o conselho para se examinar a realidade onde se atua, fazendo alterações adequadas a cada caso. “*Por exemplo; da nossa experiência na guerra cubana: elaboramos um código penal, um código civil, um regulamento de suprimento aos camponeses, e uma regulamentação da Reforma Agrária.[...] [§] Todas estas são recomendações elásticas, bases que dão a experiência vivida em lugar determinado, geográfica e historicamente situado, que podem ser mudadas segundo o aconselhe uma experiência em outro lugar geográfico, histórico e social*” (Guevara, Che, *Guerra de Guerrilhas*, op. cit., p. 76, grifos meus.). Sobre um esquema de organização civil dentro e fora do território guerrilheiro, conclui: “*Damos um esquema e não uma bíblia.*” Idem, p. 78.

⁷⁸ “*É importante destacar que a luta guerrilheira é uma luta de massas, é uma luta popular: a guerrilha, como núcleo armado [a palavra “núcleo” é sintomática: pressupõe a existência de um corpo, que é o povo] é a vanguarda combatente do mesmo, sua grande força reside na massa da população. Não se deve considerar a guerrilha numericamente inferior ao exército contra o qual combate, ainda que seja inferior seu potencial de fogo.[...] O guerrilheiro conta, então, com todo apoio da população local. É uma qualidade sine qua non. [Em seguida, nos mostra a diferença com um exemplo magistral] E se vê muito claro, tomando como exemplo as quadrilhas de bandoleiros que operam numa região; têm todas as características do exército guerrilheiro: homogeneidade, respeito ao chefe, valentia, conhecimento do terreno e, muitas vezes, até cabal apreciação da tática a empregar. Falta só o apoio do povo; e inevitavelmente estas quadrilhas são detidas ou exterminadas pela força pública.*” Ibidem, pp. 15-16, grifos meus.

⁷⁹ “[...] uma qualidade de traição, de surpresa, de noturnidade que são evidentemente elementos essenciais da luta guerrilheira.” Ibidem, p. 17.

⁸⁰ “*Morde e foge, espera, espreita, torna a morder e a fugir e assim sucessivamente, sem dar descanso ao inimigo. Há, em tudo isto, parece, uma atitude negativa; essa atitude de retirada, de não dar combates frontais, todavia, tudo é conseqüente com a estratégia geral da guerra de guerrilhas, que é igual em seu fim último a de qualquer*

4 – o armamento deve ser igual ao utilizado pelo inimigo, pois é da munição apreendida do inimigo que se nutre o guerrilheiro;

5 – os ataques devem ser constantes para não deixar o inimigo em paz, não deixá-lo dormir e dar-lhe a impressão de que está totalmente cercado e sem saída. Nestas condições, sem capacidade para sequer avistar os guerrilheiros, que atacam e se escondem, de dia e de noite, sabotando pontes, estradas e etc., o moral das tropas inimigas é esfacelado;

6 – com o avanço da guerra, zonas cada vez maiores são liberadas e no seu interior as leis revolucionárias contra proprietários de terras, bandidos e traidores são aplicadas sem piedade;

7 – com o aumento de armas e homens, novas colunas devem ser criadas para ampliarem o raio de ação da guerrilha e permitirem novas manobras táticas;

8 – colunas se juntam para travarem a guerra de posições, como exércitos regulares, mas outras colunas continuam operando, nas costas do inimigo, como guerrilhas; e

9 – a direção política dos movimentos clandestinos urbanos deve estar sob o controle absoluto do comando militar da guerrilha.

Guevara dá muita importância, e com razão, ao exemplo dos chefes, ao seu valor educativo. “*Um dos grandes fatores educativos é o exemplo. Por isto os chefes devem constantemente oferecer o exemplo de uma vida **crystalina e sacrificada**.*”⁸¹ Isto explica, por exemplo, com base na convicção de uma força moral e educativa que o exemplo de sacrifício do chefe provoca, o porquê de o Che – então ministro de Estado – propor o corte voluntário de cana-de-açúcar nas horas livres de trabalho, sendo ele mesmo o primeiro a dar o exemplo.⁸²

Outro pensamento que levará eternamente consigo é a certeza de que - somente combatendo - o guerrilheiro se fortalece moral e militarmente. “*O combate é o drama mais importante da vida guerrilheira. Ocupa só alguns momentos no desenvolvimento da luta, porém **estes instantes estelares** adquirem uma importância extraordinária, pois cada pequeno encontro é uma batalha de índole fundamental para os combatentes.*”⁸³ Se Luiz Carlos Prestes dizia que para o

guerra: conseguir o triunfo, aniquilar o inimigo.” GUEVARA, Che, *A Guerra de Guerrilhas*, op. cit., p. 18, grifo meu.

⁸¹ Idem, p. 56, grifo meu.

⁸² Um amigo meu, que foi instrutor de Forças Especiais da Marinha do Brasil, sempre me dizia que “*os argumentos convencem; os exemplos arrastam!*...”. “*As jornadas de trabalho voluntário começaram em Cuba desde 23 de novembro de 1959. [...] Com o início da safra em dezembro, o Che começou a participar com maior assiduidade nas tarefas voluntárias. [...] Nenhum dos outros líderes da Revolução se igualava a ele na paixão pelas fainas domin-gueiras.*” Castañeda, op. cit., p. 221.

⁸³ GUEVARA, Che, *A Guerra de Guerrilhas*, op. cit., p. 57, grifo meu.

revolucionário a imobilidade era a morte, Che dizia o mesmo com relação à ausência de combate.⁸⁴ De fato, em qualquer movimento, armado ou não, a ausência de lutas produz uma série de seqüelas incuráveis, como a insegurança na vitória, o surgimento de querelas mesquinhas de toda ordem dentro do grupo, o fracionismo, a deserção; enquanto a luta, o combate tempera os espíritos, oxigena a tropa com vitórias que elevam o moral, selecionam os melhores quadros com critérios muito mais seguros – como a coragem e o espírito de sacrifício – e derrotam as tendências divisionistas e oportunistas.⁸⁵

Com esta percepção da importância de se estar constantemente em luta, uma vez convertida em estratégia política mantenedora de uma mobilização constante, o interesse do Che no confronto com os EUA, ainda que inevitável, pode ser melhor compreendido. Estar em constante luta contra quem? Contra o demônio do Norte. Neste sentido, por ironia da história, os EUA cumpriram um papel “progressista” na consolidação da Revolução Cubana, desde a invasão de Playa Giron, em 1961. “[...] a presença de um inimigo estimula a euforia revolucionária e cria as condições necessárias para realizar mudanças de fundo”, dizia Guevara.⁸⁶ Fidel Castro alimentará fartamente o povo cubano com este sentimento até o presente.⁸⁷ A julgar pelos sofrimentos e dificuldades que o povo cubano passou com o fim da URSS, e pelo que se dizia correntemente de que o regime cubano não sobreviveria por muito mais tempo, tal política aplicada por Fidel se revelou acertada.

Especial atenção é dada à propaganda política da guerrilha. Para Guevara, deve ter um caráter nacionalista, o que se explica – a meu juízo – em função de uma estratégia para ampliar a esfera de influência política, aglutinando amplos setores sociais que nem sempre concordam com

⁸⁴ Em sua última campanha, na Bolívia, é constante a preocupação do Che com a ausência de combates a travar.

⁸⁵ Relatando o caso de um soldado que sofrera como punição a perda de sua arma, Che o encontra dormindo e o adverte severamente dizendo-lhe que o digno seria o mesmo recuperar a sua arma na primeira linha de combate. Atingido em seu orgulho, o soldado obtém êxito e reconquista o seu direito de empunhá-la orgulhosamente. “*Esse era o grau de moral revolucionária que havia conseguido nossa tropa, com o exercício contínuo da luta armada. Não se pode conseguir logo nos primeiros dias, quando ainda existem muito medo, muitas correntes subjetivas que vão freando a influência da revolução, mas se consegue afinal com o trabalho e o exemplo contínuo.*” Idem, p. 95, grifo meu.

⁸⁶ Castañeda, op. cit., p. 204. “*Meses mais tarde, meio brincando, meio a sério, Che Guevara agradeceu o fiasco da baía dos Porcos ao enviado de Kennedy à Conferência de Punta del Este: ‘Graças a vocês pudemos consolidar a revolução em um momento particularmente difícil.’[...] Tinha razão: Girón permitiu ao regime cerrar fileiras e firmar pé, montar o formidável aparato de vigilância e segurança alicerçados nos Comitês de Defesa da Revolução e o Ministério do Interior, e ao mesmo tempo tachar qualquer adversário como agente ou títere de Washington.*” Idem, p. 236.

⁸⁷ Hugo Chaves, atualmente presidente da Venezuela, aprendeu com Fidel Castro este ensinamento.

medidas de caráter socialista.⁸⁸ Lembremos que o Che escreve para os revolucionários latino-americanos. Pretende orientá-los com sugestões militares mas também políticas.

A discussão teórica sobre que classe social seria a *vanguarda da revolução* não chama a atenção do Che neste seu primeiro escrito político-militar. Parece-lhe óbvio que a aliança entre operários e camponeses é fundamental. Isto fica evidente pelo alvo que pretende atingir com a propaganda política da guerrilha: os operários e camponeses “*para lutas efetivas de massas*” (ver nota de rodapé nº 88). Só mais tarde, em abril de 1961, no seu escrito “*Cuba: exceção histórica ou vanguarda na luta anti-colonial?*” Guevara vai explicar melhor a sua posição teórica sobre o que se esperar, na América Latina, dos operários e camponeses. Vejamos:

Apesar do seu espírito pequeno-burguês, o camponês depressa aprende que não pode satisfazer o seu desejo de posse da terra sem quebrar o sistema da propriedade latifundiária. A Reforma Agrária radical, que é a única que pode dar a terra ao camponês, choca com os interesses directos dos imperialistas, dos latifundiários e dos magnates do açúcar e do gado. A burguesia [podemos inferir que Che se refere à burguesia “nacional”] teme chocar com esses interesses. O proletariado não teme chocar com eles. Deste modo, **a própria marcha da revolução une os operários aos camponeses. Os operários apoiam a reivindicação contra o latifúndio. O camponês pobre, beneficiado com a propriedade da terra, apoia lealmente o poder revolucionário e defende-o dos inimigos imperialistas e contra-revolucionários.**⁸⁹

Continuando, propaganda negativa é dada pela prática indiscriminada do terrorismo. O atentado contra figuras sabidamente malvadas, como os torturadores, é sempre bem-vindo desde que pessoas que não tenham nada a ver com os fatos não sejam feridas. Assim adverte Guevara:

Em circunstâncias especiais que é muito conveniente analisar, se usará o atentado pessoal. **Em geral, consideremos que este é negativo**, salvo o que elimine alguma figura destacada por seus atos condenáveis contra o povo e sua eficácia repressiva. [...] **O atentado e o terrorismo executados de forma indiscriminada não devem ser empregados.**⁹⁰

E logo adiante um verdadeiro conselho de amigo:

⁸⁸ “[...] a propaganda deve ser de tipo nacionalista, orientadora, explicando as vitórias obtidas pelos companheiros na guerrilha, convocando para lutas efetivas de massas os operários e os camponeses e dando informes, se houver, das vitórias obtidas nesta frente.” GUEVARA, Che, *A Guerra de Guerrilhas*, op. cit., p. 77.

⁸⁹ Guevara, Che, *Obras de Che Guevara – I*, Ulmeiro, Lisboa, 1975, pp. 28-29, grifo meu.

⁹⁰ GUEVARA, Che, *A Guerra de Guerrilhas*, op. cit., pp. 77-78, grifos meus.

É preferível o trabalho [político] em grandes concentrações de pessoas, onde se possa inculcar a idéia revolucionária, e ir tornando-a madura, para que, num dado momento, apoiada pelas forças armadas [revolucionárias], possam mobilizar-se e decidir a balança para o lado da revolução.⁹¹

Não é difícil se chegar à conclusão de que atos de terrorismo, como por exemplo a explosão de um lugar público com pessoas inocentes, colocam o povo contra os seus autores. Um movimento armado que sabidamente se utiliza do terror nunca conquistará a simpatia popular, e ainda que determinado atentado tenha sido feito por “terroristas de direita”, basta uma falsa notícia de que o exército guerrilheiro assumiu a autoria do atentado para que a população se incline a acreditar cegamente nela. O Che sabia muito bem disso. Mais uma vez, são preocupações militares mas sobretudo políticas que o conduzem a reprovar o terrorismo.

São estes, em resumo, os principais pensamentos que o Che desenvolve em seu famoso livro.

Há uma questão espinhosa que merece atenção nos escritos de Guevara não no que eles contêm mas precisamente naquilo que eles não contêm, em momento nenhum de suas reflexões – até aqui – a saber: a questão das liberdades democráticas, da participação popular nas decisões de governo. Sim, pois nas regiões ocupadas pela guerrilha a administração pública passa totalmente para o controle dos revolucionários.

Seguramente, Che sempre desprezou os regimes democrático-burgueses vendo-os como meros mecanismos aparentemente democráticos mas que essencialmente montados, arquitetados para enganar o povo. De fato, na democracia burguesa o povo é chamado a participar de tempos em tempos de eleições para a escolha daqueles que irão governar para os que financiaram as suas campanhas eleitoras, notadamente o grande capital. A participação popular através tão-somente do voto, que no Brasil é inclusive obrigatório, legitima um processo político espúrio.

Mas daí não resulta mecanicamente que as liberdades – ainda que burguesas -, ainda que limitadas, superficiais, não sejam importantes para os que precisam levar ao povo o esclarecimento, a informação, a conscientização política, o senso crítico e a organização para a construção de uma nova sociedade. Daí também, por extensão, não resulta que para a burguesia o regime demo-

crático-burguês seja sempre vantajoso.⁹² A história da América Latina registra centenas de ditaduras *preventivas* contra o avanço de conquistas populares promovidas por governos eleitos dentro do jogo democrático-burguês que ousaram extrapolar os limites dentro dos quais estariam autorizados a se mover, fora dos quais o jogo democrático seria suspenso. Golpes preventivos, como o de 1964 no Brasil, que depôs João Goulart, são recorrentes na América Latina; confirmam a descrença de Che nos regimes democrático-burgueses. Explicando melhor, a democracia burguesa não é **em qualquer situação** – no tempo e no espaço – boa para a burguesia e ruim para os trabalhadores, e nem o contrário é verdade, pois a verdade (como nos ensina a dialética marxista) é sempre relativa.

As razões para não encontrarmos nos escritos do Che nenhuma referência à questão da democracia, digamos proletária, decorre da própria estrutura militar que qualquer movimento guerreiro tem de ter. Na guerra não há espaço para a democracia, seja burguesa ou proletária.⁹³ Há uma cadeia de comando que precisa ser obedecida inexoravelmente. Este *modo de viver* militar é quem determinará, em última instância, o tipo de regime que prevalecerá na nova sociedade. Dito de outra forma, quando em primeiro lugar temos um partido político com fortes tradições democráticas no seu interior (como inicialmente eram os bolcheviques) e que, por imposições do processo histórico, organiza a luta armada para a tomada do poder, temos um exército submetido a um partido político internamente democrático. Embora não esteja assegurada a liberdade na nova sociedade, as chances de ela existir e prosperar são maiores. Quando temos um exército que se converte em partido político para assumir o poder, cercado por forças estrangeiras hostis ao novo regime, cercado da ameaça de uma catástrofe econômica, aí então é praticamente impossível imaginar que a democracia, a ampla liberdade de crítica e opinião, enfim, prospere. Tal foi o caso da Revolução Cubana. Voltaremos oportunamente a tocar neste tema espinhoso.

⁹¹ GUEVARA, Che, *A Guerra de Guerrilhas*, op. cit., p. 78. Seguramente, Lenin teria aprovado – sem reservas – tal conselho.

⁹² Em 1973, instala-se, no Chile, a ditadura de Pinochet. Foi, segundo Perry Anderson, “*O neoliberalismo chileno, bem entendido, [que] pressupunha a abolição da democracia e a instalação de uma das mais cruéis ditaduras militares do pós-guerra. Mas a democracia em si mesma – como explicava incansavelmente Hayek [um dos principais teóricos do neoliberalismo] – jamais havia sido um valor central do neoliberalismo. A liberdade e a democracia, explicava Hayek, podiam facilmente tornar-se incompatíveis, se a maioria democrática decidisse interferir com os direitos incondicionais de cada agente econômico de dispor de sua renda e de sua propriedade como quisesse.*” Anderson, PERRY; *Balanço do Neoliberalismo*, IN: Sader, Emir e Gentili, Pablo (orgs.). *Pós-neoliberalismo – as políticas sociais e o Estado democrático*, Paz e Terra, São Paulo, 2003, pp. 19-20, grifo meu.

⁹³ Liberdade sem *paz* e sem *pão* é algo que precisa ser procurado na história.

Quando Guevara e seus camaradas conquistam o poder em Cuba, suas preocupações prioritárias passam a ser as seguintes: a reforma agrária, a construção do exército (em especial a sua formação ideológica⁹⁴) e a aliança com os quadros e militantes do PSP (Partido Socialista Popular), comunista. No entanto, logo em 14 de janeiro de 1959, Guevara se reúne com Raúl Castro, Camilo Cienfuegos e outros revolucionários para discutirem a criação de um serviço secreto cubano.⁹⁵ Um mal necessário...

Che era um homem que tinha pressa para “exportar” a revolução que, tal como para Trotsky, era um processo permanente. Ainda mesmo em 1959, Guevara ajudará a organizar quatro expedições revolucionárias que, partindo de Cuba – e apoiadas pelo novo regime cubano – lutarão no Panamá, na Nicarágua, na República Dominicana e no Haiti. Todas fracassam.

O que atormentaria o tempo todo o pensamento do Che neste período? Seguramente, a sua convicção de que os EUA atacariam a Revolução Cubana tão logo percebessem o seu caráter socialista inexorável. Quanto mais frentes de luta contra os EUA, menor a ameaça.⁹⁶

Em 2 de junho de 1959, após formalizar seu divórcio, casa-se com Aleida March.

Em 12 de junho, Guevara parte – em missão oficial – para a África e a Ásia, que duraria três meses. Retorna em 10 de setembro. Comandarà o Departamento de Indústrias do INRA (Ins-

⁹⁴ Guevara descrevia o exército rebelde como o principal braço político da revolução do povo. Castañeda, op. cit., p. 186.

⁹⁵ “Em 14 de janeiro, o Che se reúne com Raúl Castro e Camilo Cienfuegos, com seu lugar-tenente na sierra e na ‘invasão’, Ramiro Valdés, e com Víctor Piña, do PSP, para começar a constituir ‘um órgão de características secretas que se responsabilize pela segurança do Estado revolucionário’.^[...] Logo Valdés assumirá o G-2 do exército, Efigenio Amejeiras o da polícia, e Raúl, no exército, se encarregará de suprir deficiências do novo Estado com os quadros da sierra. Osvaldo Sánchez, membro da direção do PSP, responsável pelo Comitê Militar do partido e um dos primeiros comunistas a ter contato com os guerrilheiros na sierra, foi indicado para acompanhar Valdés.^[...] Os serviços soviéticos enviam Angel Ciutah para ajudá-los. Este, um comunista espanhol, veterano da Guerra Civil exilado em Moscou; segundo Carlos Franqui, desempenha um papel-chave na construção do serviço cubano de segurança, em parte graças à relação que mantém com o Che [...] O aparato de segurança do Estado já estará em plena atividade em novembro [...]. O Che, por intermédio de vários colaboradores mais ou menos próximos – como, por exemplo, um francês sinistro chamado Alberto Lavandeyra -, influirá de maneira decisiva na montagem desse aparato.” Idem, p. 175.

⁹⁶ A batalha diplomática se deu por iniciativa de Fidel Castro, que vai aos EUA em abril de 1959. Tenta tranquilizar a opinião pública e o *establishment* norte-americano quanto a temas delicados como a reforma agrária, o conflito leste-oeste, o comunismo, etc. De fato, os discursos tranquilizadores de Fidel nos EUA não se casavam com os do seu irmão Raúl Castro e os do próprio Che em Cuba. Assim nos tenta esclarecer Castañeda: “Essa visível incongruência pode ter sido produto de vários fatores. É possível que Fidel Castro, graças ao seu extraordinário talento teatral, tenha buscado fazer boa figura perante seus anfitriões estadunidenses, intuindo exatamente o que queriam escutar, para ganhar tempo no inelutável enfrentamento com Washington. Castro mostrou, ao longo de quase quatro décadas no poder, que é plenamente capaz de sustentar sem maiores problemas dois ou mais discursos contraditórios ou simultâneos. Dessa perspectiva, Castro dizia uma coisa do outro lado do estreito da Flórida, o Che e Raúl diziam outra na ilha, e caso alguém apontasse a incompatibilidade entre os dois pronunciamentos, Fidel simples-

tituto Nacional de Reforma Agrária) e, semanas depois, o Banco Nacional de Cuba, onde ficará por catorze meses.⁹⁷ Durante os próximos quatro anos, aproximadamente, é o Che quem responde pela economia cubana.⁹⁸

A Revolução Cubana avança a passos de campanha. Em fins de 1959, as expropriações de terras são aceleradas, sem indenizações. Em julho de 1960, os EUA cancelam a compra do açúcar cubano. A URSS decide comprar a cota dos EUA. Castro confisca as refinarias de petróleo norte-americanas do país por se recusarem a refinar o petróleo soviético que substituiria o venezuelano. As relações com os EUA se radicalizam; as com a URSS se estreitam. Guevara terá papel fundamental nestes dois processos.

Ainda temos aqui um Guevara iludido com o socialismo burocrático soviético. Nunca saberemos ao certo as verdadeiras motivações que levaram a URSS a apoiar tão calorosamente a Revolução Cubana. Havia uma luta interno dentro do PCUS; havia a disputa ideológica com a China de Mao Tse-tung⁹⁹; em 1962, com a famosa Crise dos Mísseis, é tese corrente que a preocupação soviética eram os mísseis da OTAN instalados na Turquia e que a instalação de seus mísseis em Cuba (na porta dos EUA) seria para forçar uma negociação do tipo “você tiram os de lá que nós tiramos os nossos daqui”. No entanto, os soviéticos retiraram os seus sem nenhuma contrapartida; enfim, ainda há muita coisa que os historiadores precisam descobrir...

mente desmentiria seu irmão e o Che, com o pleno conhecimento e consentimento de seus subalternos.” Castañeda, op. cit., pp. 186-187.

⁹⁷ “Começou seu trabalho no INRA, como diretor de indústrias. Seu cargo adquiriria mais significado por causa da expropriação de muitas usinas açucareiras (em Cuba chamadas centrais) sob a égide do INRA; assim, Che assumia o principal setor da economia do país.” Idem, p. 199. O Banco Nacional de Cuba era a instituição central de emissão de moeda. Comandar tal banco equivalia a ter a chave do cofre de Cuba.

⁹⁸ “Fidel Castro sabia perfeitamente que o Che tinha pouca ou quase nenhuma experiência em economia, mas os economistas à disposição não mereciam a sua confiança. Das pessoas confiáveis, o Che era quem tinha maiores conhecimentos de economia. [...] A morte de Camilo Cienfuegos em novembro e a designação definitiva de Raúl para a Defesa deixavam o caudilho sem opção.” Ibidem, p. 200.

⁹⁹ “É preciso introduzir um fator adicional na descrição dos motivos de Nikita. **Embora Cuba pouco soubesse sobre isso e pouco se importasse**, Moscou estava empenhada no conflito sino-soviético. Em 21 de junho [de 1960] celebrara-se em Bucarest o Congresso do Partido Comunista (Operário) da Romênia, no qual se deu o primeiro enfrentamento público entre os grandes do socialismo real. Em particular, Krushev tachou os membros da delegação chinesa de “loucos”, “trotskistas” e “belicistas”. [...] O Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética reuniu-se justamente em 11 de junho de 1960; a sessão plenária aprovou a proposta de Krushev de retirar todos os técnicos soviéticos da China. Como assinalou em 1970 o jornalista francês K. S. Karol, o apoio a Cuba foi a cartada perfeita para a direção russa desencadear sua ofensiva antichinesa. Ninguém poderia acusar os soviéticos de frouxidão perante os Estados Unidos ou falta de solidariedade aos países do Terceiro Mundo, no preciso momento em que eles salvavam Cuba do ostracismo e da ruína econômica [...]. [...] Em 9 de junho, no auge do confronto de Havana com Washington em torno do petróleo e do açúcar, Nikita Krushev declarou em Moscou que os artilheiros soviéticos defenderiam Cuba com mísseis caso fosse necessário. Castro confirmou a oferta russa, embora advertisse que ela devia ser interpretada ‘metaforicamente’.” Ibidem, p. 210, grifo meu.

Em outubro de 1960, Guevara lidera a primeira delegação oficial cubana em visita à União Soviética.¹⁰⁰

Em Cuba, coincidentemente ou não, a liberdade de imprensa é limitada. Vários jornais são fechados e as principais estações de rádio passam para o governo. Surgem as prisões políticas bem ao estilo soviético:

Fidel e o Che criaram, por meio das negociações com a União Soviética, as condições para o aguçamento do antagonismo com os Estados Unidos. Já dispunham de uma rede de segurança, tanto em matéria de venda de açúcar como de abastecimento de petróleo, e, a seguir, de armas. **Podiam empreender o endurecimento interno, um castigo que não envolveu diretamente o Che, mas contou com seu apoio e em certa medida foi inspirado por ele. Foi o Che inclusive quem criou o primeiro “campo de trabalho” em Cuba,** naquele período, precisamente em Guanahacabibes.^[...] Embora ele próprio tenha passado alguns dias ali, voluntariamente, estava estabelecendo um dos mais odiosos precedentes da Revolução Cubana: o confinamento de dissidentes, homossexuais e, mais tarde, aidéticos. Sua justificação posterior é franca, precisa e lamentável: Só em casos duvidosos [diz o Che] se envia a Guanahacabibes gente que deveria ir para a cadeia. Eu acredito que quem deve ir para a cadeia deve ir para a cadeia, de qualquer maneira. Seja um velho militante, seja quem for, deve ir para a cadeia. Para Guanahacabibes enviam-se pessoas que não devem ir para a cadeia, gente que atentou contra a moral revolucionária, em maior ou menor grau, com sanções simultâneas de privação de cargos, em outros casos não, sempre como um tipo de reeducação por meio do trabalho. Trabalho duro, não trabalho bestial, mas condições de trabalho duras sem serem bestiais [...].¹⁰¹

Palavras duras do nosso Che, mas ditas dentro de um contexto também bastante duro. Que o leitor faça o seu próprio julgamento:

Reformistas do Vinte e Seis de Julho se uniram a ex-colaboradores de Batista [não é demais?...], **preferidos pela CIA**, para combater seus novos inimigos, os irmãos Castro e Che Guevara. A contra-revolução passou a ações mais drásticas: a sabotagem, a queima da safra, os assassinatos de milicianos alfabetizadores no Escambray e várias expedições armadas enviadas do exterior. Os Estados Unidos puseram em marcha decisões irreversíveis; buscavam a derrubada de Fidel Castro, fosse como fosse. Puseram-se em movimento os preparativos que desembocariam na agressão de playa Girón [baía dos Porcos].¹⁰²

¹⁰⁰ Pousa em Moscou em 22 de outubro de 1960. Parte em 16 de novembro do mesmo ano. Passa antes pela Tchecoslováquia. Visita a China, que se compromete a comprar 1 milhão de toneladas de açúcar em 1961. Conhece Mao Tse-Tung. Ao todo, se ausenta por dois meses de Cuba.

¹⁰¹ Castañeda, op. cit., p. 211, grifo meu.

¹⁰² Castañeda, op. cit., p. 211-212, grifo meu.

Guevara permanece no Banco Nacional de Cuba até às vésperas da vitória da baía dos Porcos que se deu em 22 de abril de 1961, uma tentativa – organizada pela CIA – de invasão de Cuba por exilados e mercenários norte-americanos. Os combates duram cerca de quatro dias.¹⁰³ Um pouco antes, em 21 de fevereiro, é nomeado ministro da Indústria. Ficará neste cargo até 1965.

Não poderemos discutir aqui as questões de natureza econômica que infernizaram a vida dos revolucionários cubanos. O importante é registrar que tanto o Che como o próprio Fidel fizeram de tudo para se libertarem da dependência de um único produto de exportação (a monocultura do açúcar) e fracassaram. Não é fácil se libertar das amarras de um mercado mundial, ontem e hoje, regido pela *lei do valor*. E Cuba não é um Brasil, por exemplo, rico em recursos naturais.

Em março de 1961, Castro decreta o racionamento de uma grande variedade de gêneros de primeira necessidade, como arroz, feijão, ovos, leite, peixe, frango, carne bovina, óleo, pasta de dentes e detergentes. “*Antes disso, o Che fizera sua primeira autocrítica na televisão, reconhecendo que elaborara ‘um plano absurdo, desligado da realidade, com metas inatingíveis e prevendo recursos que não passavam de um sonho’.*”¹⁰⁴ Os recursos esperados do bloco socialista não chegaram.

Che, entusiasta do socialismo soviético – antes de melhor conhecê-lo – teve grande decepção quando se deu conta do atraso tecnológico dos russos em relação aos EUA. Também se decepcionou com o desinteresse recorrente dos soviéticos em ajudar Cuba a se industrializar.

Não havia alternativa: ou Cuba se submetia aos caprichos da URSS que garantia a compra do seu açúcar ou morria de asfixia econômica.

É na Crise dos Mísseis, em outubro de 1962, que a decepção com os soviéticos atinge o seu ponto máximo.

¹⁰³ Em 3 de janeiro de 1961, os EUA rompem com Cuba decretando posteriormente o bloqueio comercial à ilha. Desesperados, organizam uma invasão cujos soldados eram em sua maioria exilados cubanos, mas também mercenários norte-americanos. No dia 16 de abril de 1961, desembarcam na baía dos Porcos, ao sul de Cuba. São trucidados pelo novo exército e pelo povo cubano em 72 horas. 161 cubanos da ilha morreram, 107 invasores de Miami também morreram e 1189 foram presos, um barco inimigo foi afundado e 7 dos 25 aviões utilizados no ataque foram abatidos. Até mesmo a multinacional United Fruit emprestou dois de seus navios mercantes para o transporte de armas e homens. Seus prejuízos com as estatizações cubanas teriam chegado a 38 milhões de dólares. A invasão contou com o apoio da CIA e do Pentágono. Em maio de 1961, Fidel Castro declara Cuba um Estado socialista.

¹⁰⁴ Idem, pp. 253-254.

Em diversas ocasiões, ao longo de 1961, o Che invocou o escudo protetor atômico da URSS. Sua tese, bastante explícita, postulava uma indiscutível realidade: enquanto os Estados Unidos não desistissem das tentativas de derrubar pela força o regime revolucionário de Havana, este teria o direito e a obrigação de defender-se como pudesse. Somado às milícias, ao exército regular, à aviação e ao apoio popular, a instalação de mísseis soviéticos de curto e médio alcance teria um poderoso efeito dissuasivo. Cuba passaria a ser uma espécie de gatilho atômico soviético: um ataque à ilha seria respondido pela URSS, a partir de Cuba, de maneira semelhante à dos mísseis norte-americanos instalados na Alemanha e na Turquia. A convicção dos cubanos até o verão de 1962 era de que Kennedy, a CIA e Miami queriam a todo custo uma revanche da baía dos Porcos, e por isso estariam planejando uma nova invasão. Esse era um motivo mais do que suficiente para que o escudo nuclear soviético fosse estendido até Cuba.¹⁰⁵

Em fins de abril de 1962, Krushev decide instalar os mísseis em Cuba. A proposta previa o envio de 42 mil homens soviéticos e 42 mísseis de 24 metros. Hoje sabe-se que vinte dos 42 mísseis soviéticos estavam armados com ogivas nucleares; seis lança-mísseis táticos carregados com nove mísseis nucleares estavam prontos para serem usados. Entraram em Cuba sem serem notados pelo Serviço de Informações dos EUA.¹⁰⁶

Um avião-espião norte-americano é derrubado pelos soviéticos em Cuba no dia 27 de outubro.

A crise se acirrou quando Kennedy soube da presença de mísseis da URSS em Cuba e de outros que já estavam a caminho, em alto-mar. O presidente dos EUA impôs à ilha um bloqueio marítimo e exigiu a retirada dos mísseis já instalados. Krushev primeiro vociferou, em seguida pestanejou [...] e em 28 de outubro cedeu ao ultimato de Washington. Em troca da retirada dos mísseis e de uma inspeção por parte das Nações Unidas – que Castro nunca admitiu –, a URSS obteve a promessa de que os Estados Unidos não invadiriam Cuba – promessa nunca ratificada em documento – e a retirada dos mísseis norte-americanos na Turquia – aliás, obsoletos – em uma permuta jamais reconhecida por Washington.¹⁰⁷

Krushev faz um acordo com Kennedy sem sequer ouvir a opinião de Castro, que toma conhecimento do mesmo pelo rádio. A fúria toma conta de Fidel Castro:

¹⁰⁵ Castañeda, op. cit., p. 261.

¹⁰⁶ Numa conferência sobre a Crise dos Mísseis em Cuba, realizada em Havana em 1992, Robert McNamara (secretário de Defesa dos EUA no governo Kennedy) quase caiu da cadeira ao saber disso. Idem, p. 268.

Castro sentiu-se terrivelmente traído, ofendido e desprezado pela URSS, tanto pela rendição em si como por ter sabido da decisão pelo rádio. Ao tomar conhecimento da resolução soviética enfureceu-se, chamou Krushev de ‘filho da puta, cagão e bunda-mole’^[...]. Pouco depois, proclamaria em público, na Universidade de Havana, que o problema de Krushev era ‘falta de colhão’^[...]. Rejeitou no mesmo dia a promessa norte-americana de não invadir a ilha e apresentou sua lista de exigências [todas absurdas pois Cuba não estava em condições de exigir nada]: levantamento do bloqueio, fim das atividades subversivas contra seu governo realizadas a partir dos Estados Unidos e de Porto Rico, suspensão dos sobrevôos, devolução da base de Guantánamo.¹⁰⁸

Guevara está em Pinar del Río, como comandante de toda a região ocidental da ilha, com as tropas em alerta máximo para uma possível invasão norte-americana. Sua missão, caso fossem derrotados, seria a de voltar para as montanhas para preparar novamente a guerrilha.

Este fato, para não citar outros, nos dá a dimensão exata de como os revolucionários não tinham a menor dúvida de que um ataque norte-americano poderia acontecer a qualquer momento depois da “traição” soviética. Explica, também, os insultos de Fidel a Krushev.

Em novembro de 1962, agora é o Che quem desabafa a sua ira, embora também esteja sinceramente falando a verdade, numa entrevista para o jornal do Partido Comunista da Grã-Bretanha:

Se nos atacarem, lutaremos até o fim. Se os mísseis tivessem ficado em Cuba, usaríamos todos, apontando-os contra o coração dos Estados Unidos, inclusive Nova York, para nos defendermos contra a agressão. Mas como não os temos, lutaremos com o que temos [...] **Até agora apenas se evitou o enfrentamento, e só.**¹⁰⁹

¹⁰⁷ Castañeda, op. cit., p. 269.

¹⁰⁸ Idem, pp. 269-270. “O slogan ‘Nikita, mariquita, lo que no se da, no se quita’ [Niquita, veadinho, ninguém tira o que não deu], gritado em coro em Havana, mostra bem o estado de espírito que imperava em Cuba, tanto entre o povo como no seio da direção revolucionária. As atribulações de Krushev eram evidentes: expôs-se à crítica impiedosa dos chineses – “É a maior traição desde a da social-democracia alemã no início da Primeira Guerra Mundial”^[...] – e à de seus inimigos dentro da própria URSS. [Em 31 de janeiro de 1963, Krushev remete uma carta a Fidel pedindo ‘serenidade e autocontrole’ e convida-o para visitar a URSS. Fidel é obrigado a aceitar] [...] Não tinha alternativa: **Krushev simplesmente não podia continuar apoiando Cuba quando esta o insultara por fraquejar diante de Kennedy e dos Estados Unidos.**” Ibidem, pp. 270, grifo meu.

¹⁰⁹ Ibidem, pp. 271-272, grifo meu.

Não se pode ver pura traição na atitude de Krushev ao retirar os mísseis de Cuba mediante um mero acordo verbal.¹¹⁰ Não seria uma análise correta, multilateral. Seria simplificar o complexo... Ainda há muito o que se esclarecer sobre este acordo. Em setembro de 1971, Kruchev termina a sua vida em prisão domiciliar. Anos depois da Crise dos Mísseis, ao que tudo indica, o complexo industrial-militar norte-americano se encarregaria de explodir a cabeça do presidente Kennedy, no dia 22 de novembro de 1963, de olho no Vietnã e no mundo. Temos, pois, destinos nada agradáveis para os dois principais personagens que - quem poderá dizê-lo? - impediram a Terceira Guerra Mundial...

Seja como for, a sensação que Guevara, Fidel e Raúl Castro tiveram naquela crise deve ter sido de total impotência, como aquela dos bolcheviques quando, ao tomarem o poder em 1917, esperavam que a revolução na Alemanha – que não veio – viesse em seu socorro. É claro, como em qualquer guerra, que o cerco do inimigo é o pior dos perigos. A saída? Romper o cerco. Como? Para Trotsky quanto para Guevara – com o apoio incondicional de Fidel – “exportar” a revolução, rompendo o cerco e obrigando o inimigo a dividir suas forças em outras frentes de combate, em qualquer lugar do planeta.

Decorre daí, a meu ver, a visão política e militar de Che de que abrir novas frentes contra o imperialismo em qualquer lugar do mundo é – a um tempo – defender a Revolução Cubana. Faz muito sentido, se nos esforçarmos para mergulhar naquele contexto histórico. Em 1962, para melhor completar o quadro, Cuba é expulsa da OEA e a maioria dos governos latino-americanos, obedecendo a determinações norte-americanas, rompem relações diplomáticas com a ilha.

A política de “exportação da revolução” era uma política de Estado. Em julho de 1962, uma importante delegação cubana comparece à proclamação da independência na Argélia. Logo depois, Fidel e Che oferecem ajuda técnica, médica e militar à nova república africana. A primeira missão médica chega a Argel no dia 24 de maio de 1963, com 55 pessoas. Em setembro do mesmo ano, tropas do Marrocos ocupam vários postos de fronteiras argelinas. Em 8 de outubro, inicia-se a chamada Guerra do Deserto. Os cubanos oferecem imediatamente ajuda militar. As versões variam mas algo entre 686 e 800 homens, entre 22 e 70 blindados foram enviados por Cuba. Em 19 de outubro ocorre um cessar-fogo e negociações. Os cubanos ainda ficam por seis

¹¹⁰ Em outubro de 1964, Krushev passará a viver em Moscou num exílio forçado e vigiado pelo governo soviético, em prisão domiciliar. Nela, dita em fitas o seu “Testamento Final”. É o que diz o seu livro... Curiosamente, não fala

meses na Argélia dedicando-se à instrução militar e, quando partem, deixam todo o material bélico com os argelinos. Foi a primeira expedição cubana na África.

Guevara já era odiado pelos EUA. Com a sua política de “exportação da revolução”, passa a ser acusado pelos soviéticos de pró-chinês. Em 1963, o conflito sino-soviético está no auge. Em meados de 1963, Cuba é formalmente incluída no bloco socialista controlado, naturalmente, pelo PCUS. Divergências de política externa e de gestão de uma economia socialista criavam um abismo intransponível entre os dirigentes soviéticos e Guevara. Para a URSS, quem não está do seu lado, no campo socialista, está do lado de Mao Tse-tung. Este maniqueísmo era para Guevara insuportável, que certa vez desabafou com o seu professor de russo e amigo Daroussenkov:

Alguns companheiros soviéticos tendem a entender os meus pontos de vista – sobre temas como a guerra de guerrilhas como principal meio para a libertação dos povos latino-americanos, ou o problema da autogestão financeira contra o financiamento orçamentário – como posições chinesas e tiram daí a conclusão de que Guevara é pró-China. Por acaso não posso ter minha própria opinião sobre essas questões, independente do que pensem os chineses?¹¹¹

Relações ruins com a URSS, naquela época, era sinônimo de relações ruins com os partidos comunistas latino-americanos submetidos à Moscou. Explicar esta subserviência dos comunistas em relação ao PCUS demandaria espaço aqui não disponível, mas é preciso dizer – com todas as letras – que o interesse material se sobrepunha aos supostos interesses ideológicos, digamos assim. Não foram só divergências políticas sinceras que explodiram os partidos comunistas tradicionais na década de 1960. Só os ingênuos ou puros de espírito acreditam nisto. O oportunismo, a falta de caráter, de integridade moral, o mandonismo traiçoeiro e despótico disfarçado por um sagrado respeito à disciplina partidária, a falta de lealdade – qualidade que o Che sempre

absolutamente nada sobre a crise dos mísseis em Cuba. Ver: Khrushchev, Nikita, *O Testamento Final*, Artenova, Rio de Janeiro, 1974.

¹¹¹ Castañeda, op. cit., p. 295. “A partir de meados de 1963, quando Cuba foi formalmente incluída no bloco socialista, cópias de telegramas da embaixada da URSS em Havana iam para o Departamento do Comitê Central do Partido Comunista da URSS encarregado das relações com os países socialistas. O chefe do departamento, a quem se encaminhavam as cópias, era Yuri Andropov. A primeira acusação direta de que o Che era pró-China apareceu nos telegramas soviéticos em fevereiro de 1963. Provinha de um alto dirigente do Partido Socialista Operário da Hungria, Ishtvan Tempe, que passaria várias semanas em Havana: ‘Alguns dirigentes cubanos (Che Guevara, Vilma Espín) estão sob forte influência dos chineses’.” Idem.

admirou em Fidel Castro – tudo isso aliado às vantagens de se ficar do lado do mais forte foram – a meu ver – os fatores hegemônicos.¹¹²

Dizem que os frutos nunca caem muito longe das árvores. Ora, o bloco socialista pró-URSS foi construído à imagem e semelhança de Stálin, sabidamente uma figura sombria, desumana e cruel que não tolerava dissidências e esmagava impiedosamente os seus opositores. Foi com este tipo de gente que o Che teve de dialogar na sua aventura na Bolívia, como o secretário-geral do partido comunista boliviano, Mario Monje, o que veremos adiante.¹¹³ Não é preciso dizer que Stálin nunca se preocupou com os movimentos revolucionários pós-1917. A sua visão sempre foi utilitarista: tudo aquilo que favorecesse a manutenção do poder na URSS deveria ser apoiado. O resto não importava. Tal foi a política externa soviética que predominou após a sua morte em 1953.

Temos, assim, um Che odiado pelos EUA, pela URSS e – por extensão – pelos dirigentes dos partidos comunistas latino-americanos aliados à Moscou. Não se pretende insinuar com isso que o Che foi derrotado na Bolívia por traições de toda ordem. Guevara sabia desde o início com quem estava lidando. E Fidel Castro também... Eles não eram nem inocentes nem estúpidos.

Em 17 de março de 1964, Guevara vai à Genebra, encabeçando uma delegação cubana à Primeira Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento.

¹¹² Viagens gratuitas para a URSS e outros países do Leste, financiamentos de toda ordem para os partidos comunistas “irmãos” eram alguns dos expedientes que o PCUS utilizava para controlar os seus fiéis aliados pelo mundo afora. Divergir da linha do PCUS provocava “demissão por justa causa” de supostos comunistas. O interesse material falava mais alto. Ademais, a alternativa proposta pelo Che não era nada confortável. Não seria mais “prudente” se opor à luta armada em nome de um trabalho de massas, buscando a hegemonia inclusive nos lucrativos cargos do aparelho de Estado?... Quem quer que conheça os argumentos utilizados pelos quadros do PC do B no Brasil para justificarem a sua presença no governo Lula, sabidamente entreguista, perceberá que este discurso oportunista dos pseudo-comunistas é recorrente na história latino-americana. No tempo em que o Che já pensava em ir para a Bolívia, Mario Monje, secretário-geral do partido comunista boliviano, teria recebido 50 (cinquenta) mil dólares do PCUS. “*Nos arquivos secretos da ex-URSS consta o protocolo de uma reunião do Politburo do Comitê Central do PCUS aprovando um orçamento que destinava 30 mil dólares ao PCB em 1966 e outros 20 mil dólares à Frente Nacional da Bolívia, o braço eleitoral do partido.*[fonte:] Edição do Protocolo nº 8 da reunião do Birô Político do CC em 24 de junho de 1966: Resolução da Seção Internacional do CC do PCUS (ultra-secreto), Arquivo do Estado da Rússia, Conservação de Documentos Contemporâneos, Moscou, fôlio nº 89, lista nº 51, doc. nº 25.” Castañeda, op. cit., pp. 388, 496.

¹¹³ Uma das provas de que o Che sabia com quem estava lidando é o próprio Castañeda quem nos fornece: “*Várias testemunhas recordam Guevara no vôo de regresso de Murmansk para Havana, eufórico, ligeiramente embriagado [...]. Também foi nesse vôo que fez um impagável comentário para Salvador Cayetano, dirigente do Partido Comunista de El Salvador, estando sentado entre os secretários-gerais do partido mexicano, Arnoldo Martínez Verdugo, e da Bolívia, Mario Monje: ‘Aqui estou eu, Carpio, sentado entre um monge e um verdugo’.*” Idem, p. 313, grifo meu. Para um bom entendedor, meias palavras bastam. Castañeda não tece comentários mas arrisco-me a inferir que Che fez um paralelo entre as execuções medievais nas quais momentos antes de o carrasco fazer o seu trabalho, um padre fazia o seu, e as dificuldades que enfrentaria na América Latina com os comunistas.

Sentiu-se ferido com a frieza e o isolamento que sofreu por parte das delegações socialistas. Já não era visto como um membro da família, se é que alguma vez o fora: ‘Guevara teve uma má impressão dos contatos com os companheiros soviéticos e de outros países socialistas em Genebra. Queixou-se de que mostraram desconfiança. A delegação cubana estava isolada. As da Europa oriental se reuniam, discutiam e só depois consultavam Cuba, para cumprirem o protocolo. Aquilo o magoou muito’¹¹⁴. [...] A relação do Che com os demais latino-americanos era tensa. Segundo um integrante da comitiva mexicana, nem sequer o convidavam para as reuniões do grupo regional.¹¹⁴

Fica um mês fora de Cuba, visita Praga e Paris e se dirige à Argélia para formalmente assistir ao Primeiro Congresso da Frente de Libertação Nacional. Quer saber como andam as coisas na África.

[...] As lutas de libertação no continente já então mereciam do Che uma atenção constante: em seu discurso em Genebra, ele citou várias vezes o exemplo de Patrice Lumumba. A retomada dos combates no Congo e a debilidade do governo de Moise Tshombé começavam a interessá-lo ao máximo. Reuniu-se em Argel com alguns dos dirigentes congolezes no exílio. Seu sexto sentido advertiu-o de que o movimento rebelde de 1961, esmagado após o assassinato de Lumumba, mas ainda latente, estava às vésperas de uma nova eclosão. [Num documento da CIA de 5 de agosto de 1964, as estimativas são as mesmas do Che] Seu envolvimento não era puramente acadêmico. Desde janeiro ele conseguiu que Pablo Ribalta, seu velho colaborador da sierra Maestra, de origem afro-cubana, fosse nomeado embaixador na Tanzânia. A recém-formada república compreendia a ilha de Zanzibar, onde Cuba mantinha relações com o Partido Nacionalista desde setembro de 1961, treinando seus combatentes e militantes.¹¹⁵

Em novembro de 1964, viaja à União Soviética para representar Cuba nos festejos do aniversário da Revolução Russa. Kruschev fora destituído de uma maneira nebulosa, o que não agradou ao Che, mesmo não nutrindo por ele grandes admirações. Em dezembro, viaja aos EUA para representar Cuba na 19ª Assembléia Geral das Nações Unidas.

O discurso do Che foi incendiário, pelo tom, pelo conteúdo e pela personalidade do orador. Reiterou a tradicional posição de Cuba frente aos Estados

¹¹⁴ Castañeda, op. cit., pp. 311-312.

¹¹⁵ Idem, p. 312.

Unidos, inclusive os chamados cinco pontos de outubro de 1962¹¹⁶, e perante a América Latina, incluindo, como sempre, a denúncia à OEA e aos ‘fantoques’ latino-americanos. A novidade foi a ênfase africana. [...] as passagens mais vibrantes foram as dedicadas ao Congo e à invasão aérea de Stanleyville.¹¹⁷ ‘Talvez sejam filhos de patriotas belgas [a colonização belga na África foi um filme de terror, assustadoramente cruel e sanguinária] mortos em defesa da liberdade de seu país os que assassinaram a sangue-frio milhares de congoleses, em nome da raça branca, assim como antes sofreram sob a bota germânica porque sua taxa de sangue ariano não era suficientemente elevada [...] Nossos olhos livres se abrem hoje para novos horizontes e são capazes de ver o que ontem nossa condição de escravos coloniais ocultava: que a “civilização ocidental” esconde por trás de sua vistosa fachada um quadro de hienas e chacais. Porque só merecem esse nome aqueles que foram cumprir tarefas tão “humanitárias” no Congo. Animal carniceiro que engorda devorando povos indefesos; assim faz o imperialismo com o homem, é isso que distingue o “branco” imperial [...] Todos os homens livres do mundo devem estar dispostos a vingar o crime do Congo.’¹¹⁸

Em 25 de fevereiro de 1965, Che, num seminário econômico de solidariedade afro-asiática em Argel, acerta as suas contas com a União Soviética. Corajosamente mexe nas feridas mais dolorosas do campo socialista. Em seu famoso *Discurso de Argel*, Guevara denuncia o oportunismo sobretudo soviético nas suas relações internacionais com os países do chamado Terceiro Mundo. Suas críticas são inacreditavelmente demolidoras. Somente um líder como o Che teria a audácia de dizer para a URSS aquilo que muitos gostariam de ter dito mas que por força das circunstâncias não podiam ou não tiveram a coragem de fazê-lo.

Guevara teve o mérito de ser odiado – no curso da Guerra Fria – pelos dois tipos de imperialismo. Na Bolívia, quando capturado, se acidentalmente o general Barrientos ligasse não para a

¹¹⁶ “Primeiro: cessamento do bloqueio e de todas as medidas de pressões comerciais e econômicas que exercem os Estados Unidos em todas as partes do mundo contra nosso país; segundo: cessamento de todas as atividades subversivas, lançamento de desembarque de armas e explosivos pelo ar e pelo mar, organização de invasões mercenárias, infiltração de espiões e sabotadores, todas ações que se levam a efeito a partir do território dos Estados Unidos e de alguns países cúmplices; terceiro: cessamento dos ataques piratas que se levam a cabo a partir de bases existentes nos Estados Unidos e Porto Rico; quarto: cessamento de todas as violações de nosso espaço aéreo e naval por parte de aviões e navios de guerra norte-americanos; quinto: retirada da base naval de Guantánamo e devolução ao território cubano pelos Estados Unidos.” Guevara, Che, “Por uma revolução internacional”, Coleção América Latina, Série Nossa História, Nossos Problemas, Edições Populares, São Paulo, 1987, Volume 9, p. 83.

¹¹⁷ Desde 1964, Pierre Mulete, o ministro da Educação de Lumumba, inicia a rebelião congolesa na região centro-ocidental de Kwilu. No Leste e no Norte do país, perto de Stanleyville, o Comitê Nacional de Libertação faz o mesmo. O objetivo: derrubar Tshombé, que assume o poder três anos antes com o apoio da ONU, dos belgas e da CIA. Em agosto, os rebeldes tomam Stanleyville. Bélgica e EUA, poucos meses depois, enviam pára-quedistas para retomar a cidade. Foi um banho de sangue chamado “Operação Dragão Vermelho”. Mas antes, os rebeldes já haviam dado a sua contribuição para os anais da barbárie humana: quando entraram em Stanleyville, vinte mil congoleses da classe média ilustrada foram fuzilados (ver Castañeda, op. cit., p. 315). Na África, a vida humana nunca valeu muita coisa... Não sabemos se o Che conhecia estes fatos antes de fazer o seu discurso.

¹¹⁸ Castañeda, op. cit., p. 317.

CIA mas para a KGB, provavelmente a resposta seria a mesma: matem-no imediatamente e cuidem para que o corpo não seja encontrado.

Neste seu discurso, Guevara expõe com bastante clareza como, para ele – e seguramente para o governo cubano – os países socialistas devem lutar contra o imperialismo, no plano econômico e militar. Para Che, o palco das operações econômicas, políticas e militares chama-se planeta Terra.¹¹⁹

Dissemos que cada vez que um país se liberta, isso é uma derrota para o sistema imperialista mundial, mas devemos também reconhecer que essa ruptura não se produz pelo simples fato de proclamar a independência ou de obter uma vitória pelas armas numa revolução. A liberdade chega quando cessa a dominação econômica do imperialismo sobre um povo.

Trata-se então de uma questão vital para os países socialistas que essas rupturas se produzam efetivamente. E é nosso dever internacional, o dever ditado pela ideologia que nos guia, contribuir com nossos esforços para a libertação mais rápida e mais profunda.

Devemos tirar uma conclusão de tudo isso: **o desenvolvimento dos países que se encaminham pelo caminho da libertação deve ser pago pelos países socialistas.** [refere-se, é claro, aos países socialistas mais desenvolvidos]. Dizemos isso sem nenhuma intenção de chantagem ou de efeito espetacular, nem à procura de um meio fácil de nos aproximarmos de todos os povos afroasiáticos, mas sim porque é essa **a nossa convicção** [a nossa, a de Cuba] profunda. O socialismo não pode existir se não operar nas consciências uma transformação que provoque uma nova atitude fraternal em relação à humanidade, tanto sobre o plano individual na sociedade que constrói ou que construiu o socialismo quanto no plano mundial, em relação a todos os povos que sofreram com a opressão imperialista.

Acreditamos que é nesse espírito que deve ser tomada a responsabilidade de ajudar os países dependentes e que não deve mais tratar-se de desenvolver um comércio, feito em benefício mútuo, à custa dos países subdesenvolvidos, na base de preços adulterados pela lei do valor e pelas relações internacionais de troca desigual acarretadas por essa lei.

Como se pode chamar de “benefício mútuo” a venda, aos preços do mercado mundial, de produtos brutos que custam aos países subdesenvolvidos esforços e sofrimentos sem limite e a compra, também aos preços do mercado mundial, de máquinas produzidas nas grandes fábricas automatizadas que hoje existem?

Se estabelecermos este tipo de relações entre dois grupos de nações, temos de convir que **os países socialistas são, em certa medida, cúmplices da exploração imperialista.**

Alegar-se-á que o volume de trocas com os países subdesenvolvidos constitui uma percentagem insignificante do comércio exterior desses países. É absolutamente certo, **mas isto não altera nada no caráter imoral dessa troca.**

¹¹⁹ Ver Anexo I desta monografia, onde transcrevo integralmente o presente discurso.

Os países socialistas têm o dever moral de terminar sua cumplicidade tácita com os países exploradores do Ocidente.¹²⁰

Se Marx e Engels estivessem ali presentes ficariam orgulhosos do Che. Provavelmente gritariam a palavra de ordem do Manifesto do Partido Comunista escrito por eles em 1848: “*Proletários de todos os países: uni-vos!!!*”. Sim, pois o que o Che está no fundo questionando é o suposto *internacionalismo proletário* dos países do bloco socialista. Guevara, neste seu discurso, propõe medidas concretas para viabilizar – na prática – este internacionalismo. Toda a economia de Cuba, como vimos, esteve sob o seu comando. Viu como as coisas no comércio internacional funcionavam e, com base nesta experiência, pôs-se a estudar medidas que a um tempo fortalecessem o conjunto dos países do campo socialista e *materializassem* os princípios comunistas, até então mero discurso em contradição flagrante com o *intercâmbio desigual*.

Muitos atribuem ao conteúdo deste seu discurso a gota d’água do rompimento com Fidel, como se isto tivesse realmente acontecido. De fato, em 17 de fevereiro, Cuba havia assinado um acordo de longo prazo com a URSS sobre comércio e meios de pagamento. Os preços das máquinas e equipamentos soviéticos eram bastante elevados, para não dizer “superfaturados”. E todos sabem que Fidel era um dos que mais se queixavam com isso mas lutava para se chegar a acordos menos danosos. Cuba, bloqueada, não tinha muita escolha.

É preciso avaliar o comportamento de Fidel e de Che como uma combinação entre o diplomata que “assopra” e o segurança que “morde”. Esta percepção só pode ser inferida. Não emerge instantaneamente das fontes históricas primárias. Fidel jamais poderia, como chefe de Estado, fazer o que o Che fez; mas o Che disse, mandou o recado... Que depois, em conversas particulares com os soviéticos, Fidel sagazmente desanuviasse o quadro, nada mudaria as palavras - já ditas - numa assembléia internacional por um representante oficial do seu governo. Ora, Fidel se comprometia com as exigências soviéticas de não se envolver com movimentos revolucionários na América Latina, enquanto, clandestinamente, o Che – com os recursos do Estado Cubano, apoiava, financiava, fornecia armas para diversos movimentos guerrilheiros no subcontinente. É possível imaginar, caro leitor, que o Che agia escondido de Fidel? Claro que não...

¹²⁰ Guevara, Che, *O discurso de Argel*, IN: Guevara, Che, *Por uma revolução internacional*, Coleção América Latina, Série Nossa História, Nossos Problemas, Edições Populares, São Paulo, 1987, Volume 9, pp. 129-130, grifos meus.

Uma combinação de dados meramente cronológicos dá asas à idéia de rompimento do Che com o Fidel. Trata-se de sua carta de despedida, escrita em 1º de abril de 1965. Como se vê, o discurso de Argel foi em 25 de fevereiro e, uma semana depois, a sua carta de despedida é entregue a Fidel. Logo depois, Guevara parte para a aventura no Congo. Não podemos entrar aqui nesta discussão, mas é preciso atentar para duas coisas: a primeira é que para o Che a guerra na África não seria de curta duração, como em qualquer outra parte do globo¹²¹; a segunda, a pressão que seguramente viria sobre o seu desaparecimento em Cuba (ficaria clandestino por bom tempo na África) e o anúncio do novo Comitê Central do recém-fundado Partido Comunista de Cuba, programado para o dia 1º de outubro de 1965 (e o Che sabia de tudo) e que certamente não contaria com a sua presença. Guevara já estava sumido desde o dia 22 de março de 1965. Sua carta de despedida foi a solução que o Che encontrou, além de nela deixar bem claro o seu total apoio a Fidel Castro. A carta fala por si mesma.¹²² Foi escrita em 1º de abril de 1965 mas só foi lida em público por Fidel Castro no dia 5 de outubro de 1965, dias depois do anúncio do novo Comitê Central. Tudo ficou explicado: o desaparecimento do Che e os motivos de sua ausência no Comitê Central. O Che era muito querido em Cuba e deixar o povo sem notícias suas por muito tempo seria muito complicado.

Guevara volta à África em 16 de março de 1965. Cinco semanas depois, entrega-se à aventura congoleza. É no Congo que o Che esquece tudo aquilo que escreveu anteriormente sobre a guerra de guerrilhas. E pagará caro por isso. A África não era a América Latina.

Antes, entrega a Fidel Castro a sua famosa carta de despedida de Cuba. Muito se tem especulado sobre os motivos que levaram Guevara a sair de Cuba. A moda agora é afirmar que o Che tinha divergências profundas com Fidel Castro em várias questões. Por exemplo, o Che não concordava com a suposta submissão de Cuba à URSS. Ora, desde a crise dos mísseis de 1962 que a cúpula do governo cubano (Fidel, Raúl, Che) perdeu a confiança na URSS. Mas ela comprava o açúcar cubano... O que fazer?... Outro exemplo, dentre tantos, as divergências do Che no debate econômico de 1963-64 sobre a relação entre os estímulos materiais e os morais para se chegar ao socialismo. Não está claro se Fidel rompeu com o Che definitivamente nesta questão, ou se foram divergências passageiras. Ora, sejam quais forem as questões apontadas como pontos

¹²¹ Ver Anexo III desta monografia: “ Mensagem aos povos do mundo através da Tricontinental”.

de divergência entre o Che e Fidel, nada disso explicaria uma ruptura entre os dois. Que o Che era mais radical – no melhor sentido do termo – do que o Fidel, este bem mais pragmático (mas nem sempre), não há dúvidas. Mas impossível seria dois líderes com personalidades tão fortes não divergirem sobre qualquer ponto da agenda revolucionária. Creio que Che e Fidel, além de nunca romperem um com o outro, nutriam um pelo outro uma amizade, uma admiração, uma confiança absoluta e um respeito mútuo profundo.

Lênin certa vez disse que a história poucas vezes conheceu uma amizade tão completa como a de Marx e Engels.¹²³ Faço, pelo que estudei neste trabalho, um paralelo entre estas duas grandes amizades, e o faço sem dificuldades.¹²⁴

1965: CONGO

O continente africano sempre foi cobiçado pelo mundo. O expansionismo europeu, sobretudo o Ibérico (séculos XV e XVI), grosso modo, foi motivado por interesses mercantilistas. Era a época do capital comercial: comprar barato e vender caro, o grande negócio. Encontrar ouro, então, seria a glória. Portugueses e espanhóis saíram a procura dele pelo mundo afora. Encontraram-no na América mas também o viram circulando na África. Colonizaram a América mas não o fizeram na África. Por quê?! “[...] *os africanos conseguiram resistir*”.¹²⁵ Porque, dentre outros fatores, “[...] *naquela época a Europa não gozava da preponderância militar que viria a ter mais tarde*”¹²⁶. Havia certo equilíbrio militar entre Europa e África.¹²⁷ “*No fim do século XVIII,*

¹²² “*Digo que sempre me identifiquei com a política externa da Revolução [cubana] e que assim permaneço.*” Guevara, Che, *Cartas*, Coleção América Latina, Série Nossa História, Nossos Problemas, Edições Populares, São Paulo, 1987, Volume 4, p. 19. Ver anexo II desta monografia.

¹²³ “*Depois da morte de Marx, Engels descobriu entre os seus manuscritos A Ideologia Alemã e leu um capítulo à filha mais nova do defunto, Eleanor, e a Helene Demuth. As suas ouvintes divertiram-se muito. Numa carta datada de 2 de junho de 1883 a outra filha de Marx, Laura, Engels escreve que Helene Demuth declarara: ‘Sei agora porque é que vocês os dois se riram tanto naquela noite em Bruxelas, ao ponto de por isso ninguém da casa ter podido dormir’.*” Marx, Karl; *BIOGRAFIA*; Edições Progresso – Moscovo, Edições “Avante!” – Lisboa; 1983; p.109.

¹²⁴ Veja, no Anexo 2, a carta de despedida de Che na íntegra, e faça – com base nela – o seu próprio julgamento.

¹²⁵ Mackenzie, J. M., *A Partilha da África – 1880-1900*, Ática, São Paulo, 1994, p. 13. Concordo com o autor quando diz que os africanos conseguiram resistir. Não foram felizes os índios americanos; não por covardia, não por falta de coragem... A história da resistência indígena na América nos indica o contrário. Fatores diversos que não poderão ser abordados aqui explicam a vitória relativa dos europeus na América. Ver, por exemplo, COLL, Josefina Oliva de, *A RESISTÊNCIA INDÍGENA – Do México à Patagônia, a história da luta dos índios contra os conquistadores*, L&PM Editores Ltda., São Paulo, 1986.

¹²⁶ Mackenzie, J. M., op. cit., p. 14.

¹²⁷ “[...] *a Europa até meados do século XIX não tinha condições de investir numa guerra de grandes proporções contra as estruturas políticas africanas, algumas solidamente estabelecidas e mesmo muito bem armadas. Por outro*

só havia soberania estrangeira em alguns pontos da costa de Angola e de Moçambique, sob dominação portuguesa, na Gâmbia britânica e no Senegal francês.”¹²⁸

É claro que o emprego de metralhadoras, por exemplo, só bem mais tarde utilizadas pelos europeus, confere um maior poder de fogo ao exército que a utiliza. Mas se apenas e tão-somente o acesso a armas poderosas e não disponíveis ao inimigo garantem uma vitória segura, como explicar a derrota dos EUA na guerra do Vietnã? É evidente que diferenças tecnológicas nos armamentos empregados pesam – e muito –, mas não são suficientes para explicar a vitória européia na América e a sua derrota inicial na África. E, francamente, tenho minhas dúvidas sobre a suposta superioridade militar dos espanhóis sobre os índios em nossa América.¹²⁹

Muito tempo será necessário para que este capital comercial seja derrotado pelo seu futuro concorrente: o capital industrial. No século XIX, os europeus voltam à África mas agora com metralhadoras e meios de produção industriais contra os quais ninguém pode. É o desenvolvimento do capitalista industrial europeu, carente de fontes de matérias-primas e mercados, enfim, a gênese do imperialismo que está em curso. Ao tempo daquilo que ficou rotulado como “partilha da África” (último quartel do século XIX), o capitalismo concorrencial dava lugar ao capitalismo monopolista, sobretudo a partir da crise econômica de 1873 que atingiu em cheio a Europa. E o

lado, até aquele momento a África fornecia, através do comércio, o ouro e os escravos necessários à demanda internacional.” Bittencourt, Marcelo, *Partilha, resistência e colonialismo*. IN: Introdução à História da África e da Cultura Afro-Brasileira, UCAM & Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, 2003 p. 71, grifo meu. O autor cita um exemplo do século XIX, impressionante: “*Menelik II iniciou seu reinado com a idéia da necessária modernização do seu armamento. Cristão ortodoxo, foi capaz de buscar apoio de uma parcela significativa da população islâmica e, com isso, construir um escudo mais eficaz contra a conflituosa relação com os interesses italianos. Relação essa que se deteriora com o passar dos anos até que a guerra começa em 1896, quando Menelik contava com um exército de 70 [setenta!] mil homens. O embate teria como resultado a morte de 8 [oito] mil italianos. O recuo foi inevitável, bem como o reconhecimento da soberania da Etiópia.*” Idem, p. 79, grifos meus.

¹²⁸ Brunschwig, Henri, *A Partilha da África Negra*, Perspectiva, São Paulo, 1993, p. 13.

¹²⁹ “*Pedro de Mendoza, em 1534, saiu da Espanha até o sul de um continente que ia sendo pouco a pouco traçado [...]. Fundou Buenos Aires às margens do Prata, na terra dos querandíes, índios que ‘não têm um paradeiro próprio no país, vagam pela terra igual como aqui, nos países alemães, os ciganos’, disse Schmidl, que os acompanhava. Em que pese o seu nomadismo, conseguem os espanhóis que lhes entreguem comida durante quatorze dias seguidos. Mas, ao faltar esta um só dia, trezentos guerreiros bem armados [grifo meu] saem da cidade em busca dos rebeldes, com a ordem expressa de ‘matar, aprisionar e escravizar os ditos querandíes e ocupar seu lugar’¹⁻¹. Os indígenas não entregam mais comida e no campo espanhol houve tal fome que ‘três espanhóis furtaram um cavalo e o comeram às escondidas’. Descoberto o caso foram enforcados como castigo. Naquela mesma noite ‘ocorreu que um espanhol comeu seu próprio irmão que estava morto’. Os indígenas, sempre a par de tudo, ‘não poderiam fazer-nos maior provocação’ do que queimar seus próprios alimentos para que o invasor não os conseguisse. A fome foi terrível durante três meses, ao cabo dos quais os querandíes, confederados com os guaranis, charruas e chana-timbués, atacaram Buenos Aires, queimaram quatro navios e incendiaram a vila disparando flechas com pontas incendiadas contra os tetos de palha. [...] [§] Quando tudo havia acabado viu-se a ruína do campo militar: dos dois mil e quinhentos homens que haviam chegado restavam quinhentos e sessenta”. COLL, Josefina Oliva de, op. cit., pp. 190-191. Não eram os espanhóis os mais bem armados?...*

capitalismo monopolista produz práticas imperialistas, como disputa por mercados e fontes de matérias-primas bem como áreas de importância geopolítica. O progresso técnico é parte integrante de um conjunto de processos econômicos sem os quais tais progressos jamais seriam aplicados na África, como as ferrovias, por exemplo.

Ao tempo desta “partilha”, poderíamos dizer que as *formações sociais* européias já teriam atingido um estágio de desenvolvimento capaz de empreender e **sustentar** um projeto de colonização na África. Antes, porém, um equilíbrio relativo entre as *formações sociais* européias e africanas não teria dado margens para que os europeus, desde sempre interessados na colonização da África (não nos esqueçamos disto), efetuassem a colonização. A preponderância européia, ao tempo da “partilha”, seria econômica (revolução industrial, por exemplo), política (fragmentação de muitas estruturas africanas de poder¹³⁰) e também militar, esta última como resultado de inovações tecnológicas operadas no curso da revolução industrial (desenvolvimento da metalurgia, da química, invenção do cartucho metálico, da metralhadora, do quinino, no combate à malária, do telégrafo, da ferrovia, do navio a vapor, etc.).

Transformações nas sociedades européias e africanas levariam a que as últimas se convertessem em colônias das primeiras, no curso de um processo complexo de inter-relações múltiplas entre Europa, África e todo o restante do globo terrestre.

Uma vez estabelecido o domínio europeu, os povos africanos (difícil usar aqui o termo “nação”), um cipoal de etnias, idiomas, religiões, enfim, se incorporam dentro da conhecida divisão internacional do trabalho: serão produtores de matérias-primas agrícolas e minerais e consumidores de produtos manufaturados ou industriais de suas respectivas metrópoles.

A Segunda Guerra Mundial vai provocar mudanças importantes nas relações entre colônias-metrópoles. As metrópoles européias estão esgotadas pelo esforço de guerra e já não podem dominar como antes. Ademais, os africanos são chamados a participar do esforço de guerra; aprendem a usar armas modernas; percebem que os “brancos” também podem ser derrotados; e, afinal de contas, vão lutar pela liberdade, contra a opressão nazista, pela democracia.... Centenas de milhares de africanos, com o término do conflito, perguntam a si mesmos se também não teri-

¹³⁰ “O fim do tráfico atlântico, na sua fase ilegal, em meados do século XIX, traria nova onda de reestruturações políticas e comerciais. As principais chefias do interior da África Central tinham organizado seus reinos em função desse comércio, e seu fim marcaria o esgotamento da capacidade de expansão dessas estruturas políticas e, na maioria dos casos, a sua fragmentação. A expansão européia nessa região defrontaria, portanto, uma resistência muito fragilizada e dispersa, o que facilitaria suas ambições e controles.” Bittencourt, Marcelo, op. cit., p. 82.

am o direito à autodeterminação... Grosso modo, eis aí alguns dos elementos importantes que alterariam a correlação de forças entre metrópoles e colônias.

A Guerra Fria deu a sua contribuição progressista. EUA e URSS se opunham ao antigo sistema colonial e, cada um a seu modo, vão disputar – como áreas de influência – as nações recém-emancipadas. A razão é simples: uma colônia que conquista a sua independência política está livre para estabelecer novas relações internacionais com outros povos. Dito de outra forma, estão livres para se submeterem a outras esferas de influência geopolíticas, mas agora numa relação de novo tipo, um pouco melhor: neocolonial. Quero dizer que considero a liberdade política, ainda que incompleta por não chegar imediatamente de mãos dadas com a liberdade econômica, tal como aconteceu em Cuba, um enorme progresso.

Durante cerca de três décadas, a descolonização africana seguirá o seu curso. Nos casos em que os europeus puderam controlar o processo de emancipação e manter os novos países independentes sob sua influência, o processo se deu com mais tranquilidade. Nos demais, a luta foi sangrenta [a Guerra da Argélia (1954-62) por exemplo].

Em 1958, os líderes africanos realizam a Primeira Conferência dos Estados Africanos Independentes, em Gana. Nela, lançam as bases da Organização dos Estados Africanos, que seria criada em 1963. Reconhecia o direito à autodeterminação dos povos e tinha como objetivo combater o colonialismo sob todas as formas.

No Congo¹³¹, em julho de 1964, com a saída das forças militares da ONU, a integridade territorial alcançada em 1962 pelas Nações Unidas, Washington e Bruxelas explode.

Em 1º de janeiro de 1964, eclode uma rebelião dirigida por Pierre Mulete, exilado por algum tempo em Pequim e agora contando com o apoio do regime maoísta. [...] O primeiro-ministro congolês logo renunciou, e o presidente Kasavubu nomeou para substituí-lo o desprestigiado ex-dirigente das guerras de independência Moise Tshombé, provavelmente respaldado pela Société Générale de Bruxelas, órgão que exercia a tutela sobre a semicolônia congoleza. Tshombé era desprezado pelos mandatários da OUA [Organização de Unidade Africana], em especial por sua facção mais radical – o chamado Grupo dos Seis, composto por Nasser, do Egito; Ben Bella, da Argélia [amigo do Che]; Nkrumah, do Gana; Sekou Touré, da Guiné; Nyerere, da Tanzânia e Modibo Keita, do Mali – [...], que ainda o responsabilizava pela morte de Lumumba. A rebelião se expandiu para o Leste [...]. Todos eles se organizaram, em outubro de 1963, no Comitê de Libertação Nacional (CLN), que receberia apoio da URSS, dos cubanos e da própria OUA. Desde princípios de 1964, o CLN estabelecera bases

¹³¹ Além de sua importância geopolítica, o Congo possui urânio, cobre e diamantes.

no vizinho Burundi, na margem oeste do lago Tanganica. Em 18 de junho de 1964, os rebeldes tomaram Albertville, um importante centro minerador; em agosto, Stanleyville [...]. A estratégia do CLN de instalar-se no Burundi foi fundamental: depois da derrota do final do ano [a “Operação Dragão Vermelho”, explicada logo adiante], **apenas essa base rebelde permaneceria intacta**: era o verdadeiro fim do mundo.¹³²

A insurreição armada no Congo¹³³ foi a mais importante de toda a África negra desde a luta pela independência.¹³⁴ Porém, quando Che chega ao Congo (1965), o principal foco já havia sido trucidado pelos batalhões de pára-quedistas belgas, norte-americanos, mercenários rodesianos e sul-africanos num banho de sangue que o próprio Che denunciaria na ONU em dezembro de 1964. A “Operação Dragão Vermelho”, como foi chamada, patrocinada pela ex-metrópole (Bélgica) e pelos EUA, foi um sucesso completo. 545 pára-quedistas lançados pela aviação norte-americana não deixaram pedra sobre pedra.

Enfim, Bélgica, EUA, URSS, China estavam direta ou indiretamente no Congo. Em meados de 1965, está lá também o nosso Che Guevara.

Os problemas que tem de resolver são enormes. Há várias direções políticas que precisam ser unificadas para que o comando das operações militares seja único. Precisa chegar a um acordo com os soviéticos e chineses – que se odiavam – para que suas ajudas continuem sem problemas. Precisa comprometer outras lideranças africanas para que completem a ajuda chinesa e soviética. Eis aí uma missão impossível... Mas para Guevara, o impossível era possível...

Segundo Serguera, embaixador cubano na Argélia, a miséria, o atraso, a opressão colonial, o racismo e tantas outras mazelas africanas comoviam profundamente o Che. Somada a tudo isso, a decepção com as lideranças guerrilheiras, as rivalidades tribais e étnicas. Castañeda nos define com perfeição o quadro dramático em que foi se meter o Che:

Tudo se complica quando se chega à idéia de “povo”: em boa parte da África, onde se deram as sucessivas intervenções cubanas – Brazzaville, Angola, Etiópia (Eritreia e Ogaden) – **o “povo” não existe**. Era falsa a idéia de que o enfrentamento com a metrópole, ou com “o imperialismo”, depois da descoloniza-

¹³² Castañeda, op. cit., pp. 323, grifo meu.

¹³³ “Os nomes do ex-Congo-Belga mudaram por completo nos anos 70. O próprio país, antes conhecido como Congo-Léopoldville, passou a chamar-se Zaire. A capital, Léopoldville, ganhou o nome de Kinshasa. A capital das províncias orientais, antes chamada Stanleyville, foi batizada como Kisangani. Elizabethville passou a ser Lumumbashi e Albertville, Kalemie. Empregamos a nomenclatura antiga por ser vigente nos anos 60.”. Idem, p. 322.

¹³⁴ Ver nota de rodapé nº 117.

ção bastaria para unificar comunidades secularmente confrontadas, sem nenhum laço além de uma fronteira imposta pelo poder colonial.¹³⁵

Guevara chega na margem ocidental do lago Tanganica com os primeiros 130 militares cubanos, provavelmente todos voluntários, em abril de 1965. Fica por sete meses nesta região.

Neste período, nenhum combate. É claro que todos os cubanos ficavam irritados com isso.

Neste período, Guevara vai conhecendo melhor algumas crenças que dominavam os soldados. Uma delas, a *dawa*, uma poção com a qual untavam seus corpos. Acreditavam que esta poção tinha poderes mágicos que lhes protegiam das balas inimigas desde que tivessem fé nela. Isto poderia ser um problema sério para os cubanos se nos combates iniciais o número de baixas fosse alto. Poderia indicar para os nativos que a pouca fé dos estrangeiros na *dawa* estava atraindo azares.

Algumas doenças, “febres tropicais”, atingiam os cubanos – inclusive o Che – com uma violência desconhecida. A região era extremamente inóspita.

O chefe, Kabila, nunca estava presente no acampamento, e seu chefe interino era um péssimo estrategista militar. Che estava como colaborador cubano, não era o comandante. Este interino decide atacar Albertville, uma importante cidade mineira situada duzentos quilômetros ao sul do seu acampamento, Kibamba. Kabila não podia comandar este ataque por estar ausente, seu lugar-tenente não tinha qualificação e o Che não era o chefe.

Em seu diário sobre o Congo¹³⁶, assim se expressa Guevara:

O maior defeito dos congoleses é que não sabem atirar... A disciplina aqui é péssima, mas tem-se a impressão de que melhora no front [...]. Hoje podemos dizer que a aparente disciplina nas frentes de combate era falsa... A principal característica do exército Popular de Libertação era ser parasita: não trabalhava, não treinava, não combatia, exigia da população mantimentos e trabalho, às vezes extremamente duro. É claro que um exército desse tipo só podia se justificar caso lutasse ao menos de vez em quando, como fazia o inimigo... Mas nem sequer isso ele fazia... **A revolução congolesa estava irremediavelmente condenada ao fracasso, devido a suas próprias debilidades internas.**¹³⁷

¹³⁵ Castañeda, op. cit., p. 329, grifo meu.

¹³⁶ Guevara, Che. *Pasajes de la guerra revolucionaria (el Congo)*.

¹³⁷ Castañeda, op. cit., pp. 358-359, grifo meu.

Explicar a insistência do Che em permanecer no Congo não é fácil. Nada ali prestava. As lideranças eram oportunistas, os soldados, um lixo humano; a região marcada por conflitos étnicos seculares, divisões tribais que sempre foram – na África – estimuladas pelos colonizadores. Enfim, como diríamos no Rio de Janeiro, um verdadeiro “*samba do crioulo doido*” ...¹³⁸

Provavelmente, o Che esperava a oportunidade para agir com os seus homens e alguns dos soldados nativos, na esperança de que o seu exemplo e o dos seus homens fortalecessem a sua liderança, ganhando assim a liberdade para agir tal como a tinha na Sierra Maestra. Mas nunca a conseguiu.

Os informes eram de que se os rebeldes não agissem logo, forças mercenárias o fariam em breve, pondo em risco toda a região. Guevara propõe – por carta!... – a Kabila uma ação limitada ao povoado de Katenga, mais acessível. Kabila decide atacar o povoado de Front de Force, ou Bendera, situado a quarenta quilômetros da base cubana, no caminho que daria para uma hidrelétrica próxima de Albertville. Guevara pretende assumir o comando desta operação mas lhe é negado por Kabila.

Comandados por um chefe medíocre, 160 ruandeses e quase quarenta cubanos, em fins de junho de 1965, marcharam para um desastre militar. Quatro soldados cubanos foram mortos em combate, fora os nativos. Os mercenários, ao revistarem os cadáveres, descobriram que eram de Cuba. Não respeitaram a ordem expressa do Che de não portarem absolutamente nada que os ligassem à ilha. Imediatamente, informaram o fato aos norte-americanos no Congo.

Os cubanos constatam que os congolezes se negavam a combater. Atiravam para o ar ou jogavam fora os seus fuzis e partiam em fuga.

Vários membros da tropa manifestaram formalmente o desejo de voltar para Cuba. O caso que mais abalou o Che foi o de Sitaini, ou El Chino, um de seus ajudantes desde os combates da sierra Maestra, que alegou não ter sido in-

¹³⁸ “A catástrofe não acontecia apenas em Kibamba, mas em toda a região. O resultado das missões exploratórias que o Che enviara a diversos povoados – Baraka, Lulimba, Katenga – foi desanimador: **bebedeiras, esbanjamento, excessos e preguiça, nenhuma disposição de combate ou resistência.** Ao mesmo tempo, havia armas de sobra: continuavam chegando da URSS e da China, via Tanzânia. Em junho, Chu En-Lai visitou Nyerere em Dar Assalam. Consolidou-se o apoio chinês à luta no Congo e surgiu um novo pretexto para que Kabila permanecesse longe da zona de combate. Por esses dias, seu lugar-tenente morre afogado, deixando o desamparado exército sem comando. **O tempo passava, sem nenhuma atividade:** dois meses depois, “ainda não tínhamos feito nada”. O único objetivo militar que podia ser atacado ainda era Albertville, um alvo muito superior à força dos revolucionários congolezes e seus conselheiros cubanos. **Na verdade, o Che entrara numa ratoeira: quando os mercenários sul-africanos de Mike Hoare terminassem suas operações na fronteira com o Sudão e Uganda e se dirigissem com sua pequena força aérea para o sul, não haveria como resistir.**” Castañeda, op. cit., p. 359, grifos meus.

formado sobre a duração da guerra (de três a cinco anos, segundo o Che). Como se tratava de um membro de sua escolta pessoal, Guevara não podia conceder-lhe a baixa; mas forçá-lo a permanecer foi extremamente prejudicial. Pela primeira vez, Guevara sofreu os efeitos de sua intransigência na própria carne e em condições de guerra. Os outros simplesmente não conseguiam manter-se à altura de suas exigências, por carecerem da vontade, da mística e da visão para enfrentar adversidades tão grandes como as do Congo dos anos 60.¹³⁹

Alguns combates são travados e pequenas vitórias obtidas. Mas a vontade de muitos cubanos ainda é voltar para casa. Em 16 de agosto de 1965, Guevara – sem a permissão de Kabila – lança-se à frente de combate e na mesma noite chega à zona de Front de Force. Verifica a desordem dos congoleses e a fatura de armas.

Faz chegar – por carta – a Fidel Castro todo este quadro desanimador. Fidel ordena que dois importantes militares, Aragonés (secretário do partido) e o médico e combatente Fernández Mell (como chefe do estado-maior da nova expedição) se dirijam para o Congo com a missão de, em primeiro lugar, ajudar o Che, e em caso extremo, tirar o Che e seus homens daquele inferno. Chegam na África em fins de agosto. Não fazem companhia ao Che até o último dia em que lá vão permanecer, 21 de novembro de 1965, quando deixam finalmente o Congo.

Com a presença de reforços cubanos, mesmo diante de uma conjuntura extremamente desfavorável, os rebeldes tinham se fortalecido. Uso as fontes do próprio Castañeda¹⁴⁰:

Major Bem Hardenne, “Les Opération Anti-Guerilla dans l’Est du Congo en 1965 –1966”, informe apresentado em fevereiro de 1969, mimeo., pp. 19-20. Tal como os belgas, a CIA e o Departamento de Estado **julgavam relevante** a presença dos cubanos: “Embora o número de cubanos tenha sido exagerado, não surpreende que sua presença preocupe a PPS-SUD (os belgas). **Mesmo um pequeno número de ‘assessores’, em papéis de comando nos combates, pode dar aos rebeldes a espinha dorsal de que precisam para resistir ao exército congolês e se converter em um verdadeiro problema**”. (Godley/AmEmbassy/Léopoldville to SecState (segredo), 21/9/65, NSF, Country File, Congo, vol. XI, #7, LBJ Library.).¹⁴¹

¹³⁹ Castañeda, op. cit., p. 360.

¹⁴⁰ Castañeda chega a conclusões difíceis de serem tiradas com base nas fontes com as quais ele mesmo trabalha. Parece não saber “interrogar” adequadamente as fontes, ou só as questiona para corroborar suas teses psicológicas sobre o Che. Está inclinado, desde o início de sua biografia, a examinar o Che como alguém *com ambigüidades* com as quais nunca soube conviver, e na aventura congoleza, parece propor que o Che literalmente enlouqueceu. Ver Apêndice I desta monografia.

¹⁴¹ Castañeda, op. cit., p. 363. Em geral, as forças históricas de permanência sempre acreditam mais no potencial das forças históricas de mudança do que elas mesmas.

A partir desta análise, preocupados com a possibilidade de os rebeldes tomarem as cidades de Albertville e Kongolo, os belgas se antecipam. O 5º Batalhão de Comandos sul-africanos, com 350 homens, junta-se ao exército congolês e em dois meses cercam os rebeldes em sua base em Kibamba. As lutas são encarniçadas. Por cômico que pareça, *“a tropa oficialista padecia dos mesmos vícios de combate dos rebeldes: assim que começavam os tiroteios, jogavam as armas fora, nunca faziam pontaria, fugiam com frequência e acreditavam no mito da invencibilidade dos rebeldes.”*¹⁴² Os rebeldes são obrigados a abandonar o Congo e refugiam-se na Tanzânia.

Em 13 de outubro de 1965, o presidente Kasavubu demite o primeiro-ministro Tshombé¹⁴³. Um mês depois, este mesmo presidente é derrubado por Mobutu.¹⁴⁴ Antes, logo após ter afastado Tshombé, agradando assim a OUA, Kasavubu comparece à mesma buscando uma conciliação. O chamado Grupo dos Seis perde força. Ben Bella, da Argélia, amigo do Che, é deposto em junho por Houari Boumedienne. Nkrumah, do Gana, é deposto poucos meses depois. Julius Nyerere, da Tanzânia, o principal suporte dos rebeldes que para lá se refugiaram, isolado, perde o interesse pela luta. Obote, da Uganda, também um Estado radical, suspende seu apoio aos rebeldes. Enfim, a frente dos países progressistas se desfaz e a guerrilha está militarmente derrotada.

No dia 1º de novembro, Guevara recebe uma mensagem de Nyerere solicitando – formalmente – que Cuba suspenda a sua ajuda aos rebeldes congolezes. É hora de voltar para casa... Mas não para o Che.

Guevara achava injusto abandonar a luta enquanto os mercenários sul-africanos permanecessem no Congo, a menos que os próprios rebeldes congolezes o pedissem. Estava coberto de razão, pois numa África dividida por uma infinidade de tribos rivais, que direito “internacionalista” teria o sr. Nyerere de pedir formalmente que Cuba retirasse a sua ajuda a um “povo” que não era o seu?... Mas na África a lógica é outra... e tudo é possível.

Impossível não reproduzir o relato do próprio Castañeda sobre o fim da aventura guevarista no Congo. Não há como resumi-lo:

¹⁴² Castañeda, op. cit., p. 364. É claro que compreender isso somente examinando o processo histórico destas tribos. Nada acontece por acontecer, por nada e pronto.

¹⁴³ Tshombé era desprezado pelos mandatários da OUA [Organização de Unidade Africana], que queriam o seu afastamento do governo, em especial por sua facção mais radical – o chamado Grupo dos Seis, composto por Nasser, do Egito; Ben Bella, da Argélia; Nkrumah, do Gana; Sekou Touré, da Guiné; Nyerere, da Tanzânia e Modibo Keita, do Mali, grupo que ainda o responsabilizava pela morte de Patrice Lumumba no início de 1961. Lawrence Devlin, o chefe da CIA no Congo seria, anos mais tarde, apontado como o mandante deste assassinato.

[...] O único líder restante na área era Masengo, lugar-tenente de Kabila. Em meados de novembro, ele e o Che celebraram uma reunião decisiva, enquanto os mercenários fechavam o cerco em torno da base. Guevara expôs as alternativas: “Resistência e morte, ou retirada”. Masengo tomou a palavra: “Não, não concordo com você. Se nós não somos capazes de colocar um congolês, **um único que seja**, ao lado dos cubanos para que morra com eles, não podemos pedir aos cubanos que o façam”. E o Che replicou: “A decisão tem de ser de vocês, e tem de ser muito clara. Ou seja, não pode haver nenhuma ambigüidade. Nós faremos o que vocês decidirem que devemos fazer. Mas a decisão deve partir de vocês e de mais ninguém”.^[...]

Parecia iminente um último combate, o do auto-sacrifício. Os cubanos insistiram na solicitação formal de retirada: “Basta você redigir um documento dizendo que considera que os cubanos devem se retirar, já que sua presença aqui provoca maior repressão”. O Che reitera: “Veja, eles já estão a um passo, estão a um passo daqui. Só nos resta agora preparar-nos para nosso enterro. As coisas aqui estão bem claras: é resistência e morte ou retirada”.^[...] Por fim, o líder congolês atendeu a seu pedido e todos os cubanos se dirigiram para os barcos, prontos para cruzar o lago rumo a Kigoma e à salvação.

O Che, porém, ainda fez um último esforço para manter vivo o sonho africano. Antes de embarcar na lancha, avisou a Aragonés e Fernández Mell que preferia ficar, com uns poucos homens, e empreender uma longa marcha de mais de 1500 quilômetros, atravessando o Congo até Kwilu, para unir-se a Mulete nas bases do Leste e continuar a luta. Seus grandes amigos cubanos não entenderam sua posição. Fernández Mell jogou seu chapéu no chão e, pela primeira vez, perdeu a paciência. Aragonés, mais flexível e experiente, argumentou: “Escute aqui, Che, até agora eu fiz tudo o que você mandou, sem discutir, e não por falta de vontade, tudo sempre à risca, como um subordinado. Mas agora eu vou dizer uma coisa, Che: nem tente mandar que eu vá embora com a tropa enquanto você fica aqui”. O Che concordou, mas ainda não era a sua última palavra. Logo inventaria outro pretexto: “Eu vou ficar aqui com cinco cubanos fortes para procurar nossos soldados mortos ou desaparecidos”. Segundo ele, **“a idéia de levantar acampamento e partir como tínhamos chegado, deixando ali camponezes indefesos e homens armados, mas também indefesos, dada sua reduzida capacidade de luta, derrotados e com a sensação de terem sido traídos, essa idéia me doía profundamente”**. Os barcos se enchiam de mulheres e crianças das aldeias rebeldes que se lançavam às praias do lago fugindo do inevitável avanço dos mercenários. O encarregado cubano das lanchas, Changa ou Lawton, ficou perplexo ao ver seus barcos, tão zelosamente cuidados, abarrotados de mulheres e crianças gritando que não as abandonassem, enquanto seu próprio comandante, em terra, recusava-se a zarpar. O Che então apelou para uma última alegação: mulheres e crianças, primeiro. Lawton replicou que não era essa a ordem que tinha recebido, e argumentou: “Olhe, esses negros são daqui, da selva, estão dispostos a viver aqui. Não são eles que os mercenários perseguem. Perseguem o senhor e os negros cubanos”. O Che insistiu: “Quando chegarem aqui vão massacrar essa gente”. E Lawton: “Pode ser, mas eu recebi ordens de não deixar os cubanos serem massacrados, portanto são os cubanos que devo tirar daqui. Eu tenho muito respeito pelo senhor e acato todas as suas ordens, mas

¹⁴⁴ Manobras da CIA, dizem alguns autores.

vim aqui cumprindo ordens de Fidel, e se eu tiver de levar o senhor amarrado, eu não tenho dúvidas: amarro e levo”.¹⁴⁵

Desnecessária se faz uma comparação minuciosa entre os escritos militares do Che e aquilo que não se conseguiu fazer na África. O fracasso foi completo. Vale lembrar que seu primeiro escrito militar (A guerra de Guerrilhas) foi pensado para as *formações sociais* latino-americanas. “*Consideramos que três contribuições fundamentais fez a Revolução Cubana para a mecânica dos movimentos revolucionários na América*”, assim inicia o seu livro¹⁴⁶.

De tudo aquilo que não foi possível fazer, o problema principal foi precisamente o Che não ter conseguido o comando militar e político do movimento guerrilheiro, o que seria muito difícil no Congo. Sequer conseguiu influir nas grandes questões da guerra, e quando o fez – sem autorização de ninguém – a guerrilha obteve progressos significativos, como vimos no relato da própria CIA.

O maior erro do Che na África foi não ter estudado a história daquele continente, sobretudo da região central onde iria atuar. Guevara era um revolucionário fantástico, um dialético brilhante mas um marxista incompleto. Faltou-lhe atentar para a importância do conhecimento do processo histórico, uma lição básica do materialismo histórico.

Conhecer a história de um continente como o da África, história que somente hoje começa a ser escrita com riqueza de fontes e ciência, leva tempo. E Guevara, como vimos, tinha muita pressa e impaciência.

Guevara termina a aventura no Congo pesando menos de cinquenta quilos, esgotado pela disenteria e pela sua companheira inseparável: a asma. Por várias semanas, ficará prostrado numa pequena sala do primeiro andar da embaixada cubana em Dar Assalaan (Tanzânia), renovando seu ânimo e se curando de doenças. Sua esposa o visita neste período. Não voltaria para Cuba, e a sua carta de despedida escrita para Fidel não deixava dúvidas. Todos voltaram e ele ficou na Tanzânia.

Em fins de fevereiro de 1966, parte para a capital tcheca, Praga, clandestinamente. Lá fica por quatro meses recuperando-se das doenças e de uma depressão. Castro envia seus médicos

¹⁴⁵ “(*) *Esse diálogo enlouquecedor foi narrado ao autor por Benigno e confirmado, em separado, por Aragonés e Fenández Mell. A existência de três fontes justifica sua reprodução textual, com a natural licença dos anos transcorridos e o exagero cubano*”. Castañeda, op. cit., pp. 373-374, grifos meus.

¹⁴⁶ GUEVARA, Che, *A Guerra de Guerrilhas*, op. cit., p. 13, grifo meu.

particulares para cuidarem do Che. Em Praga inicia os preparativos para uma nova expedição, agora na América Latina.

Escolheu a Bolívia. Infelizmente, nunca escreveu sobre os motivos que o fizeram optar precisamente pela Bolívia e não por um outro país qualquer. O que podemos é apenas tentar inferir com base nos seus escritos e experiências os motivos de tal escolha.

1967: BOLÍVIA

Como vimos, em 1952 explode uma revolução de caráter socialista. Che estaria lá em 1953. O movimento operário boliviano é um dos mais fortes do subcontinente. A Bolívia está no centro da América Latina, tal como o Congo na África. Sua topografia montanhosa era perfeita para dar segurança a um movimento guerrilheiro que, pelos cálculos do Che, poderia durar décadas para obter grandes vitórias. É na Bolívia que temos um campesinato de origem indígena humilhado, excluído, discriminado desde a colonização, brutalmente espoliado desde a chegada macabra dos espanhóis e, sobretudo, sedento pela posse da terra e pelos meios materiais para utilizá-la que “reformas agrárias” nunca promoveram. Regimes avessos à democracia têm sido a marca de sua história política. Barrientos, “eleito” em 1966, era um fantoche nas mãos da CIA. Finalmente, na Bolívia, a despeito do oportunismo profissional de Mario Monje (secretário-geral do Partido Comunista), há grupos de comunistas que, mesmo a contragosto do seu partido, já haviam feito treinamento militar em Cuba além de militantes expulsos do PCB por serem acusados de pró-chineses e grupos maoístas simpáticos à luta armada, alguns dos quais o Che conhecia desde 1964.

Se compararmos as condições mínimas que o Che descreveu em seu livro *Guerra de Guerrilhas*, veremos que todas elas estão presentes na Bolívia. A opção pela guerra de guerrilhas pressupõe a existência de um regime antipopular e ditatorial; que o povo perceba através das atitudes das autoridades a natureza deste regime e que boa parte da população viva no campo, em condições miseráveis como assalariados ou como camponeses que pagam um aluguel pelo uso da terra, sedentos por uma reforma agrária. Tudo isso estava lá, e com um ingrediente muito importante: agora, diferente de sua experiência cubana, contava com o apoio de um Estado Socialista.

Cuba forneceria – e forneceu – dinheiro, armas, homens **voluntários** e todo apoio logístico possível. Era muito tentador para o Che e seus companheiros.¹⁴⁷

Há uma novidade no projeto boliviano: a percepção de que a luta na América Latina deverá ser continental, assim como foi a guerra pela independência política no início do século XIX: ou se libertam todos ou a vitória não estará assegurada. Inferimos isto do texto de Che, “*Guerra de Guerrilhas: um método*”, escrito em setembro de 1963:

[...] o caráter continental da luta. Poder-se-ia conceber esta nova etapa da emancipação da América como o cotejo de duas forças locais lutando pelo poder em um dado território? Dificilmente. [...]

Os ianques intervirão por solidariedade de interesses e porque a América é decisiva. [...] castigarão as forças populares com todas as armas de destruição a seu alcance; não deixarão consolidar-se o poder revolucionário e, se algum chegar a fazê-lo, voltarão a atacar, não o reconhecerão, tratarão de dividir as forças revolucionárias, introduzirão sabotadores de todo tipo, criarão problemas fronteiriços, lançarão outros estados reacionários contra, tentarão afogar economicamente o novo estado, aniquilá-lo, simplesmente.

Dado este panorama americano [“A Revolução Cubana deu o sinal de alarme”, p. 77], torna-se difícil [mas Che não considera impossível, como veremos adiante] que a vitória se consiga e consolide em um país isolado. [...] Em todos os países em que a repressão chegue a níveis insustentáveis [Che pressupõe a existência de um regime ditatorial para o surgimento da guerrilha], deve lançar-se a bandeira da rebelião, **e esta bandeira terá por necessidade históri-**

¹⁴⁷ Debray, em seu livro *A Guerrilha do Che*, desenvolve uma teoria sobre os objetivos estratégicos do Che e de Fidel que estariam por trás da aventura na Bolívia. Não apresenta fonte nenhuma que sustente o nível de detalhamento tático a que chegou. É uma teoria dele, que ele toma como verdade em todo o seu livro. A propósito, um livro muito superficial, bajulador de Fidel, de pouco proveito. Mas a sua criatividade é interessante e ilustrativa: “*Assim como, quando a coluna de Fidel alcançou seus máximos efetivos, estimado o cálculo dos recursos da zona e de suas necessidades de mobilidade, dela se destacou a coluna de Raúl, em princípios de 1957, a fim de abrir a segunda frente, no norte da província do Oriente, e depois se destacaram a de Almeida, na periferia de Santiago, em março de 1957 e, em agosto de 1958, as duas colunas do Che e de Camilo em direção à Las Villas, da mesma maneira se deveriam se destacar da coluna de Nancahuasu, quando esta estivesse alcançado seu ponto de congestão, uma pequena coluna em direção à segunda frente boliviana no Chapare, ao norte de Cochabamba, e depois outra para uma terceira frente no Alto Beni, ao norte de La Paz [...]. O conjunto dessas três frentes articuladas haveria de constituir, então, o foco central boliviano. [A cordilheira dos Andes como a Sierra Maestra da América Latina] Dalí, em um segundo tempo, deveriam partir diversas colunas em direção aos países vizinhos. [...] O foco boliviano funcionaria então como um centro de treinamento militar e de coordenação política das diversas organizações revolucionárias nacionais da América Latina.[...][agora a bajulação] [...] que Fidel, a terem permitido suas responsabilidades nacionais, teria de boa vontade – tenhamos toda a segurança – cumprido ele mesmo, em pessoa.*”. Debray, Régis, *A Guerrilha do Che*, Coleção América Latina, Série Nossa História, Nossos Problemas, Edições Populares, São Paulo, 1987, Volume 10, pp. 72-73, 79. Debray, em seu livro (p. 10) se considera perspicaz: “*Buscar honestamente as razões para uma derrota momentânea só o podem intentar aqueles que dela tenham saído ilesos, e não pode haver nisso motivo de orgulho para ninguém. A perspicácia, atributo natural dos sobreviventes, é um presente bastante ingrato de que, com muito gosto [veremos que não], prescindiríamos.*” Grifos meus. No diário do Che, Guevara destaca que Debray pediu com veemência para abandonar o acampamento. Foi perspicaz.... “*El Francês expôs com excessiva veemência até que ponto seria útil fora dali*”. Guevara, Che, *Diário da Bolívia*, Global Editora, São Paulo, 1986, p. 80, grifo meu (este comentário foi feito pelo Che em seu diário no dia 28 de março de 1967).

ca caráter continental. A Cordilheira dos Andes está convocada a ser a Serra Maestra da América, como dissera Fidel.¹⁴⁸

Logo adiante, Guevara deixa claro que o caráter continental não exclui a guerra revolucionária em âmbito nacional. O caráter continental está condicionado à ação dos EUA na região:

[...] a predição sobre o caráter continental é fruto de análise das forças de contendor, **mas isto não exclui, absolutamente, a explosão independente.** Assim como o início da luta em um ponto do país está destinado a desenvolvê-la em todo o seu âmbito, o início da guerra revolucionária contribui para desenvolver novas condições nos países vizinhos.¹⁴⁹

Se o processo vai se dar apenas em um ou simultaneamente em alguns países, ou quiçá em todo o subcontinente, é algo que não pode ser respondido imediatamente. “*O desenvolvimento da luta irá condicionando a estratégia geral*”.¹⁵⁰ Mais dialético do que isso é impossível. E é exatamente este pensamento do Che que explica os supostos segredos de sua ação na Bolívia, ou seja, o que exatamente Guevara estaria pretendendo fazer lá. A meu ver, uma revolução nacional

¹⁴⁸ Guevara, Che, *Guerra de Guerrilhas: um método*. IN: Guevara, Che, *Textos Revolucionários*, Coleção América Latina, Série Nossa História, Nossos Problemas, Volume 7, pp. 76-77, grifos meus. Castañeda faz uma crítica infundada sobre este escrito do Che, afirmando que “*Os obstáculos para a criação de um foco revolucionário que Guevara indicara no manual original [A Guerra de Guerrilhas] desapareceram nesse ensaio. Não consta em lugar nenhum, por exemplo, nenhuma menção ao empecilho que um regime constitucional democrático poderia representar para a guerrilha*”. “*Frente a tanta resistência e à eterna objeção de que as condições objetivas não eram favoráveis, o Che reformulou suas teses [?]. Se antes [no livro A Guerra de Guerrilhas] insistia que a implantação de um foco guerrilheiro exigia uma série de condições prévias, passou a defender [Guerra de Guerrilhas: um método] que o próprio movimento seria capaz de gerar essas condições [de onde tirou esta conclusão é um mistério que o Sr. Castañeda guardou para si]*.” Castañeda, op. cit., p.p. 278, 282, grifos meus. Vejamos o que escreve Guevara: “*Não obstante, aqui é onde se produz a contradição [que viabilizaria o foco]. O povo já não suporta as antigas e, menos ainda, as novas medidas coercitivas estabelecidas pela ditadura, e trata de rompê-las. [...] Nestas condições de conflito, a oligarquia rompe seus próprios contratos, sua própria aparência de “democracia” e ataca o povo [...] Que fazer? Nós respondemos: a violência não é patrimônio dos exploradores, podem-na usar os explorados e, mais ainda, devem usá-la em seu momento [e vejam que o Che, para demonstrar que não é a favor da guerra em qualquer situação, como pensa o Sr. Castañeda, cita Martí]. Martí dizia: “É criminoso quem promova em um país uma guerra que se possa evitar; e quem deixa de promover uma guerra inevitável”. [...] Significa que não devemos temer a violência, a parteira das sociedades novas; só que esta violência deve explodir exatamente no momento preciso em que os condutores do povo hajam encontrado as circunstâncias mais favoráveis*”. “*Em todos os países em que a repressão chegue a níveis insustentáveis, deve lançar-se a bandeira da rebelião*”. E consta como subtítulo do seu livro o seguinte: “*OBRIGAR A DITADURA A DESMASCARAR-SE*”. Pode-se argumentar que o Che usava “ditadura” como sinônimo de “democracia burguesa” que, segundo Lenin, não deixava de ser uma ditadura. Que o leitor faça o seu próprio julgamento. Guevara, Che, *Guerra de Guerrilhas: um método*. IN: Guevara, Che, *Textos Revolucionários*, Coleção América Latina, Série Nossa História, Nossos Problemas, Volume 7, pp. 66-68, 70, 76, grifos meus.

¹⁴⁹ Idem, p. 77, grifo meu.

¹⁵⁰ Ibidem.

ou continental. Se seria uma ou outra, só o desenvolvimento da luta poderia melhor definir a estratégia geral a seguir.

Em março de 1966, um dos seus assistentes, José María Martínez Tamayo, chega à Bolívia. Tamara Bunke, ou *Tania* (codnome que usaria na Bolívia), a intérprete comunista germano-argentina que passa a trabalhar como agente cubana, já estava estudando a Bolívia pessoalmente há mais de um ano. Viaja a Praga para apresentar suas conclusões ao Che.

Os preparativos prosseguem em Praga. Em abril ou julho (há várias versões) Guevara retorna secretamente à Cuba. Lá seleciona pessoalmente aqueles que iriam com ele para Bolívia. Muitos quiseram mas não puderam ir. Os principais combatentes eram companheiros do Che desde o iate Granma, que foram com ele para o Congo e alguns trabalharam no Ministério da Indústria quando Guevara era o ministro.

Pouco depois do aniversário de Fidel, em 13 de agosto, começou o treinamento a sério. O Che partilhava com seus homens o ritmo desenfreado de todas as tarefas, físicas e burocráticas. **Começou com uma advertência: teriam de esquecer sua condição de oficiais, convertendo-se novamente em soldados rasos, porque na Bolívia eles seriam exatamente isso.** As sessões de tiro começavam às seis da manhã, uma hora depois do toque de alvorada. Às onze havia uma hora de descanso e em seguida uma marcha forçada de doze quilômetros pelas colinas, com uma mochila de vinte quilos nas costas. Mais uma hora de repouso, às seis da tarde, e o trabalho recomeçava, com aulas de cultura geral: línguas, história [o Che aprendia rapidamente com os seus próprios erros], matemática, espanhol. Às nove, para encerrar, duas horas de estudo do idioma quí-chua. **A lógica do Che era evidente: para evitar as tragédias do Congo, queriam guerrilheiros bem formados militar e politicamente, conscientes do que faziam, dispostos a enfrentar a morte.** Precisava de um batalhão de Che Guevaras.¹⁵¹

No dia 15 de outubro de 1966, o campo de treinamento cubano é desmontado. Foram para a Bolívia, no total, 21 cubanos, em fins de 1966. Todos deveriam estar na Bolívia até 20 de dezembro, incluindo sessenta bolivianos dos quais 36 tinham sido treinados em Cuba.¹⁵² É signifi-

¹⁵¹ Castañeda, op. cit., pp. 392-393, grifos meus.

¹⁵² Temos ao todo 81 homens. Che, na guerra revolucionária cubana, é promovido a comandante em 21 de julho de 1957. Uma segunda coluna com 3 pelotões de 25 homens ficaria sob o seu comando, totalizando 75 homens. O que o Che pensou em comandar na Bolívia foi uma “Coluna”, ao que tudo indica. “*O número dos componentes da guerrilha é um dos problemas mais difíceis de precisar: há diferentes números de homens, diferente constituição de tropas, como já explicamos. Vamos supor uma força situada em terreno favorável, montanhoso, com condições não tão ruins como a de estar em perpétua fuga, mas não tão boas como a de poder ter uma base de operações. Um núcleo armado situado neste panorama não deve ter como unidade combatente mais de 150 homens e já esta quantidade é*”

cativa a informação de que no grupo faziam parte cinco membros do Comitê Central do PC Cubano e dois vice-ministros. Era uma política do Estado cubano e não uma mera aventura romântica do Che o que estava em curso.

O acampamento em Ñancahuazú, na Bolívia, recebe Guevara em princípios de novembro de 1966. Até o final do ano, este acampamento se transformaria num verdadeiro quartel-general.¹⁵³

Guevara não consegue acordo nenhum com Mario Monje, do PCB. Novidade nenhuma para o Che. Já sabia com quem estava lidando há muito tempo. Fidel também nunca se enganou.¹⁵⁴

Em 23 de março de 1967 começam os primeiros combates. Em 10 de abril, os guerrilheiros matam nove soldados do exército, fazem dezenas de feridos e treze prisioneiros e muitas armas, granadas e equipamentos. Foi a vitória mais importante da guerra, desmoralizante para o governo René Barrientos.

Em 20 de abril, Debray e Bustos são presos¹⁵⁵; a guerrilha é dividida em dois grupos.

A base dos guerrilheiros é descoberta pelo exército. Em agosto, Guevara organiza uma emboscada, seguindo a sua tática de eliminar a vanguarda, contra forças do exército boliviano que se dirigem para a região. Sabe que as coisas se precipitaram mas não pode dissolver a guerrilha, e fugir não anularia a descoberta dos militares do quartel de Camiri que teve um de seus soldados mortos pelos guerrilheiros.

bastante alta, o ideal seria uns cem homens.” Guevara, Che, *Guerra de Guerrilhas*, op. cit. p. 50, grifo meu. Não muito grande porque, dentre outros problemas, há dificuldades iniciais para se alimentar uma quantidade grande de homens; a velocidade de deslocamento se mede pela velocidade dos soldados mais lentos, e quanto maior a tropa maior a probabilidade de se ter mais soldados lentos, e o sistema de recrutamento de novos soldados não permite medir a velocidade de cada um, como é óbvio; uma Coluna grande tem dificuldades de se esconder, de se proteger de bombardeios aéreos. Creio que “*uns cem homens*” não fica longe de 81 que deveriam se agrupar na Bolívia.

¹⁵³ [...] *As instalações já estavam concluídas e tinham capacidade para alojar e alimentar uma centena de homens. Havia várias bases secundárias afastadas da “casa de zinco”, no sítio, postos de segurança, um anfiteatro para conferências, um forno de pão, um pequeno e bem aparelhado hospital. A propriedade se transformara em uma praça de guerra, defendida por um sistema de comunicações, trincheiras, esconderijos para provisões, medicamentos, equipamentos e papéis.*” Castañeda, op. cit., p. 410.

¹⁵⁴ Castañeda, em sua biografia, dá muito crédito ao que Mario Monje diz. Francamente, é certo que o historiador tem que aprender a interrogar as fontes, mas um mal-caráter como Monje, fontes primárias nele fundadas nem sob tortura falariam. O historiador tem que desenvolver uma sensibilidade para saber filtrar o que pode ser verdadeiro e o que pode ser falso, e no caso de depoimentos farsantes, como os de Monje, deve se especializar em tirar informações de mentiras recorrentes.

¹⁵⁵ Para maiores detalhes sobre Tamara Bunke, Ciro Bustos (argentino conhecido do Che desde 1963) e Régis Debray (escritor e ativista francês), ver Castañeda, op. cit., pp. 419-428.

Em 23 de agosto, na quebrada do rio Ñancahuazú, metade do contingente militar de oitenta homens enviado para o acampamento do Che foi atacado pelos guerrilheiros, em uma emboscada clássica. Os vôos da aviação alertaram os rebeldes. A larga experiência do Che e de seus companheiros permitiu-lhes efetuar a operação com absoluta perfeição. No enfrentamento, morreram sete integrantes das forças armadas, inclusive um oficial; outros catorze se renderam, entre eles quatro feridos. A guerrilha não sofreu nenhuma baixa. O butim capturado incluiu dezesseis fuzis com 2 mil balas, três morteiros com projéteis, duas metralhadoras Uzi, uma submetralhadora e dois equipamentos de rádio. Do ponto de vista estritamente militar e tático, foi uma bela vitória: um batismo de fogo vitorioso, eficaz e econômico. Mas, daí em diante, o pequeno bando, isolado, exausto, com homens mal armados e subalimentados, teria de enfrentar todo o poder de um exército, sem dúvida medíocre, mas apoiado pelos Estados Unidos. Já era impossível esconder: havia uma guerrilha na Bolívia, com a participação de bolivianos e estrangeiros. Sua localização, força e capacidade tática eram conhecidas. [...] Em 14 de abril, o PCB foi declarado ilegal.¹⁵⁶

Colocar o PCB na ilegalidade foi uma injustiça. Eles eram, como todos os partidos comunistas submetidos aos caprichos de Moscou, contrários à luta armada.

As ligações com a rede urbana eram feitas sobretudo por Tamara Bunke, a *Tania*, que já estava na Bolívia fazia dois anos. Por contratempos diversos foi descoberta pelo Serviço de Informações do exército. Resta-lhe, então, integrar-se à guerrilha. Três meses mais tarde (31 de agosto de 1967) estaria morta. Mas foi o que fez.

Desde fevereiro que a guerrilha havia perdido contato via rádio com La Paz e Havana. Com *Tania* “queimada”, Guevara ficou isolado. Havana, sem notícias.

Guevara, naturalmente, vai lutar para romper o cerco. Divide em dois grupos as suas forças para tentar fazer com que Debray e Bustos saiam da guerrilha e façam contatos com o mundo exterior.

Deixou dezessete homens com Juan Vitalo Acuña, o Joaquín, seu lugar-tenente; entre eles, Tânia – debilitada e já sem poder voltar à cidade -, os doentes e os quatro homens [...] que deveriam dar baixa o quanto antes [para o Che, não eram adequados para a guerrilha]. Com os trinta combatentes restantes, o Che marchou para o Sul, em direção a Muyupampa, um povoado que pretendia ocupar, aproveitando a confusão resultante para deixar os dois estrangeiros. Deu ordens precisas a Joaquín para que ao fim de três dias se reencontrassem no mesmo lugar, evitando enfrentamentos que pudessem dificultar a reunificação.¹⁵⁷

¹⁵⁶ Castañeda, op. cit., p. 419.

¹⁵⁷ Idem, p. 428.

A operação montada pelo Che para livrar Debray e Bustos fracassou. Os dois foram detidos pela polícia e entregues ao exército em 20 de abril de 1967.

Manobras do exército obrigam o grupo de Guevara a marchar para o norte, longe da área combinada para se reencontrar com Joaquín. Nunca mais conseguiram se reunificar; não havia meios de se comunicarem na selva.

Guevara não consegue estabelecer contato com os camponeses.¹⁵⁸ Que fique bem claro: em nenhum momento esta dificuldade estava fora dos cálculos políticos e militares do Che. É fácil desqualificar qualquer projeto quando fracassa; encontrar erros em tudo; afirmar, por especulação, que Guevara deveria estar atento ao fato de que *camponeses* o são num determinado tempo e espaço, e que os camponeses de Cuba não são os mesmos de Bolívia, e que, portanto, trabalhar com categorias abstratas sem atentar para as singularidades histórico-concretas é meio caminho para a derrota; e assim por diante... Mas, felizmente para uns, infelizmente para outros, quem se der ao trabalho de estudar os textos de Guevara antes de criticá-lo genericamente, verá que o Che, em 1963, em seu texto “*Guerra de Guerrilhas: um método*” já nos ensinava que:

Há três condições de sobrevivência de uma guerrilha que comece seu desenvolvimento sob as premissas expressas aqui: mobilidade constante, vigiância constante, **desconfiança constante**. Sem o uso adequado destes três elementos de tática militar, a guerrilha dificilmente sobreviverá. Há de se lembrar que o heroísmo do guerrilheiro, nestes momentos, consiste na amplitude do fim almejado e na enorme série de sacrifícios que deverá realizar para cumpri-lo.

Estes sacrifícios não serão o combate diário, a luta cara a cara com o inimigo; adquirirão formas mais sutis e mais difíceis de resistir para o corpo e a mente do indivíduo que está na guerrilha.

Serão talvez castigados duramente pelos exércitos inimigos: divididos em grupos, às vezes [é o que ocorre na Bolívia]; martirizados os que caírem prisioneiros; perseguidos como animais açoitados nas zonas em que tenham escolhido para agir; com a inquietude constante de ter inimigos sobre os passos da guerrilha; com a desconfiança perante tudo, **já que os camponeses atemorizados os entregariam, em alguns casos, para livrar-se, com a desapareição do pretexto, das tropas repressivas**; sem outra alternativa que a morte ou a vitória, em momentos em que a morte é um conceito mil vezes presente e a vitória o mito que só o revolucionário pode sonhar.¹⁵⁹

¹⁵⁸ “Ao longo de abril e maio, quando Guevara esperava estabelecer vínculos com os camponeses da região – embora tivesse consciência dos obstáculos que enfrentaria – ocorreu o inverso. A morte de dois civis teve uma péssima repercussão entre a população local. A campanha anticomunista desencadeada pelas forças armadas surtiu efeito.[...] Os camponeses aceitavam vender víveres aos combatentes, mas com receio. Falavam com eles, mas muito temerosos, e costumavam informar rapidamente as autoridades de qualquer contato com a guerrilha”. Castañeda, op. cit., p. 429.

¹⁵⁹ Guevara, Che, *Guerra de Guerrilhas: um método*, op. cit., pp. 78-79, grifos meus.

O exército boliviano, apoiado pela CIA que descobre a presença do Che, envia milhares de soldados para a região. Em 29 de abril, chegam à Bolívia quatro oficiais e doze soldados norte-americanos liderados por Ralph Shelton, para treinarem seiscentos soldados bolivianos, num curso de dezenove semanas. Seriam, às pressas, convertidos nos Rangers (boinas-verdes) da Bolívia. Capturariam o Che e derrotariam a sua guerrilha.

Em maio e junho, os rebeldes ocupam alguns povoados mostrando vitalidade. Mas o reagrupamento não ocorre e o isolamento não é rompido. São os azares da guerra.

Concomitantemente, intensas mobilizações foram iniciadas pelos trabalhadores das minas de Siglo XX, Hanuni e Catavi que entram em greve, com imediato apoio do movimento estudantil. Foram, como o de sempre na Bolívia, brutalmente reprimidas.

Um ditado popular diz que “*Em casa onde falta pão, ninguém tem razão*”. Se os azares da guerra não operassem com tanto vigor, ou dito de outra forma, se a guerrilha tivesse tido um pouco de sorte (“*E a guerrilha do Che na Bolívia nunca contou com a sorte*¹⁶⁰”), como teve a cubana, vale dizer, muita sorte!, a história poderia ter sido outra. Como foi o contrário o que se deu; como a guerrilha do Che fracassou na Bolívia, nada mais fácil do que se peneirar inúmeros erros de qualquer natureza para demonstrar os “equivocos” e as “insanidades” de um Guevara mergulhado em *ambigüidades* que o faziam cego diante das impossibilidades do mundo e, ademais, portando teorias equivocadas... Quando se vence, poucos ousam afirmar – ainda mais com o oponente de mãos cheias na vitória – que tal ou qual teoria que a provocou estaria historicamente errada.¹⁶¹

O fato é que se o Che não tivesse se isolado por acidentes de toda ordem e tivesse conseguido estabelecer um contato político com os mineiros – que na Bolívia tinham fortes tendências

¹⁶⁰ Castañeda, op. cit., p. 429.

¹⁶¹ Este é um debate adequado para os historiadores que trabalham com a curta, a média e a longa duração. Trotsky – no exame de longa duração – mostrou-se correto quando viu que a URSS stalinista, fechando-se em si mesma, não sobreviveria. Guevara acertou em cheio quando afirmou que o modelo de gestão econômica dos países do bloco socialista, baseado no interesse material, subservientes à *lei do valor* de Marx, uma lei específica do modo de produção capitalista que o socialismo deveria domar a qualquer custo, conduziria estes povos de volta ao capitalismo. O problema é que nos exames de longa duração, muitas vezes o tempo se mede por décadas e séculos; os elementos de prova de seus acertos geralmente chegam quando os litigantes, em seu tempo discriminados, tachados com pejorativos de toda ordem, já estão impedidos de exercer o sagrado direito ao contraditório e à ampla defesa. Só a História, enquanto advogada e juíza, é capaz de fazê-lo, ainda que seus clientes – dando-lhe procurações em vida - já não estejam mais presentes...

revolucionárias – a história teria sido outra.¹⁶² Ele mesmo se anima com as notícias do rádio sobre os mineiros. Escreve em seu diário, no dia 30 de junho de 1967: “*O massacre nas minas esclarece muito o panorama a nosso favor e se a nossa proclamação puder ser divulgada, será um grande fator de elucidação geral.*”¹⁶³ Isto quer dizer que **a escolha da Bolívia pelo Che, apesar dos pesares, foi – a meu ver – muito bem pensada.**

¹⁶² “No mês de junho [de 1967], a Federação Sindical dos Trabalhadores Mineiros da Bolívia (FSTMB), que atuava então na clandestinidade, havia convocado em Siglo XX, centro da zona mineradora, um “ampliado mineiro”, isto é, um congresso operário que se estendia aos trabalhadores da indústria, aos professores e aos estudantes universitários. Pouco antes, a seção da Mina de Catavi havia adotado uma resolução de acordo com a qual os trabalhadores mineiros desse distrito forneceriam um dia de salário (de um salário de fome) e um lote de medicamentos (dos quais as minas são tão carentes) para a guerrilha do Sudeste. Simón Reyes, o “secretário de relações” da Federação, foi de Oruru, onde se achava escondido, até Siglo XX, com o fim de presidir e de organizar a assembléia geral de trabalhadores que haveria de definir as modalidades de uma ação reivindicatória geral. Os motivos não faltavam: em 1965, a junta militar de Barrientos-Ovando tinha reduzido de um golpe os salários dos operários da COMIBOL (Corporação Mineira Boliviana, nacionalizada) em 45%, exemplo sem dúvida único na história contemporânea, que não desconhece a diminuição do poder aquisitivo ou o congelamento dos salários, porém onde sua redução pela metade, por um decreto governamental, da noite para o dia, não é propriamente um fato trivial. [§] Os operários se reuniram no interior da mina [...] com seus dirigentes, e a assembléia clandestina ratificou particularmente a resolução de Catavi. Pouco depois, a 24 de junho, o Exército, conduzido sigilosamente de trem, cercou os acampamentos mineiros e procedeu, ao amanhecer, a um ataque em regra contra aquilo que o alto comando chamou “um território inimigo”. Ataque particularmente odioso porque surpreendeu os mineiros adormecidos, depois da pacífica festa de São João, cuja noite, reputada como a mais fria do inverno na região do altiplano, dá por onde quer que seja ocasião aos fogos, bailes e abundantes libações, que constituem como que um rito nacional. Esse ataque foi descrito como “preventivo” pelo governo, que atribuiu falaciosamente aos mineiros, para justificar-se posteriori, a intenção de atacar a guarnição de Challapata, junto ao lago Poopó, acusação absurda, uma vez que os mineiros em busca de armas teriam caído sobre um batalhão de engenheiros praticamente desarmados. Os trabalhadores, surpreendidos em suas casas, em pleno sono, não se encontravam em estado de se defender. Entretanto, a sirene de alarma soou e a sede do sindicato foi valorosamente defendida, com dinamite e alguns velhos fuzis Mauser da guerra de 14. De fato, toda resistência foi inútil. A cifra oficial de mortos foi de trinta. Na realidade, quase setenta mineiros, mulheres e filhos de mineiros foram exterminados em suas casas e nas ruas de Siglo XX. Essa gloriosa ofensiva das Forças Armadas entrou para a história já superabundante do martírio operário boliviano com o nome de “matança de São João”. [§] A matança foi duplamente trágica, tanto pelo que foi em si mesma, como pelo que não foi, em relação à guerrilha. A solidão do sacrifício operário faz eco com a solidão do sacrifício guerrilheiro; um e outro representam o verso e o reverso da mesma moeda, a dupla sanção de um mesmo fracasso. De um lado e de outro da cordilheira central, entre Uncia e Vallegrande, não há mais que 250 quilômetros a vôo de pássaro, e apesar disso mineiros e guerrilheiros se contemplavam uns aos outros sem se ver, alheios entre si como se pertencessem a universos diferentes. Tinham objetivamente necessidade uns dos outros. Nem os guerrilheiros nem os mineiros podiam alcançar seus respectivos objetivos separadamente. [§] Para não morrer de fome, ou não cair sob balas, os mineiros necessitavam de um instrumento militar de defesa, de proteção e, eventualmente, de contra-ofensiva. Este instrumento estava ali, em germen, do outro lado da cordilheira; todavia não podia fazer nada por eles. Eles, os guerrilheiros, por sua vez, para não morrer de fome, ou para não cair sob as balas do inimigo (e a fome havia diminuído já ao extremo a capacidade de resistência física da guerrilha), necessitavam de uma classe social que os adotasse como seus, os alimentasse e os acoitasse, e esta classe social não podia fazer nada por eles. **A guerrilha, por meio de um comunicado (boletim nº 5 da ELN)^[...], empreendeu um chamamento aos mineiros para que fossem à montanha e se unissem a ela, com o objetivo de continuar seu combate em melhores condições. A mensagem, entretanto, jamais chegou aos mineiros por falta de meios de transmissão.**” Debray, Régis, op. cit. pp. 16-18, grifos meus.

¹⁶³ Guevara, Che, *Diário da Bolívia*, op. cit., p. 129, grifo meu.

Além do isolamento da guerrilha com o mundo exterior e entre si mesma (os dois grupos que se dividiram nunca mais se viram), Guevara já não tinha idade e nem saúde para continuar na sua profissão de guerrilheiro. Em seu livro *A Guerra de Guerrilhas* adverte que o preparo físico dos combatentes é fundamental para a mobilidade da guerrilha.

Além das qualidades morais que apontamos, [o guerrilheiro] deve possuir uma série de qualidades físicas importantíssimas. O soldado guerreiro terá de ser infatigável. Terá de encontrar algo mais no momento em que seu cansaço pareça ser intolerável. [...] [§] Para cumprir estas condições **necessita também uma saúde de ferro, que o faça resistir a todas estas adversidades sem adoecer [...]**.¹⁶⁴

Desde o início dos combates que a sua asma não lhe deixava descansar. Além dela, as cólicas intestinais, os vômitos, as diarreias. O seu quadro de saúde era desanimador.¹⁶⁵

O outro grupo da guerrilha, comandado por Joaquín, foi aniquilado em 31 de agosto. Todos morreram, menos um boliviano que foi feito prisioneiro. Com o grupo de Guevara ocorre o mesmo em 8 de outubro. Três conseguem escapar, atravessam os Andes em direção ao Chile e tempos depois retornam à Cuba. Guevara é capturado na tarde do dia oito.

Aproximadamente à uma e meia da tarde de 8 de outubro, o exército abriu fogo da boca da ravina contra a unidade de vanguarda. Os outros guerrilheiros estavam dispersos. Pouco tempo depois, dois jatos e um helicóptero sobrevoaram a área, sem metralhar nem bombardear as colinas. A esquadra do Che, composta por sete homens, tentou entrar por uma gruta para abrigar-se, pois não poderia sustentar por muito tempo tiroteio com o exército. Guevara decidiu dividir seus homens em dois grupos: um com os mais fracos e feridos, outro com ele e mais dois, que ficariam na retaguarda, dando-lhes cobertura.

Minutos depois, uma rajada de metralhadora arrancou das mãos do Che sua carabina [fuzil] M-1, inutilizando-a. Outro tiro feriu-o na barriga da perna. Era apenas um ferimento no músculo, mas dificultava-lhe o deslocamento. *Willi,*

¹⁶⁴ Guevara, Che, *Guerra de Guerrilhas*, op. cit., pp. 42-43, grifo meu.

¹⁶⁵ “A aflição abalava a sua capacidade de decisão e agilidade mental. Em duas ocasiões – em 3 de junho e quando da saída de Debray e Bustos -, ele anotou em seu diário frases como “o cérebro não funcionou com suficiente rapidez”, “não tive a coragem”, “faltou-me energia”.^{[...] A vegetação, o clima, o ambiente e, acima de tudo, a falta de medicamentos derrubam Guevara. Cada decisão, cada disputa interna ou perda de um guerrilheiro admirado agravavam seu estado. Ele recorria a todo tipo de preparados e artifícios, desde dependurar-se de uma árvore e pedir a seus homens que lhe golpeassem o peito com coronhadas até fumar diferentes ervas locais, enquanto buscava efedrina desesperadamente. Injetou-se novocaína endovenosa, evitou alimentos que pudessem provocar crises asmáticas. Quando não podia caminhar, montava numa mula. Já não suportava a mochila nas costas. **Pela primeira vez, pediu a ajuda de seus companheiros.** A vontade de ferro persistia, mas o corpo já não respondia.” Castañeda, op. cit., pp. 434-435, grifo meu.}

ou Simón Cuba, um dos sindicalistas mineiros [que estava com o Che] [...], arastou seu comandante para uma ribanceira rochosa, mantendo-o de pé com uma das mãos, enquanto com a outra empunhava a metralhadora. Aniceto Reynaga, outro boliviano, seguia-os a certa distância. Três soldados do pelotão de Prado, Choque, Balboa e Encinas, sob o comando do sargento Bernardino Huanca, perceberam a aproximação. Esperaram os guerrilheiros escalarem um pequeno penhasco e, quando estes estavam à vista, gritaram: “Joguem as armas e ponham as mãos para o alto!”. O Che não podia disparar: sua pistola estava descarregada, e a carabina, avariada. *Willi* tampouco abriu fogo, fosse por não poder disparar com uma só mão, fosse por considerar que a situação aconselhava prudência. [...]

Quando informaram o capitão Gary Prado da captura, ele correu colina abaixo, enquanto o tiroteio prosseguia na quebrada. Após verificar repetidamente a identidade do Che, apreendeu sua mochila e, exaltado, comunicou-se pelo rádio com o quartel-general: “Capturamos o Che”. A guerra terminara. O relógio do herói de Santa Clara marcava suas últimas 24 horas de vida.

Conforme percorria lentamente os dois quilômetros até La Higuera, o grupo que conduzia o Che foi se convertendo em uma procissão de centenas de moradores do lugar, atrás dos outros prisioneiros e das mulas com cadáveres de guerrilheiros e soldados feridos. Ao chegar, aprisionaram Guevara na escola do povoado, em uma sala miserável com chão de terra batida. *Willi* ficou na sala ao lado. Naquela noite, enquanto a tropa comemorava sua façanha, em La Paz o alto comando boliviano discutiu o destino que daria ao seu legendário e problemático prisioneiro. O Che não sofria dores intensas, mas, segundo os testemunhos, estava deprimido. [...]

Gary Prado, digno e cortês, e Andrés Selich, arrogante, tentaram interrogar o Che durante a noite e novamente ao amanhecer. O prisioneiro, porém, permanecia fechado em silêncio. No dia seguinte, por volta das seis e meia da manhã, chegou a Vallegrande um helicóptero trazendo o comandante Niño de Guzmán, o coronel Joaquín Zenteno, chefe da 8ª Divisão, e Félix Rodríguez [exilado de Miami], o operador de rádio cubano-estadunidense enviado à Bolívia pela CIA. Este veio no helicóptero em sinal de deferência aos Estados Unidos, pelo apoio prestado, e também para confirmar a identidade do Che. [...]

O exército estava às voltas com um problema monumental. Na Bolívia não havia pena de morte [legalmente, é claro], nem alguma prisão de alta segurança onde o Che pudesse cumprir sua pena, que com certeza seria muito longa. Só a idéia de promover um julgamento causava calafrios tanto ao presidente René Barrientos como ao general Alfredo Ovando e ao chefe do estado-maior das forças armadas, Juan José Torres. Se o governo e o país tinham sofrido uma pressão descomunal e o repúdio do mundo por causa do julgamento de Régis Debray, era de se prever o tamanho do escândalo que o julgamento de Che Guevara provocaria e a campanha de solidariedade que apoiaria o heróico comandante. O Che encarcerado, em qualquer ponto do país, representaria uma tentação para comandos cubanos, que tentariam a todo custo libertá-lo, quem sabe até trocá-lo por reféns seqüestrados em outra parte do mundo.¹⁶⁶

¹⁶⁶ Castañeda, op. cit., pp. 459-461.

A tese de Castañeda é a de que os mandantes do assassinato do Che foram o presidente Barrientos, o general Alfredo Ovando e o chefe do estado-maior das forças armadas, Juan José Torres. “*Decidir o destino do Che foi um pesadelo para os três militares*”¹⁶⁷. Francamente, uma conclusão no mínimo ingênua – para não dizer o pior -. Como vimos, os EUA enviaram boinas-verdes, armas, homens, a CIA estava à caça do Che fazia tempo, e os generais bolivianos provavelmente tentaram até tirar proveito da presença do Che em seu território para pedirem mais recursos aos norte-americanos.¹⁶⁸ Estes regimes militares eram sabidamente corruptos. Qualquer historiador sério é incapaz de negar isto sobre aqueles tempos sombrios da década de 1960 na Bolívia. Mas o nosso Castañeda, na sua ingenuidade costumeira, eis que nos diz: “*A outra alternativa – entregá-lo aos norte-americanos, que o levariam ao Panamá para interrogatórios – tampouco era uma solução. [agora, meu caro leitor, prepare-se para o pior] A tradição nacionalista do exército boliviano jamais o permitiria. [Inacreditável!!!... Mas ainda tem algo pior:] [...] As autoridades decidiram liquidá-lo o mais rápido possível, antes que a pressão exterior, sobretudo norte-americana, se tornasse insuportável*”.¹⁶⁹

Castañeda consegue concluir que o governo dos EUA fazia pressões junto ao governo boliviano para que o prisioneiro não fosse assassinado e sim conduzido ao Panamá para ser interrogado. Dito de outra forma, não foram os EUA os verdadeiros assassinos do Che. Sem comentários... É difícil imaginar que um fantoche como Barrientos ousaria fazer qualquer coisa com o Che **sem a autorização da CIA**. Era uma decisão importante demais; havia muito em jogo.

A ordem partiu de La Paz no meio da manhã. Félix Rodrigues recebeu-a em La Higuera e remeteu-a a Zentero. Este ordenou que um pelotão a executasse.^[...] Primeiro houve uma sessão de fotografias, em que se bateram muito mais chapas além das que se publicaram até hoje. A seguir, os soldados tiraram a sorte para ver quem o liquidaria. O Tenente Mario Terán foi o escolhido para executar aquele homem desalinhado e ferido, mas ainda desafiante, que jazia no chão da escolinha de La Higuera. O carrasco hesitou, fez várias tentativas fracassadas, mas depois de alguns tragos de uísque e de um pedido do Che para que prosseguisse, disparou-lhe seis tiros no tórax, um dos quais varou-lhe o coração, matando-o instantaneamente.¹⁷⁰

¹⁶⁷ Castañeda, op. cit., p. 461.

¹⁶⁸ “*A imprensa recebeu todo tipo de provas e confidências da embaixada dos Estados Unidos e dos assessores militares de Washington, assegurando que o pânico boliviano era uma manobra para arrancar mais ajuda militar norte-americana*”. (Andrew St. George, “*How the US got Che*”, *True Magazine*, abril, 1969, p. 92.)” Idem, p. 426.

¹⁶⁹ Ibidem, p. 461, grifo meu.

¹⁷⁰ Ibidem. “*Segundo o coronel Arnaldo Saucedo Parada, chefe do serviço de informação da 8ª Divisão e responsável pelo relatório oficial sobre os momentos finais do Che, suas últimas palavras foram: “Eu sabia que iam me ma-*

Fidel Castro, em sua introdução à edição cubana do diário do Che na Bolívia, descreve um final bem mais sofrido para o Che:

Quando este [o tenente Mario Terán], completamente embriagado, penetrou no recinto, Che – que tinha ouvido os disparos com que acabavam de liquidar um guerrilheiro boliviano e outro peruano – vendo que o verdugo vacilava, disse-lhe com dignidade: “Dispare! Não tenha medo!”. Este retirou-se e de novo foi necessário que os superiores Ayoroa e Selnich lhe repetissem a ordem, para que a cumprisse, disparando-lhe da cintura para baixo uma rajada de metralhadora. Já tinha sido dada a versão de que Che tinha morrido várias horas depois do combate e, por isso, os executores tinham instruções de não disparar sobre o peito e a cabeça, para não produzir feridas fulminantes. Isto prolongou cruelmente a agonia de Che, até que um sargento – também ébrio – terminou por o matar com um disparo de pistola no flanco esquerdo. Tal proceder contrasta brutalmente com o respeito de Che, sem nenhuma exceção, para com a vida de numerosos oficiais e soldados do exército boliviano que fez prisioneiros.

As horas finais de sua existência em poder dos desprezíveis inimigos têm que ter sido muito amargas para ele; mas nenhum homem melhor preparado do que o Che para enfrentar semelhante prova.¹⁷¹

Che Guevara, às 13 horas do dia 9 de outubro de 1967, aos 39 anos, estava morto.

tar; não deveriam capturar-me vivo. Digam a Fidel que este fracasso não significa o fim da revolução, que ela triunfará em qualquer outra parte. Digam a Aleida [sua esposa] que esqueça tudo isso, que volte a casar, que seja feliz e cuide para que os meninos continuem estudando. Peçam aos soldados que façam boa pontaria”. Castañeda, op. cit., pp. 461-462. Guevara, em sua carta de despedida ao Fidel (1º de abril de 1965), quando partia para o Congo, assim se refere aos seus dias finais: “*Se me chegar a hora definitiva sob outros céus, meu último pensamento será para este povo [o cubano] e especialmente para ti.*” Guevara, Che, *Cartas*, Coleção América Latina, Série Nossa História, Nossos Problemas, Edições Populares, São Paulo, 1987, volume 4, p. 19.

¹⁷¹ Guevara, Che, *Diário da Bolívia*, op. cit., p. 20.

3 – CONCLUSÃO

Na década de 1960, naquele quadro sombrio que examinamos aqui, o pensamento político-militar de Che Guevara fazia sentido? Sim, fazia. Pelo que vimos, Guevara – como muitos do seu tempo – não via naquela conjuntura, que mais parecia um quadro estrutural sem grandes perspectivas de mudança, muitas possibilidades não-armadas de se lutar por transformações sociais.

Em seu primeiro livro, *A Guerra de Guerrilhas*, e posteriormente no seu *Guerra de Guerrilhas: um método*, examinados cuidadosamente aqui, creio ter demonstrado que se Guevara estivesse presente entre nós jamais proporia a luta armada como método inicial de luta pelo socialismo. Inicial porque não saberíamos se Guevara continuaria com a afirmação de que somente com a destruição do Exército e a sua substituição por um exército de novo tipo estariam garantidas as conquistas revolucionárias. Creio que a sua posição seria idêntica, mesmo com as alterações ocorridas no interior das FFAA ao longo destas três últimas décadas.

O problema é que no seu tempo o emprego da violência era uma resposta à violência das classes dominantes. Basta lembrarmos, como exemplo, que a luta armada desencadeada pelos grupamentos de esquerda aqui no Brasil foi em decorrência de uma brutalidade iniciada por uma ditadura de classe que derrubou um governo eleito que operava suas reformas dentro do jogo democrático-burguês. Quem subverteu a ordem foi o braço armado das classes dominantes: as FFAA. Quem impediu que o jogo democrático continuasse não foram os que posteriormente pegariam em armas para lutar contra a ditadura. Os subversivos foram os que usurparam o poder: os grandes grupos transnacionais associados ao latifúndio e aos monopólios nacionais com o emprego dos nossos oficiais-generais formados pela ESG na sua insana Doutrina da Segurança Nacional.

Que a palavra *democracia* não era – lamentavelmente - o móbil principal, e nem mesmo o secundário, dos grupos de esquerda que pegaram em armas, isto os documentos históricos destas organizações fartamente comprovam. Mas esta constatação não muda em nada o fato histórico de que quem iniciou a luta armada foram as classes dominantes preocupadas com o desenlace a que um jogo democrático-burguês fora de controle, extrapolando os seus limites previamente programados ou “autorizados” poderia resultar. Daí serem ditaduras *preventivas*.

Ora, ninguém em sua sã consciência pode concordar – e o Che muito menos - com a possibilidade de nossas classes dominantes nativas aceitarem, passivamente, alterações no regime de propriedade sobre os meios de produção tão-somente por serem a favor da democracia. Se nossas classes dominantes nativas, cujos quadros são netos e bisnetos de senhores de trabalho forçado, seja ele escravo ou compulsório, nunca aceitariam isso, o que se dirá de uma potência hegemônica como os Estados Unidos, cujo desenvolvimento econômico foi temperado, banhado em sangue, parte integrante dos anais da barbárie humana.

É por não se iludir com o espírito democrático de nossas classes dominantes e do imperialismo que o Che sempre pressentiu – cedo ou tarde – que o acerto de contas entre os oprimidos de nossa América e os seus opressores se faria inexoravelmente pelas armas. Os primeiros, buscando a garantia de suas conquistas; os segundos, buscando – via contra-revolução – derrubar governos progressistas voltados para a solução de nossas misérias seculares.

A julgar pelo processo histórico latino-americano, notadamente a configuração de estratos dominantes literalmente sanguinários na defesa de seus interesses egoístas, esta percepção de Che ainda permanece – e provavelmente permanecerá por séculos – atual.

Numa conjuntura em que qualquer reunião é reprimida severamente, jornais censurados, universidades ocupadas e professores perseguidos e mortos, sindicatos – da cidade e do campo - ocupados por tropas e seus líderes autênticos presos ou assassinados, movimento estudantil perseguido implacavelmente, porções clássicas de tortura medieval operando a pleno vapor, enfim, o que fazer a não ser exercer o sagrado direito de rebelião? O que fazer a não ser guardar por um tempo *a arma da crítica* para corajosamente empunhar *a crítica das armas*?

De lá para cá, muita coisa mudou do ponto-de-vista estrutural? Sim, seguramente. As possibilidades de ditaduras *regressivas* ou *preventivas* – embora sempre possíveis – são bem menores do que naquela época, e os fatores são inúmeros e variáveis de acordo com o quadro de cada um de nossos países e da conjuntura internacional, uma análise complexa, e não poderíamos examiná-los aqui.

Mas, no Brasil, por exemplo, ou na Venezuela, as populações estão experimentando gastos sociais que durante muito tempo foram tolhidos por governos autoritários de direita. Por outro lado, paulatinamente, em função de serem governos eleitos, o gosto por regimes democráticos como instrumentos que permitem a abertura dos cofres públicos para o social, até então somente efetuada por ditaduras populistas (Vargas, por exemplo) parece estar criando em nossa América

uma aversão a regimes autoritários. De fato, o que a memória histórica de nossos povos sempre guardou foi que democracia não combina com avanços sociais; democracia combina com demagogia, corrupção e tantas outras mazelas inerentes a qualquer sistema político burguês.

No campo das FFAA, há correntes militares nacionalistas poderosas (Hugo Chaves é coronel de Forças Especiais) até então adormecidas. Uma vez no poder, mesmo tuteladas pelos EUA, poderiam se desviar por caminhos pouco simpáticos, como o nacionalismo ou o nacional-estatismo. Não teria sido este o motivo de os monopólios – via Ulisses Guimarães e outros – lutarem pela redemocratização do Brasil? É só uma questão posta... Convertidas em forças auxiliares do imperialismo, que só admite como forte o seu Estado Nacional, sobrando para os demais o neoliberalismo e a globalização (meros eufemismos), as FFAA ao tempo do Che não são as mesmas de hoje, embora – sejamos francos – hierarquia e disciplina dificilmente dão brechas para a desobediência de ordens de oficiais-generais, mesmo sabidamente entreguistas como o são a maioria dos nossos. O que se poderia esperar seriam dissidências de grande porte no seu interior, nada mais do que isso. A máquina de guerra ainda ficaria sob o controle das classes dominantes.

Outra mudança importante que inviabilizaria a sua teoria de guerrilhas rurais seria a urbanização caótica de nossos países operada nas últimas décadas. Hoje, os centros urbanos concentram a maioria das populações latino-americanas, em bolsões de miséria assustadores mas – por incrível que pareça – mais vantajosos para os infelizes migrantes que lá vegetam do que as condições impostas pelo latifúndio no campo. Se o acerto de contas se dará mesmo pelas armas – ninguém pode saber – a teoria militar de Guevara precisaria ser profundamente reformulada.

No pensamento político-militar de Guevara, há um fio condutor que lhe atravessa do início ao fim e que não podemos jamais esquecer, porque está mais do que nunca atual: a certeza de que qualquer mudança estrutural que se tente fazer em nossa América contará com a oposição feroz dos Estados Unidos da América do Norte. Em todo o seu pensamento não há nada de mais atual. Enganar-se, iludir-se com outra possibilidade é dar as costas para a história dos norte-americanos. Como Che escreveu, a América Latina é decisiva para eles. A nossa pobreza, como tantos historiadores já provaram, é quem produziu e produz a riqueza deles. Quanto menos pobres ficamos, menos ricos eles ficam. O alerta do Che sobre isto está plenamente atual.

É claro que as transformações estruturais ou revolucionárias não se dão apenas pela via das armas, pelo emprego sistemático da violência na história. Quem se der ao trabalho de estudar

a maior revolução do século XX, a Revolução Russa, verá que a tomada do poder pelos bolcheviques se deu quase que sem derramamento de sangue. Lenin se alegrava com a possibilidade da via pacífica. Quem inicia a violência naquela história são os “brancos”, os contra-revolucionários apoiados pelos países capitalistas que, não fosse o esgotamento econômico e militar decorrente da 1ª Guerra Mundial, esmagariam o Poder Soviético.

O maior problema da atualidade e não abordado no pensamento guevarista diz respeito à questão espinhosa tratada aqui superficialmente: a liberdade no seu sentido mais amplo. A liberdade de, uma vez conquistado o poder pelos revolucionários, todos poderem expressar suas divergências, livremente os seus pensamentos, como no início do governo bolchevique na Rússia. Liberdade sem a qual qualquer projeto de combate à alienação seria uma farsa.

Projetos revolucionários de reordenamento das sociedades são postos imediatamente em prática, uma vez alçado o poder, mas sempre – o que é natural – voltados contra catástrofes econômicas e a satisfação material dos povos. Com o decorrer do processo, a solução dos problemas materiais, um meio para atingir um fim, converte-se em um fim em si mesmo. Não me parece que o comunismo tenha sido pensado por Marx e Engels como um projeto para dar solução aos problemas materiais da humanidade, tão-somente. De que adiantaria uma sociedade com todos os seus problemas e suas carências de consumo resolvidos mas sem valores, sentimentos, grandeza moral, enfim, que uma vez experimentando crises de abastecimento provocaria sérias lutas entre seus membros pelos bens em falta? Se o Homem só é nobre quando existe como um animal consumidor saciado, então o melhor seria explodir tudo. Se o Homem não é capaz de desenvolver a sua humanidade sem antes saciar seus apetites materiais, se a sociedade comunista de homens livres e conscientes, solidários fraternalmente uns com os outros, só é viável na fartura, então chegamos realmente ao *fim da História*, pois esta é a ideologia do capitalismo. Daí a força dos argumentos do Che contra os defensores do estímulo material: “*O socialismo econômico sem a moral comunista não me interessa. Lutamos contra a miséria, mas ao mesmo tempo contra a alienação*”, dizia Guevara.

Parece absurdo dizer mas teorias político-militares para se alcançar o poder a história formulou aos baldes, mas uma vez alçado o poder e derrotadas as classes dominantes, como construir a tão sonhada sociedade de homens livres e iguais em direitos e obrigações, senhores do seu destino porque livres da alienação? Como dar início ao início da História, como diria Marx ao declarar que o fim da alienação seria o fim da nossa pré-história?

Guevara, na sua inquietude para criar o Homem Novo, viu no exemplo dos chefes um caminho importante; nos combates, nos quais via em seus companheiros os protótipos do Homem Novo, que arriscavam suas vidas por causas nobres sem se preocuparem com nada mais do que o simples reconhecimento; viu a importância da educação quando pregou que “*a sociedade socialista deveria se transformar toda ela numa imensa escola*”...; mas não percebeu, ou não pode perceber pelos dramas que lhe tomavam todo o seu tempo, que a alienação não pode ser combatida, como diria Paulo Freire, sem uma *pedagogia da autonomia*.

Incomodava-lhe a falta de participação, de interesse de muitas categorias em envolver-se nos problemas do Estado tomando-os a um tempo como problemas pessoais e sem interesses pessoais, mas não viu que a solução passava – é no que se acredita – pela democratização deste aparelho de Estado. Como Michael Löwy questiona com grande precisão: “*Quem planifica? Quem toma as grandes decisões do plano econômico? Quem determina as prioridades da produção e do consumo?*”.

Isto nos remete ao exame das teorias políticas que nos alimentaram desde 1917, a saber: o bolchevismo, representado pelos seus ícones, Lenin e Trotsky. Este é um tema espinhoso que mereceria uma monografia inteira, no mínimo.

O fato é que a nossa herança ideológica revolucionária hegemônica – o marxismo bolchevique – sempre foi autoritária porque desenvolvida numa sociedade autoritária. Tal herança se adequou como uma luva em nossas ambições porque também aqui nunca conhecemos a democracia em quaisquer de suas formas. Somos um povo que nas suas relações interpessoais prevalece o mandonismo, o autoritarismo simplesmente porque é só o que conhecemos. Quem se der ao trabalho de estudar os debates entre os bolcheviques sobre, por exemplo, a militarização obrigatória do trabalho, com o deslocamento e fixação forçados de trabalhadores para determinadas regiões soviéticas, verá que todo o Comitê Central Bolchevique a tinha como necessária e prudente. Que as condições históricas os obrigavam a isto, não há dúvidas, mas o problema sempre foi que condições históricas mudam mas as práticas políticas delas decorrentes, nem sempre. E vale dizer: Guevara nunca defendeu a militarização do trabalho; muito pelo contrário! Defendeu o *trabalho voluntário*, dando ele mesmo o exemplo. Não é um pequeno detalhe, caro leitor...

A teoria leninista de partido é perfeita como método para se chegar ao poder em regimes despóticos. Quadros profissionais, disciplina férrea, linha de comando severamente obedecida, trabalho clandestino... Uma estrutura que não deixa de ser, se não militar, militarizada. Foi produ-

to da história da Rússia profundamente autoritária. Numa estrutura social marcada pela desigualdade e sem válvulas de escape para sequer pequenas demandas, nada mais natural do que brotar em seu seio organizações revolucionárias adequadas a este contexto.

O problema não reside no *antes* e *durante*; o problema do bolchevismo sempre foi o *depois*. Já expus aqui minha concepção de que sem *paz* e sem *pão* a democracia proletária não prospera. Mas o problema é que mesmo com *paz* e *pão*, nos regimes provenientes de revoluções conduzidas por organizações do tipo bolchevique ou essencialmente militares, como o exército de Fidel e Che, ela continua a não prosperar.

As razões para não encontrarmos no Che nenhuma referência à questão da democracia proletária é decorrência da estrutura militar da luta revolucionária. Na guerra não há espaço para amplas consultas. Há uma cadeia de comando que precisa ser obedecida rápida e inexoravelmente. Este *modo de viver* militar determina, em última instância, o regime autoritário da nova sociedade. Quando primeiro temos um partido político com fortes tradições democráticas no seu interior (como inicialmente eram os bolcheviques) e que, por imposições do processo histórico, organiza a luta armada para a tomada do poder, temos um exército submetido a um partido político internamente democrático. Isto não assegura a liberdade na nova sociedade (vide Stálin), mas as chances são maiores. Quando temos um exército que toma o poder e se converte em partido político – único - para administrar este poder, cercado por forças estrangeiras hostis, ameaçado por uma catástrofe econômica, então é praticamente impossível imaginar que a democracia proletária venha ao mundo. Tal foi o caso da Revolução Russa; tal foi o caso da Revolução Cubana.

Insisto que a liberdade, a democracia proletária, ou seja, aquela que de fato expressa a vontade da maioria, precisa de **“paz e pão”**. Sem *paz*, no caso, com a ameaça permanente de intervenções estrangeiras ou movimentos contra-revolucionários intestinos, não há como permitir, por exemplo, ampla liberdade de imprensa enquanto a influência dos revolucionários sobre as massas não estiver assegurada. Lamentavelmente, a influência é sempre melhor conquistada quando benefícios materiais são concedidos a amplas camadas da sociedade, e não pela conquista de *corações e mentes*. Então, precisamos também do *pão*...

O problema da liberdade individual – o que não significa a liberdade de explorar o semelhante – é um problema que nunca foi resolvido teórica e praticamente pelo Socialismo Científico de forma adequada. A sua não solução nos permite projetar um mundo totalmente pós-capitalista, socialista – apenas no plano econômico - dominado por partidos-únicos espalhados por todo o

globo, em sistemas centralizados e burocráticos de gestão econômica e política, tudo em nome de uma luta contra uma burguesia que já não mais existe, mas que pode ressurgir das cinzas. Cúpulas partidárias que, a julgar pela experiência soviética, seriam a gênese de uma nova classe burguesa, e com ela, de volta toda a porcaria.

Talvez fosse a hora de relermos – sem preconceitos – o pensamento de Rosa Luxemburgo ou de Paulo Freire, este que sempre viu autoritarismo nas relações entre aqueles que se acham donos da verdade e os seus tutelados. Não seria o caso de relermos – sem preconceitos – os filósofos iluministas, aplicando-lhes a lei da *negação da negação* da dialética marxista?

Até que ponto se justifica atualmente a ausência de liberdade de imprensa em Cuba? A existência de apenas um partido? Não são os comunistas os que estão historicamente do lado da verdade? Por que temer o debate público com correntes de oposição? Já não houve tempo suficiente para que uma geração inteira se educasse dentro dos princípios comunistas? Penso muito sobre tudo isso...

Ao que me parece, a resposta teórica exigiria uma abordagem sobre as categorias analíticas de tempo (passado, presente, futuro) não-esquemática. Exigiria a percepção de que passado-presente-futuro são abstrações, que o passado nunca passa, que o passado está presente no presente, que o presente é uma antecipação do futuro, que o futuro está presente no presente e vice-versa.

Mecanicamente, o *passado* seria todo aquele *movimento* que já se realizou. O *presente* seria aquele *movimento* que está em pleno curso. O *futuro* seria aquele *movimento* que virá. Ora, os conceitos são abstrações, são ferramentas que criamos para compreender o mundo objetivo, real, que existe independentemente e fora dos nossos pensamentos. Não são os conceitos que criam o mundo real. Esta compreensão filosófica é fundamental para uma utilização adequada dos conceitos. *Passado, presente e futuro* ganham significações que não correspondem precisamente ao que acontece no mundo real, se forem operados de forma não-dialética.

Utilizados de forma mecânica, o *passado* é todo aquele *movimento* que já passou, e portanto não existe mais; o *presente* é o que existe e o *futuro* é o que não existe, nunca existiu mas está para existir. Enquanto categorias operadas mecanicamente, o *passado*, por não mais existir, não pode estar presente no *presente* e, por consequência, no *futuro*. Este, por sua vez, nada terá do *passado* (e nem do *presente* que já será *passado* quando o *futuro* chegar), pois o *passado* não existe mais e o *presente* tornou-se *passado* com a chegada do *futuro*.

Parece um jogo de palavras, mas não é. Concepções como as do “fim da história” baseiam-se nesta operação mecânica. Como o *passado* não está presente no *presente*, que por sua vez não estará presente no *futuro*, a atualidade só pode ser explicada por si mesma, e a História perde a razão de ser na medida em que o *passado* nada tem a ver com o *presente* e muito menos determina, condiciona, estabelece limites – que podem ser forçados por ações conscientes mas nunca ultrapassados – e potencialidades historicamente dadas. Dito de outra forma, o conhecimento do *passado* converte-se em mera curiosidade – e sem utilidade – na medida em que não existe mais, quer dizer, não está presente no *presente* – e por isso não o explica, e muito menos o estará no futuro.

O *passado*, na verdade, nunca passa, nunca “abandona” completamente o *presente* (e o *futuro*). O *passado* nunca é totalmente algo que já passou. Está, ao menos em parte, sempre presente no *presente* e, por extensão, no *futuro*. É por isso que os “cortes” cronológicos o são no seu sentido mais clássico: agriem a compreensão do todo. A História é uma totalidade em movimento. Passado, presente, futuro são dimensões abstratas de uma totalidade concreta. Assim, não é absurdo pensar que podemos ver o futuro simplesmente por estarmos no seu presente, e o melhor de tudo: podemos operar o futuro agindo sobre o seu presente.

Ao pensar no futuro, deveríamos construí-lo – desde já – e não apenas após a tomada do poder político. Os fins é que deveriam justificar os meios e não o contrário. Assim pensando, mesmo de posse de uma teoria político-militar fundada num exército-partido (que no fundo é a que nos faz chegar a teoria do Che, na prática) ou num partido de comunistas profissionais (o bolchevismo) aptas a nos conduzirem ao poder, não nos seriam úteis se apenas apresentassem soluções para os problemas *materiais* da sociedade, deixando para depois – o grande erro – a solução de seus problemas *espirituais*, os valores do capitalismo, o fim da alienação.

Quero dizer que deveríamos começar a pensar na hipótese de que talvez não seja possível consertar os erros do *presente* no *futuro*. Começamos então a pensar na sociedade futura trabalhando todas as suas dimensões (material, espiritual, etc.) desde já, e optar por estratégias políticas que nos conduzam não apenas a algumas de suas dimensões, como a fartura econômica, por exemplo, mas à sua totalidade. É por isso – e nisso reside o seu grande mérito - que tem importância a questão que Guevara coloca sobre a sua rejeição a modelos que implantam o *socialismo econômico sem a moral comunista*.

Não seria hora de pensarmos em construir o Novo Homem desde já, sem trabalhar com esta divisão abstrata entre passado-presente-futuro? Não tenho respostas para tamanha indagação.

Guevara chegou mais longe nesta discussão do que qualquer outro grande pensador. No seu pensamento político-militar já considerava o valor educativo da luta revolucionária para a formação de uma nova mentalidade, a força do exemplo como paradigma a ser seguido. Não operava com esta separação mecânica entre passado-presente-futuro, e por isso identificou, logo nos primeiros contatos com o socialismo burocrático soviético, as suas doenças crônicas.

Mesmo no período em que foi o homem-forte da economia cubana, posição que naturalmente lhe forçaria pensar de forma imediata na solução dos problemas mais sérios que Cuba enfrentava, mesmo nesta posição foi capaz de ver o bosque, a totalidade, o objetivo maior e a razão histórica daquilo tudo, de não esquecer que não teria sentido lutar pelo aumento da produtividade a qualquer preço. De que valeria transformar Cuba numa potência econômica, com um padrão de consumo comparável ao dos povos já industrializados, se em detrimento da construção de um Novo Homem?

Che não era *economista*; ... Che Guevara era *comunista*.

*Ou ficar a Pátria Livre!
Ou morrer pelo Brasil.*

*Evandro de Oliveira Machado
Em 01 de outubro de 2008.*

APÊNDICE 1

SOBRE ALGUMAS POSIÇÕES DE CASTAÑEDA

Um fio condutor da vida de Ernesto Guevara foi a exaltação da vontade, lidando com o voluntarismo, ou, diriam alguns, a onipotência. [...] Desde o rúgbi de sua mocidade em Córdoba até o calvário nas selvas da Bolívia, partiu sempre de um critério: bastava desejar alguma coisa para que ela acontecesse. [...] As origens desse voluntarismo quase narcisista [!?...] são múltiplas: seu próprio empenho, a luta perene do Che contra a asma e um onipresente olhar materno, de adoração e culpa¹⁷² inesgotáveis.¹⁷³

Que o Che acreditava na força da vontade, capaz de remover montanhas, desde muito jovem, isto é indiscutível. Castañeda erra em não perceber que tudo muda, inclusive os sentimentos. O voluntarismo do Che menino não é o mesmo do Che na Revolução Cubana ou na Bolívia. Tudo muda, se transforma ao longo do tempo e, portanto, tem uma história. O voluntarismo do Che, como força política, vai sendo polido com as suas experiências e estudos e ganha, digamos, uma consistência teórica, se me permitem tal expressão. Pode parecer contraditório afirmar que um voluntarismo (em essência, emotivo e cego) possa adquirir uma espécie de “maturidade teórica”, mas não é. Não vejo contradição antagônica entre o voluntarismo do Che e as teorias revolucionárias com base no “exame concreto da realidade concreta”. Podem coexistir tranquilamente, de mãos dadas, um questionando o outro, alimentando o outro, enriquecendo o outro.

Na famosa polêmica que o Che trava com outros economistas em Cuba (1963-64), o lado voluntarista do Che se revela na sua defesa do estímulo moral aos trabalhadores mesmo em detrimento de um desenvolvimento econômico mais rápido, calcado no estímulo material. Che acreditava no ser humano, na sua humanidade que uma vez estimulada produziria efeitos “e vontades” incalculáveis sobre inclusive o próprio desenvolvimento econômico mas fundamentalmente sobre ele mesmo, o ser humano. Por outro lado, a sua visão, digamos, teórico-prática revelava

¹⁷² Para Castañeda, a mãe do Che se via culpada pela asma do seu filho. O pai do Che sempre a culpou por isso. O que ele escreve no seu livro aqui citado não deixa dúvidas. “*Gostávamos muito de tomar banho no rio e no verão fazíamos isso quase todos os dias nas praias do Clube Náutico San Isidro. Numa manhã fria do mês de maio [de 1930], minha mulher levou Ernesto [o Che] ao clube. Fui buscá-los na hora do almoço e encontrei o menino em roupa de banho, já fora da água, tiritando. Celia [mãe do Che] não tinha experiência e não percebeu que a mudança de tempo era perigosa naquela época do ano. Em nosso país, são muito comuns essas bruscas mudanças de temperatura.*” Lynch, op. cit., p. 138, grifo meu.

¹⁷³ Castañeda, op. cit., p. 15.

uma “análise concreta da realidade concreta” refinada ao criticar o sistema, o modelo soviético. A meu ver, neste debate encontramos uma contribuição teórica do Che para a doutrina do Socialismo Científico sem paralelo. Che via retorno ao capitalismo no sistema soviético baseado no estímulo material. A história lhe daria razão.¹⁷⁴

Deixemos que o seu irmão, Roberto Guevara, nos explique melhor essa questão.

A revalorização que Che fez do elemento subjetivo no campo econômico foi uma revalorização no sentido de dar-lhe a importância que realmente tem **e não no sentido de substituir o elemento objetivo**. Ele entendia que não era possível o desenvolvimento e a consolidação do homem comunista sem um desenvolvimento da consciência social. Entendia que no desenvolvimento econômico os estímulos materiais são absolutamente necessários, isto é, que não pode sustentar-se a base industrial necessária de um país socialista se não são utilizados **racionalmente** os estímulos materiais.

Mas também explicava que esses estímulos atrasam a consciência do indivíduo, pois se baseiam no interesse personalista do homem, isto é, conservam a célula a partir da qual se desenvolve e sustenta a sociedade capitalista [a mercadoria]. Em compensação, afirmava, os estímulos morais adiantam essa consciência socialista, embora sem dúvida tenham menos efeito no desenvolvimento econômico. Em outras palavras, mediante os estímulos morais se obtinha um desenvolvimento econômico mais lento, mas um desenvolvimento mais acelerado da consciência social. **Ele resolvia esta contradição através do uso comum dos dois estímulos.**¹⁷⁵

“O socialismo econômico sem a moral comunista não me interessa. Lutamos contra a miséria, mas ao mesmo tempo contra a alienação”, dizia Guevara.¹⁷⁶

Para Marx, e Che era uma marxista, o comunismo seria – grosso modo - uma comunidade de seres humanos **livres e iguais - em direitos e obrigações** - que controlariam coletivamente, segundo um plano **consciente**, a distribuição do trabalho, e dos produtos dele decorrentes, entre os seus membros bem como a organização de todos os demais aspectos da vida social. Nesta sociedade, não haveria espaço para a alienação. Inicialmente, no processo de luta por esta sociedade, apenas um pequeno grupo se libertaria da alienação para logo depois **passar a agir conscien-**

¹⁷⁴ Para uma discussão sobre as concepções econômicas do Che, ver a excelente síntese de Löwy, Michael, *O Pensamento de Che Guevara*, Expressão Popular, São Paulo, 2002, pp. 53-99.

¹⁷⁵ GUEVARA, Roberto, prólogo, IN: Guevara, Che, *Textos econômicos para a transformação do socialismo*, Coleção América Latina, Série Nossa História, Nossos Problemas, Volume 8, Edições Populares, São Paulo, 1987, p. 7, grifos meus. Texto publicado inicialmente pela revista espanhola “EL Viejo Topo” nº 17, de fevereiro de 1978. Roberto é o terceiro irmão, sendo mais jovem que Che e Celia. Em 1987, advogado e Secretário de Relações do Partido Revolucionário dos Trabalhadores da Argentina, encontrava-se exilado na Espanha.

temente sobre a sociedade visando fazer com que toda a sociedade, ou a maioria dela – que só veria árvores mas nunca o bosque – também atingisse este nível de consciência, libertando-se das mazelas da sociedade de classes e da alienação e simultaneamente construindo um novo modelo de sociedade. Simultaneamente, a construção de um Homem Novo numa nova sociedade.¹⁷⁷ Sem a ação dos conscientes sobre a sociedade, os alienados tenderiam a permanecer inconscientes, pois a sociedade de classes conduz naturalmente à alienação, e nada mudaria. Indispensável, pois, seria a **ação** dos conscientes sobre o mundo.

O “voluntarismo” do Che é – na verdade – o do Marx, que foi o primeiro a criticar severamente a filosofia de sua época por apenas limitar-se a contemplar o mundo – o que não mudava nada – quando o correto seria uma atitude concreta neste mundo, uma ação prática sobre ele para mudá-lo.¹⁷⁸ Quem melhor nos explica isto é Löwy:

Para Che, o marxismo era, antes de tudo, a *filosofia da práxis*, a teoria da ação revolucionária. Na sua opinião, Marx representa uma mudança qualitativa na história do pensamento social, não só porque traz uma interpretação científica da história, como também e sobretudo porque introduziu uma idéia profundamente revolucionária: *não basta interpretar o mundo, é necessário modificá-lo!*¹⁷⁶.

Sabe-se que, para o marxismo economicista da II Internacional, a problemática da iniciativa revolucionária tendia a desaparecer em proveito das “leis inflexíveis que determinam a transformação inevitável do mundo”. **Kautsky** resumiu magnificamente essa visão da história, nesta frase notável: ‘O Partido Socialista é um partido revolucionário; **não um partido que faz revoluções**. Sabemos que os nossos objetivos não podem ser realizados senão por meio de uma revolução, mas sabemos, igualmente, que não está nas nossas mãos fazê-la, as-

¹⁷⁶ Löwy, Michael, op. cit., p. 93.

¹⁷⁷ O homem não é produto “mecânico” da sociedade em que vive de tal forma que uma vez alterada esta sociedade, o homem nela também se transforme. Assim era como pensavam os materialistas metafísicos ou mecanicistas e, por extensão, os economicistas. Também não é verdade que a sociedade só pode ser mudada se mudarmos os homens de tal forma que uma vez alterados estes homens, a sociedade também se transforme. Mas como mudar estes homens sem mudar a sociedade? Mas como mudar esta sociedade sem mudar os homens?... Quem nos tira desta “sinuca de bico” é o nosso Marx: “A doutrina materialista de que os seres humanos são produtos das circunstâncias e da educação, de que seres humanos transformados são portanto produtos de outras circunstâncias e de uma educação mudada, esquece que as circunstâncias são transformadas precisamente pelos seres humanos e que o educador tem ele próprio de ser educado. Ela acaba, por isso, necessariamente, por separar a sociedade em duas partes, uma das quais fica elevada acima da sociedade (por exemplo, em Robert Owen). [...] A coincidência do mudar das circunstâncias e da actividade humana só pode ser tomada e racionalmente entendida como **práxis revolucionante**.” Marx, Karl; Engels, Friedrich; *Obras Escolhidas em Três Tomos*; Edições “Avante!” – Lisboa, Edições Progresso – Moscovo; 1982; Tomo I, p. 2 (Marx – terceira tese sobre Feuerbach), grifos meus. Melhor resume Löwy: “Na práxis revolucionária coincidem a mudança dos homens e a transformação das circunstâncias.” Löwy, op. cit., p. 85.

¹⁷⁸ “Os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo”. Marx, Karl; Engels, Friedrich; *Obras Escolhidas em Três Tomos*; op. cit., Tomo I, p. 3 (Marx - Teses sobre Feuerbach).

sim como não está nas mãos dos nossos adversários impedi-la. Conseqüentemente, **jamais sonhamos provocar ou preparar uma revolução**^[...] **Lenin**, em contrapartida, desde as suas primeiras polêmicas com os “economistas” russos, em 1902, e com Plekhanov durante a revolução de 1905, **salientou o papel da iniciativa histórica da vanguarda e das massas populares no decurso da revolução**.

Na América Latina, em face do menchevismo da maioria dos partidos comunistas tradicionais, o pensamento do Che representa indubitavelmente um retorno às fontes vivas do Leninismo. **Lenin, escreve Che, nos ensina que ‘a passagem de uma sociedade para outra não era mecânica’; as condições podiam ser aceleradas por determinados catalisadores**¹⁷⁹ [a guerrilha, por exemplo]. O leninismo revolucionário significa, em 1917, e significa, hoje, na América Latina, o seguinte: ‘Se existisse uma vanguarda do proletariado que fosse capaz de pôr em marcha as reivindicações essenciais do proletariado, de ver claramente onde é necessário ir e tentar a tomada do poder, a fim de estabelecer uma nova sociedade, seria possível progredir e queimar etapas’.

[...]

Isto não significa de modo algum que Che se incline para uma visão **puramente voluntarista** da revolução. Não ignora de maneira alguma que são as contradições internas de uma formação econômico-social que criam as condições objetivas necessárias ao advento da ‘situação revolucionária’. Mas sabe também que sem *a ação consciente* da vanguarda e, por conseguinte, das massas populares, a revolução não pode florescer. Assim, ao analisar a transição de Cuba para o socialismo, **Che verifica que a vanguarda forçou ‘a marcha dos acontecimentos’, reconhecendo, no entanto, que ela a forçou ‘dentro dos limites do objetivamente possível**^{[...] 180}.

Agora podemos compreender com mais profundidade aquilo que o Che escreveu em seu livro *A Guerra de Guerrilhas*: “*Consideramos que três contribuições fundamentais fez a Revolução Cubana para a mecânica dos movimentos revolucionários na América; são elas: [...] 2) nem sempre há que se esperar que se dêem todas as condições para a revolução; o foco insurreccional [o catalisador] pode criá-las.*”¹⁸¹

Rotular todo o pensamento do Che como voluntarista, que pode até ser, talvez, mas não o clássico (Castañeda não faz isso), é jogar no lixo todas as análises que o Che fez, sejam políticas, militares, econômicas, enfim. Ao pensarmos assim, chegamos naturalmente à equivocada conclusão de que o Guevara que partiu para a guerra na Bolívia em 1967 era o mesmo de 1952 que partiu para conhecer toda a América. Uma visão ahistórica.

¹⁷⁹ “*Catálise, s. f. (Quím.). Fenômeno que modifica a velocidade de uma reação pela simples presença de um agente físico, químico ou biológico. Catalisar, v.t. Agir por catálise.*” Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, Sedegra, São Paulo, 1973, Volume 1, p. 253.

¹⁸⁰ Löwy, Michael, op. cit., pp. 33-36, grifos meus.

¹⁸¹ GUEVARA, Che, *A Guerra de Guerrilhas*, Edições Populares, São Paulo, 1987, p. 13.

Castañeda, em sua obra de fôlego, não se propõe especificamente a analisar a evolução do pensamento do Che, embora o faça mas só na medida necessária ao que se propõe: escrever a sua biografia. Assim, talvez por isso, não tenha compreendido muito bem o papel do voluntarismo no conjunto mais complexo e multifacetado do pensamento do Che.¹⁸²

Uma outra afirmação simplificadora do pensamento do Che, e mais que simplificadora, distorcida e fundada numa subjetividade comum aos psicólogos mas estranha aos historiadores, é a seguinte:

Outro princípio que governou a vida do Che – a eterna recusa em conviver com a ambivalência, a qual o perseguiria como uma sombra desde a asma infantil até Ñancahuazú.¹⁸³

Ao longo de toda a sua obra é recorrente o apelo a tal raciocínio¹⁸⁴ para explicar atitudes do Che que (caramba!) envolviam um conjunto de motivações de várias ordens, uma síntese de múltiplas determinações. Che não foi para o Congo e lá quis ficar por se recusar a “*conviver com alguma ambivalência*” em Cuba. Ademais, seja lá o que exatamente quis dizer o autor com a palavra “*ambivalência*”, elas estão em todo lugar e ter dificuldades em conviver com elas, ou algumas delas, não constitui uma singularidade do Che.

As explicações psicanalíticas para a etiologia da asma não tem aceitação entre os médicos¹⁸⁵; a doença é acima de tudo hereditária [a mãe do Che foi asmática na infância]. As interpretações baseadas na angústia do doente, em sua incapacidade de exteriorizá-la e na impossibilidade de enfrentar a ambivalência geradora da aflição talvez sirvam mais para explicar a permanência da enfermidade que a sua origem. [Agora vejam o que Castañeda nos diz a seguir] **São especialmente sugestivas para se compreender a evidente dificuldade do Che, ao longo de toda a vida, com emoções ou desejos contraditórios, na família, na escola, nos amores e inclusive em política.** A asma seria a resposta do Che para uma angústia recorrente e primária, impossível de ser exteriorizada ou ver-

¹⁸² Neste sentido, tem razão Michael Löwy quando nos diz que “*Muitas biografias do Che já foram escritas, mas nenhuma analisa realmente com profundidade o seu pensamento. [...] Isso vale também para as biografias lançadas em 1997, por ocasião dos 30 anos da morte de Che: Che Guevara: A vida em vermelho, de Jorge Castañeda [...]; Che Guevara: uma biografia, Jon Lee Anderson [estas duas obras foram usadas nesta monografia]; Ernesto Guevara, também conhecido como Che [não cita a autoria]*”. Löwy, Michael, op. cit., p.17.

¹⁸³ Castañeda, op. cit., pp. 15-16.

¹⁸⁴ “*É possível que a própria dificuldade para conviver com emoções e pontos de vista conflituosos, que detectamos a propósito da asma, tenha tido uma função significativa no distanciamento do Che da política universitária. Enfrentar o emaranhado de paixões contraditórias que se desencadeavam ao seu redor nesse período deve ter sido um verdadeiro tormento para ele.*” Idem, p. 52.

balizada e que, contida, provoca o sufocamento. A angústia, por sua vez, surgia e se exacerbava com a frequência e a ubiquidade da ambivalência, inadmissível para Ernesto justamente pela angústia que desencadeava. A única cura possível – que ele jamais alcançaria – seria esquivar-se da ambivalência recorrendo à distância, à viagem e à morte.¹⁸⁵

Che seria então um eterno fugitivo. E o autor vai ainda mais longe: “*Nosso protagonista não apenas foge da contradição; é um personagem em busca de uma tragédia*”.¹⁸⁶

A adrenalina (literalmente adrenalina) evitaria as suas crises asmáticas.

O vínculo entre a dilatação dos brônquios contraídos e a adrenalina leva situações que acarretam descargas endógenas de adrenalina – **como o combate, por exemplo** – a evitar crises, enquanto outras, que requerem decisões, podem desencadeá-las justamente em virtude da ausência de descargas endógenas de adrenalina.¹⁸⁷

Para um biógrafo do Che, como o é o Sr. Castañeda, seria imperdoável acreditar que “descargas endógenas de adrenalina” evitariam crises asmáticas. São inúmeros os relatos de crises agudas de asma do Che em pleno combate, tanto que ele mesmo sempre levava consigo os medicamentos para superá-las. Mas o nosso psicólogo, digo, biógrafo, logo a seguir, eis que nos diz:

Se essa interpretação está correta [!!!], ajuda em grande medida a elucidar a incapacidade do Che para aceitar a presença simultânea dos contrários em sua vida: os problemas e o distanciamento dos pais, a contradição intrínseca do peronismo [...]. [E, de contrabando, insinua possíveis divergências profundas com os caminhos da Revolução Cubana] Por fim, Guevara não poderia conciliar os imperativos da sobrevivência da Revolução Cubana com as épicas e notáveis aspirações humanistas e sociais que lhe quis inculcar.¹⁸⁸

Foi esta percepção parcial e *metafísica* de Castañeda que o fez, na sua investigação, mergulhar em detalhes da vida privada de Guevara. Que há uma dimensão psicológica, psicanalítica (ou seja lá que nome poderíamos usar) na ação dos seres humanos, parece-me óbvio. Cabe ao

¹⁸⁵ Idem, p. 33, grifo meu.

¹⁸⁶ Ibidem, p. 62.

¹⁸⁷ Ibidem, p. 34, grifo meu.

¹⁸⁸ Ibidem, p. 34.

historiador dialético considerá-la nos seus estudos, mas nunca *absolutizá-la*. Há uma infinidade de necessidades que procuramos saciar em quaisquer atos do nosso dia-a-dia, e sobretudo naqueles que são antecipados por uma reflexão. Ao historiador cabe examinar – em conjunto – todas as dimensões humanas que naturalmente exercem sim a sua influência no curso da história, e ver quais delas foram secundárias e quais foram as principais. O erro de Castañeda foi o de tomar como principal o secundário, notadamente os problemas pessoais (ou os “fantasmas”, expressão usada pelo autor) que atormentavam o Che e que, seguramente, contribuía para a sua inquietude. Ora, quem não tem “fantasmas” nesta vida?... Ao fazê-lo, Castañeda não examinou as suas fontes pelo que elas não diziam. Vejamos um exemplo.

É impossível negar que a política de “exportação da revolução” não era uma política apenas do Che; era uma política rotineira do Estado cubano, leia-se Fidel Castro. Mas não encontramos nenhuma declaração formal de Fidel afirmando categoricamente que apoiava a “exportação de sua revolução”. Ora, não devemos julgar um homem pelo que ele diz de si mesmo e sim pelos atos concretos que ele toma em sua vida. A julgar pelos atos concretos de Fidel, que jamais impediu (e ele tinha poderes supremos para isto) ou criou qualquer dificuldade para as ações de Guevara fora de Cuba, “exportando a revolução”, podemos inferir que Fidel tinha um discurso: como chefe de Estado, um diplomata que apenas buscava a consolidação do seu governo, e viver em paz com todo mundo. Buscava ganhar tempo com os EUA – foi o único que enganou os norte-americanos, tal como D. João VI o fez com Napoleão¹⁸⁹ - e conseguiu. Podemos também inferir, pelo que ele não disse e não fez, que Fidel apoiava com vigor as ações de Guevara em seu objetivo de abrir outras frentes de luta pelo mundo afora contra os EUA. Assim como os homens erram por ação mas também por omissão, acertam também....

Darei apenas um exemplo, creio que suficiente, para demonstrar que a tese de Castañeda sobre os problemas “psicológicos” do Che que o teriam, por exemplo, feito procurar na África uma solução é pobre porque além de não examinar a totalidade dos fatos, não tira conclusões daquilo que as fontes não revelam, ou revelam por justamente não existir. Castañeda se depara com uma fonte que parece gritar-lhe aos ouvidos dizendo-lhe “Estou aqui!!!! Analise-me!!!” mas está cego por seu *a priori* que seriam as *ambigüidades* do Che.

¹⁸⁹ Em suas memórias, Napoleão Bonaparte reconheceu o mérito de D. João VI no seu jogo duplo com a França e a Inglaterra. “Foi o único que me enganou.”, escreveu Napoleão.

As desventuras do Che no Congo não passaram despercebidas em Havana, embora as informações fossem fragmentadas e coloridas pelo ingênuo otimismo das fontes. Após a derrota do primeiro ataque a Front de Force, o Che enviou uma carta a Fidel [...]. Quando a carta chegou a Havana, Castro convocou Emilio Aragonés e o general Aldo Margolles para uma reunião com Osmany Cienfuegos e Manuel Piñero. [...]

Quando Aragonés chegou, Fidel disse-lhe: “Leia isto”. Era a carta do Che, que descrevia com todas as letras a terrível confusão em que se metera. Narrava o desastre de Front de Force, em cujos combates os africanos tinham fugido e o Che perdera vários oficiais. Contava, ainda, que alguns soldados africanos em debandada tinham assaltado um caminhão de bebidas. Segundo Aragonés, **Fidel não se enganava: percebia que a carta não vinha de alguém arrependido ou desesperado, e sim de um comandante lúcido e profissional**. Mas outros acharam que não passava do lamento de um pessimista. Piñero, por exemplo, depois de ler o texto, exclamou: “Isto aqui é coisa de cagão”.¹⁹⁰

Fidel então decide enviar reforços – não para tirar o Che de lá – mas para ajudá-lo.

A guerra continua...

No início de outubro, José Antonio Machado Ventura, o ministro cubano da Saúde, voltou ao Congo. Trazia [...] uma mensagem de Fidel Castro na qual, segundo o Che, o caudilho [o Che não usa esta palavra] cubano aconselhava-o a “não me desesperar; dizia que lembrasse a primeira fase da luta e recordasse que esses inconvenientes sempre aconteciam, assinalando que os homens eram bons”.^[...] Isso reforçava no Che a suspeita e a revolta de ser tachado de pessimista em Cuba, quando, na realidade, ele chegava a ocultar as adversidades que enfrentava. Em 5 de outubro [de 1965], enviou a Fidel Castro uma longa carta cujos parágrafos principais convém reproduzir na íntegra:

[E aqui nos deparamos com aquela fonte que gritava para ser analisada. O conteúdo desta carta indica claramente duas coisas: que o projeto no Congo não era uma idéia apenas do Che mas também do Estado cubano; e que Che talvez tenha sido o mais lúcido de todos os comandantes pois o serviço secreto cubano alimentava Fidel com informações totalmente ilusórias sobre o que se passava no Congo]

“Recebi sua carta, que provocou em mim sentimentos contraditórios, já que em nome do internacionalismo proletário cometemos erros que podem custar muito caro. Também me preocupa que, seja por minha falta de seriedade ao escrever ou porque você não me tenha compreendido plenamente, possa pensar que padeço da terrível doença do pessimismo sem causa. Quando seu presente de grego (Aragonés) chegou, disse-me que uma de minhas cartas tinha passado a impressão de um gladiador condenado. O ministro (Machado Ventura) agora vem confirmar sua opinião, ao entregar-me sua mensagem otimista. [...] **Direi apenas que aqui, segundo meus colaboradores, perdi minha fama de ser ob-**

¹⁹⁰ Castañeda, op. cit., pp. 361-362, grifo meu.

jetivo, e que estou mantendo um otimismo sem bases reais. [...] Em minhas cartas anteriores, pedia-lhes que não mandassem muita gente, mas quadros, dizia-lhes que aqui praticamente não faltam armas, exceto algumas especiais. Ao contrário, sobram homens armados, mas faltam soldados. Alertava muito especialmente sobre a necessidade de **só dar dinheiro** aos poucos e depois de muita insistência. **Nenhuma dessas coisas foi levada em conta. Arquetetaram-se planos fantásticos que nos expuseram ao risco de descrédito internacional e podem colocar-me em situação muito difícil.** [...] Esqueçam o envio de homens para dirigirem unidades fantasmas. Preparem até cem quadros qualificados, mas não apenas negros. [...] Tratem com muito tato a questão das lanchas (não esqueçam que a Tanzânia é um país independente e é preciso jogar limpo com ela). Mandem depressa os mecânicos e um homem que saiba navegar, para cruzar o lago com relativa segurança [...]. **Não reincidam no erro de soltar dinheiro [...]. Confiem um pouco em meu critério e não julguem pelas aparências. Apertem os encarregados de fornecer informações [o serviço secreto de Cuba] confiáveis para que deixem de apresentar imagens utópicas, que nada têm a ver com a realidade.** Procurei aqui ser claro e objetivo, sintético e realista. **Vão acreditar em mim?**¹⁹¹

Se o leitor atentar para aquilo que grifei, verá que o projeto no Congo contava com um amplo apoio do Estado cubano, leia-se Fidel Castro. Verá também a lucidez dos relatos do Che, que lá estava como um oficial das Forças Armadas cubanas, e não como um aventureiro em fuga de suas *ambigiüidades*...

Castañeda chega a insinuar – de contrabando – que o Che teria enlouquecido no Congo.¹⁹²

Depois da Crise dos Mísseis, a URSS não queria mais problemas com os EUA na América Latina. Na África, tudo bem... Lá seria *o de práxis*: os dois imperialismos forneceriam apoio para os seus respectivos “lados” e, como num jogo de apostas, veriam no que poderia dar. Um jogo geopolítico, é claro, e muito caro.

Mas..., o problema da URSS na América Latina não eram os EUA e sim Fidel Castro e Che Guevara.

Várias fontes, a começar pela nota secreta do assessor de Segurança Nacional de Lyndon Johnson, Walt Rostow, indicam que desde princípios de 1967 desencadeara-se um feroz conflito entre Cuba e URSS, em torno da política latino-americana de Fidel Castro. O memorando, datado de 18 de outubro, **dez dias depois da morte do Che**, afirma: “Entrego-lhe um interessantíssimo informe sobre um ríspido intercâmbio de cartas entre Fidel Castro e Leonid Brejnev, sobre a forma como Castro **enviou o Che à Bolívia, sem consultar os soviéticos.**”

¹⁹¹ Castañeda, op. cit., pp. 366-367, grifos meus.

¹⁹² Ver Castañeda, op. cit., pp. 363-378. Em muitas passagens destes relatos, o autor não as confirma com fontes.

A correspondência foi uma das razões da visita de Kossiguin a Havana depois da reunião de cúpula de Glassboro” [encontro – em julho de 1967 - Johnson-Kossiguin em Glassboro, Nova Jersey, EUA].¹⁹³

Kossiguin (o premiê soviético) esteve depois em Cuba nos dias 26 e 27 de julho de 1967. Guevara estava na Bolívia. Castro sequer foi recebê-lo no aeroporto.

* * *

A obra de Castañeda, com quem de certa forma convivi bastante no curso desta monografia, ainda que unilateralmente não tenha sido uma convivência muito pacífica, reconheço, merece toda a nossa admiração e respeito pelo rigor com que foi feita, pela amplitude da pesquisa, apegada sempre às fontes – e quase sempre indicadas. Divergências são naturais sobre o exame de qualquer fonte histórica.

A História não é uma ciência exata.

¹⁹³ Castañeda, op. cit., p. 440, grifos meus.

APÊNDICE 2

NOTAS SOBRE A BIOGRAFIA DE JON LEE ANDERSON

Inicialmente, pensei em seguir os passos do Che utilizando-me simultaneamente das duas biografias citadas aqui neste trabalho: a de CASTAÑEDA e a de ANDERSON.

O problema foi que ao iniciar este processo, verifiquei que acabaria discutindo as divergências entre estas duas biografias ao invés de me concentrar no tema principal.

As duas foram lidas mas apenas a de Castañeda foi estudada, e por uma razão frustrante: a biografia de ANDERSON apresenta centenas de citações mas sem a identificação da fonte. Não que isto ponha em dúvida o seu trabalho, mas tal procedimento impede o cruzamento de suas fontes com as utilizadas por CASTAÑEDA, por exemplo. E pior do que isso, deixa no ar dúvidas sombrias para o leitor.

Exemplo. Na página 801, ANDERSON relata que Aleida, esposa do Che, ao voltar da Europa de um encontro com o Che logo depois do fracasso no Congo,

[...] voltou com um presente especial para Borrego [amigo do Che desde a Sierra Maestra, seu principal ajudante no INRA]. Era o exemplar de Che, cheio de anotações, do *Economía Política*, o manual oficial soviético [...]. O livro chegou com um grande volume de anotações e comentários [...].

[...]

Na sua crítica do manual stalinista, Che ressaltava que, desde os escritos de Lenin, pouco fora acrescentado para atualizar as avaliações do marxismo, exceto por algumas coisas escritas por Stalin e Mao. **Condenava Lenin – que havia introduzido na União Soviética algumas formas capitalistas de competição para dar a partida na sua economia nos anos 20 – como o “culpado” de muitos erros da União Soviética e, enquanto reiterava sua “admiração e respeito por aquele culpado”,** advertia, em letras maiúsculas, que a URSS e o bloco soviético estavam fadados a “retornar ao capitalismo”.¹⁹⁴

Mas de onde ANDERSON tirou isso? ... Fica difícil operar com *aspas* sem fontes. Uma informação polêmica como essa, que induz o leitor a imaginar divergências profundas entre Guevara e Lenin, não poderia ser jogada assim sem maiores esclarecimentos.

Decidi me guiar apenas pela biografia de CASTAÑEDA. Para quem não gosta de ler críticas sobre os seus mitos, a biografia de ANDERSON foi muito mais agradável.

¹⁹⁴ ANDERSON, Jon Lee, *Che Guevara: uma biografia*, Objetiva, Rio de Janeiro, 1997, p. 801, grifo meu.

ANEXO I
O DISCURSO DE ARGEL ¹⁹⁵
25 DE FEVEREIRO DE 1965

Che Guevara

Caros irmãos,

Cuba participa desta conferência, primeiro para fazer escutar nela a voz dos povos da América, mas também em sua qualidade de país subdesenvolvido que, ao mesmo tempo, constrói o socialismo.

Não é por acaso que é permitido à nossa representação emitir sua opinião entre os povos da Ásia e da África. Uma aspiração comum nos une em nossa marcha para o futuro: a derrota do imperialismo. Um passado comum de luta contra o mesmo inimigo nos uniu ao longo do caminho.

* * *

Esta conferência é uma assembléia de povos em luta; essa luta se desenvolve sobre duas frentes igualmente importantes e reclama todos os nossos esforços. A luta contra o imperialismo, a fim de romper os laços coloniais e neocoloniais, seja ela feita com armas políticas, armas reais ou com as duas ao mesmo tempo, não deixa de ter ligação com a luta contra o atraso e a miséria. Ambas são etapas da mesma estrada que conduz à criação de uma sociedade nova, simultaneamente rica e justa.

A tomada do poder político e a liquidação das classes opressoras constituem um imperativo, mas, a seguir, é preciso enfrentar a segunda etapa, cujas características são ainda mais difíceis, se possível for, que as da primeira.

Desde que os capitais monopolistas se apoderaram do mundo, eles mantêm na miséria a maior parte da humanidade e dividem todos os lucros no interior do grupo dos países mais poderosos. O nível de vida desses países repousa sobre a miséria dos nossos. Para elevar o nível de vida dos povos subdesenvolvidos, é preciso então lutar contra o imperialismo. Cada vez que um país se separa da árvore imperialista, não se trata somente de uma batalha parcial ganha contra o inimigo principal; é também uma contribuição para o seu enfraquecimento real e um passo a mais para a vitória final.

Não existem fronteiras nesta luta de morte. Não podemos ficar indiferentes diante do que acontece noutras partes do mundo, porque toda vitória de um país sobre o imperialismo é uma vitória para nós, da mesma maneira que toda derrota de uma nação é uma derrota para nós. A prática do internacionalismo proletário não é somente um dever para os povos que lutam por um futuro melhor; é também uma necessidade inelutável. Se o inimigo imperialista, seja ele americano ou outro qualquer, se atira contra os povos subdesenvolvidos e contra os países socialistas, a simples lógica determina a necessidade de uma aliança entre os povos subdesenvolvidos e os países socialistas. Se não existisse um outro fator de união, bastaria o do inimigo comum.

Evidentemente, estas uniões não podem se realizar espontaneamente, sem discussão; elas têm de nascer em condições às vezes dolorosas.

* * *

Dissemos que cada vez que um país se liberta, isso é uma derrota para o sistema imperialista mundial, mas devemos também reconhecer que essa ruptura não se produz pelo simples fato de proclamar a independência ou de obter uma vitória pelas armas numa revolução. A liberdade chega quando cessa a dominação econômica do imperialismo sobre o povo.

¹⁹⁵ Guevara, Che, *O discurso de Argel*. IN: Guevara, Che, *Por uma revolução internacional*, Coleção América Latina Série Nossa História, Nossos Problemas, Edições Populares, São Paulo, 1987, Volume 9, pp. 128-138.

Trata-se então de uma questão vital para os países socialistas que essas rupturas se produzam efetivamente. E é nosso dever internacional, o dever ditado pela ideologia que nos guia, contribuir com nossos esforços para a libertação mais rápida e mais profunda.

Devemos tirar uma conclusão de tudo isso: o desenvolvimento dos países que se encaminham pelo caminho da libertação deve ser pago pelos países socialistas. Dizemos isso sem nenhuma intenção de chantagem ou de efeito espetacular, nem à procura de um meio fácil de nos aproximarmos de todos os povos afro-asiáticos, mas sim porque é essa a nossa convicção profunda. O socialismo não pode existir se não operar nas consciências uma transformação que provoque uma nova atitude fraternal em relação à humanidade, tanto sobre o plano individual na sociedade que constrói ou que construiu o socialismo quanto no plano mundial, em relação a todos os povos que sofrem com a opressão imperialista.

Acreditamos que é nesse espírito que deve ser tomada a responsabilidade de ajudar os países dependentes e que não deve mais tratar-se de desenvolver um comércio, feito em benefício mútuo, à custa dos países subdesenvolvidos, na base de preços adulterados pela lei do valor e pelas relações internacionais de troca desigual acarretadas por essa lei.

Como se pode chamar de “benefício mútuo” a venda, aos preços do mercado mundial, de produtos brutos que custam aos países subdesenvolvidos esforços e sofrimentos sem limite e a compra, também aos preços do mercado mundial, de máquinas produzidas nas grandes fábricas automatizadas que hoje existem?

Se estabelecermos este tipo de relações entre dois grupos de nações, temos de convir que os países socialistas são, em certa medida, cúmplices da exploração imperialista.

Alegar-se-á que o volume de trocas com os países subdesenvolvidos constitui uma percentagem insignificante do comércio exterior desses países. É absolutamente certo, mas isso não altera nada no caráter imoral dessa troca.

Os países socialistas têm o dever moral de terminar sua cumplicidade tácita com os países exploradores do Ocidente. O fato de que o comércio atualmente é reduzido não significa nada. Em 1959, Cuba vendia ocasionalmente açúcar a um país do bloco socialista por intermédio do intermediário inglês ou de outras nacionalidades.

Hoje 80% de seu comércio é feito com o campo socialista; todos os produtos essenciais lhe chegam do campo socialista e, na verdade, ela faz atualmente parte dele. Não podemos dizer que essas rendas provenham de um simples crescimento do comércio, nem que o comércio aumentou em razão da destruição das antigas estruturas e do engajamento em uma forma socialista de desenvolvimento; os dois extremos se tocam e acham-se ligados entre si.

Não nos engajamos na estrada do comunismo prevendo todas as etapas como o produto lógico de um desenvolvimento ideológico que progredisse em direção a uma meta determinada. As verdades socialistas, reunidas às duas verdades do imperialismo, forjaram nosso povo e lhe mostraram a rota que em seguida adotamos com plena consciência. Os povos da África e da Ásia que sigam em direção à sua libertação definitiva deverão tomar o mesmo caminho. Eles o tomarão mais cedo ou mais tarde, mesmo que seu socialismo hoje venha acompanhado de diversos adjetivos.

* * *

Não existe para nós outra definição do socialismo que não seja a da abolição da exploração do homem pelo homem. Enquanto essa abolição não se realiza, continuamos no estágio da construção da sociedade socialista e se, em vez de produzir-se tal fenômeno, a tarefa da supressão da exploração se detém ou até mesmo recua, então nem se pode mais falar em construção do socialismo.

Devemos preparar as condições que permitirão a nossos irmãos tomar diretamente e com plena consciência o caminho da abolição definitiva da exploração, mas não podemos pedir-lhes para tomar essa via se nós próprios somos cúmplices dessa exploração. Se nos perguntassem quais são os métodos que é preciso aplicar para estabelecer preços equitativos, não poderíamos responder, porque não conhecemos os dados práticos da questão. Sabemos apenas que, após discussões políticas, A União Soviética e Cuba assi-

naram acordos vantajosos para nós, graças aos quais venderemos cinco milhões de toneladas de açúcar a preço fixo superior ao do chamado mercado livre mundial do açúcar. A República Popular da China paga o mesmo preço.

Isso tudo não é mais que o campo de trabalho: a tarefa real consiste em estabelecer preços que permitam o desenvolvimento. Uma concepção totalmente nova consistirá na mudança da ordem das relações internacionais; o comércio exterior não deve determinar a política, mas, ao contrário, ficar subordinado a uma política fraternal em relação aos povos. Analisemos rapidamente o problema dos créditos a longo prazo destinados a desenvolver as indústrias de base. Constatamos freqüentemente que os países beneficiários desejam instalar bases industriais desproporcionadas em relação às suas possibilidades atuais, cujos produtos não serão consumidos dentro do país e dos quais as reservas serão comprometidas por essa tentativa. Nosso raciocínio é o seguinte: os investimentos dos países socialistas em seu próprio território pesam diretamente sobre o orçamento do Estado e só são amortizados pela utilização dos produtos que se fabricam, até o fim da fabricação. Propomos que se encare a possibilidade de realizar investimentos deste tipo nos países subdesenvolvidos.

Dessa maneira, a imensa energia latente de nossos continentes, miseravelmente explorados e jamais ajudados em seu desenvolvimento, poderia ser colocada em movimento e poder-se-ia empreender uma nova etapa de verdadeira divisão internacional do trabalho, que não seria fundada na história daquilo que já se fez até aqui, mas sim na história futura do que pode se fazer.

Os Estados cujos territórios receberam os novos investimentos teriam sobre estes todos os direitos inerentes à propriedade soberana, sem nenhuma obrigação de pagamento ou de créditos. Os beneficiários teriam por única obrigação fornecer aos países que tivessem feito o investimento uma quantidade determinada de produtos, durante um certo número de anos e a um certo preço.

O financiamento da parte local das despesas que tem de incorrer um país que localiza investimentos deste tipo merece igualmente ser estudado. Uma forma de ajuda que não significaria distribuição de divisas livremente conversíveis, poderia ser o fornecimento de mercadorias fáceis de vender, pagáveis a longo prazo, aos países subdesenvolvidos. Um outro problema difícil de resolver é o da conquista da técnica. Todos conhecem a insuficiência de técnicos de que sofrem os países subdesenvolvidos. Faltam escolas e quadros. Falta-nos também, às vezes, uma consciência real de nossas necessidades e nem sempre sabemos aplicar prioritariamente uma política de desenvolvimento técnico, cultural e ideológico.

Os países socialistas devem fornecer a ajuda necessária para formar os órgãos de educação técnica, insistir na importância capital desse problema e fornecer os quadros que atualmente faltam.

* * *

É preciso insistir mais sobre este último ponto: os técnicos que venham a nossos países devem ser exemplares. Serão camaradas que encontrarão um meio desconhecido, freqüentemente hostil à técnica, falando uma outra língua que não a sua e possuindo costumes completamente diferentes. Os técnicos que empreendam essa difícil tarefa deverão ser antes de tudo comunistas, no sentido mais profundo e mais nobre do termo. Esta única qualidade, reunida a um mínimo de senso de organização e de habilidade, permitirá fazer maravilhas.

Sabemos que isso é possível porque países irmãos nos enviaram um certo número de técnicos que fizeram mais pelo desenvolvimento que dez institutos e contribuíram mais eficazmente para a amizade entre nossos povos que dez embaixadores ou cem recepções diplomáticas o teriam feito.

Se se pudesse realizar efetivamente o que acabamos de assinalar e, por outro lado, colocar ao alcance dos países subdesenvolvidos toda a tecnologia dos países avançados, sem utilizar o método atual das patentes que protegem as descobertas de cada país, faríamos um enorme progresso em nossa tarefa comum.

O imperialismo foi vencido em diversas batalhas parciais, mas ainda é uma força considerável no mundo e não podemos esperar a sua derrota senão pelo esforço e sacrifício de nós todos.

* * *

Entretanto, o conjunto das medidas que propomos não poderiam ser tomadas unilateralmente. Compreende-se que os países socialistas devam pagar o desenvolvimento dos países subdesenvolvidos, mas é preciso também que as forças dos países subdesenvolvidos se distendam e tomem firmemente o caminho da construção de uma sociedade nova – sejam quais forem os obstáculos – onde a máquina, instrumento de trabalho, não seja um instrumento de exploração para o homem. Não se pode mais pretender ganhar a confiança dos países socialistas ou jogar-se a guardar o equilíbrio entre capitalismo e socialismo, tentando utilizar as duas forças em competição para delas tirar vantagens definidas. Uma nova política de absoluta seriedade deve dirigir as relações entre os dois grupos de sociedades. Devemos acentuar ainda que os meios de produção devem, perfeitamente, encontrar-se nas mãos do Estado, de maneira que as marcas da exploração desapareçam pouco a pouco.

Aliás, o desenvolvimento não pode ser deixado à improvisação total: é preciso planificar a construção da sociedade nova. A planificação é uma das leis do socialismo, sem a qual ele não existiria. Na falta de uma planificação conveniente não se pode garantir suficientemente que todos os setores econômicos de um país se unirão harmoniosamente para dar os saltos para a frente exigidos pela época em que vivemos.

A planificação não é um problema isolado de cada um dos nossos pequenos países, destes países cujo desenvolvimento é deformado, que possuem matérias-primas ou produzem alguns produtos industrializados ou semi-industrializados, mas aos quais faltam todos os outros. Desde o início, a planificação deverá tender para uma certa divisão regional, de maneira a coordenar as economias dos países e chegar assim a uma integração sobre a base de um verdadeiro benefício mútuo.

Acreditamos que o caminho está cheio de perigos, não perigos inventados ou previstos a longo prazo por algum espírito superior, mas perigos que são o resultado tangível das realidades que nos atormentam. A luta contra o colonialismo atingiu suas últimas etapas, mas, em nossa época, o estatuto colonial não é mais que uma consequência da dominação imperialista. Por definição, enquanto o imperialismo existir, ele exercerá a sua dominação sobre outros países. Essa dominação é hoje chamada de “neocolonialismo”.

* * *

O neocolonialismo desenvolveu-se primeiro na América do Sul, em todo um continente. Começa hoje a manifestar-se com intensidade cada vez maior na África e na Ásia. Suas formas de desenvolvimento e penetração são diversas. Uma delas é a forma brutal, tal como a vimos no Congo. A violência pura e simples, sem considerações ou disfarces de espécie alguma, é a sua arma extrema. Existe uma outra forma mais sutil: a penetração nos países que se libertam politicamente, a união com as novas burguesias nacionais, o desenvolvimento de uma burguesia parasitária estreitamente ligada aos interesses da metrópole, favorecidos por um certo bem-estar ou por uma elevação transitória do nível de vida dos povos. Com efeito, nos países muito atrasados, a simples passagem das relações feudais para as relações capitalistas constitui um grande progresso, independentemente das consequências fatais que elas acarretam para os trabalhadores.

O neocolonialismo já mostrou suas garras no Congo; isso não é um sinal de poderio, mas antes de fraqueza; ele teve de recorrer à força, sua arma extrema, como argumento econômico, o que gera reações de oposição de grande intensidade. Essa penetração se exerce também em outros países da África e da Ásia, sob uma forma muito mais sutil, que cria rapidamente aquilo que se chamou de “sul-americanização” desses continentes, ou seja, o desenvolvimento de uma burguesia parasitária que não acrescenta nada à riqueza nacional, mas que, ao contrário, acumula fora do país, em bancos capitalistas, seus enormes lucros desonestos e contrata com o estrangeiro para obter ainda maiores benefícios, com um desprezo absoluto pelo bem-estar de seu povo.

Existem ainda outros perigos: por exemplo, a rivalidade entre países irmãos, politicamente amigos e, às vezes, até mesmo vizinhos, que tentam desenvolver os mesmos investimentos, no mesmo momento, e para mercados que freqüentemente não o admitem. Esta concorrência tem o inconveniente de desperdiçar energias que poderiam servir a uma cooperação econômica muito mais ampla e, por outro lado, ela permite o jogo dos monopólios imperialistas.

Em certos casos, quando é absolutamente impossível realizar um investimento preciso com o auxílio do campo socialista, ele é efetuado por meio de acordos com os capitalistas. Estes investimentos capitalistas têm os defeitos inerentes à maneira pela qual são concedidos os créditos, mas também outros defeitos muito importantes, tais como a criação de sociedades mistas, onde se associam vizinhos perigosos. Como os investimentos são geralmente paralelos aos de outros estados, há o risco de que países amigos entrem em conflito por causa de divergências econômicas. Aliás, a corrupção emanada da presença constante do capitalismo, hábil em dourar o desenvolvimento e o bem-estar para seduzir muita gente, constitui uma grave ameaça.

Pouco depois, a saturação de produções similares acarreta uma queda dos preços nos mercados. Os países atingidos se vêem na obrigação de pedir novos empréstimos ou permitir investimentos complementares, a fim de poderem continuar competitivos. Uma política assim é finalmente saldada pela ocupação da economia pelos monopólios e retorna-se, lenta mas seguramente, ao passado. Em nossa opinião, para realizar sem perigo investimentos com a participação das potências imperialistas, é preciso que o Estado participe diretamente como comprador único dos bens, limitando a ação imperialista ao estabelecimento de contratos de fornecimento, sem deixá-la passar de nossa porta. Neste caso, é justo aproveitar-se das contradições do imperialismo para obter condições menos onerosas.

Não se pode tampouco esquecer as ajudas econômicas, culturais, etc., chamadas “desinteressadas”, que o imperialismo concede por si próprio ou por intermédio de Estados fantoches que recebem a melhor acolhida em certas partes do mundo.

* * *

Se todos esses perigos não forem reconhecidos a tempo, acha-se aberto o caminho ao neocolonialismo nos países que, cheios de fé e entusiasmo, empreenderam sua tarefa de libertação nacional; o domínio dos monopólios se instaura sutilmente, tão progressivamente que é bem difícil distinguir os seus efeitos até o momento em que se fazem brutalmente sentir.

Temos um trabalho inteiro a realizar; problemas imensos se apresentam a nossos dois mundos: o dos países socialistas e o outro, chamado de “terceiro mundo”. São problemas diretamente ligados ao homem, ao seu bem-estar e à luta contra o principal culpado de nosso atraso. Diante desses problemas, todos os países e todos os povos, conscientes de seus deveres, dos perigos gerados por nossa situação, dos sacrifícios que exige o desenvolvimento, devem tomar medidas concretas para que nossos laços se unam sobre os dois planos – econômico e político – que não podem nunca se dissociar e para constituir um grande e compacto bloco que possa, por sua vez, ajudar novos países a se libertarem, tanto do poder político quanto do poder econômico do imperialismo.

O aspecto da libertação pelas armas de uma potência política de opressão deve ser abordado segundo as regras do internacionalismo proletário: se é absurdo pensar que um diretor de empresa de um país socialista em guerra possa hesitar em enviar os tanques que produz para uma frente de luta que não possa apresentar garantias de pagamento, não deve parecer menos absurdo querer verificar a solvabilidade de um povo que luta pela sua libertação ou que tem necessidade de armas para defender sua liberdade.

Em nossos mundos, as armas não deveriam ser mercadorias; elas devem ser entregues de modo absolutamente gratuito, nas quantidades necessárias – e possíveis – aos povos que as pedem para utilizá-las contra o inimigo comum. Foi neste espírito que a União Soviética e a República Popular da China nos concederam sua ajuda militar. Somos socialistas, constituímos uma garantia da utilização destas armas, mas não somos os únicos, e todos devemos ser tratados da mesma maneira.

Para responder à abominável agressão do imperialismo americano contra o Vietnã ou o Congo, é preciso fornecer a esses países irmãos todos os meios de defesa de que tenham necessidade, oferecendo-lhes nossa solidariedade incondicional.

* * *

No plano econômico, temos necessidade de superar as dificuldades do desenvolvimento com o auxílio da técnica mais avançada possível. Não podemos empreender a longa ascensão que fez a humanidade, do feudalismo à era do átomo e da automação; seria um caminho cheio de imensos sacrifícios e, em parte, um caminho inútil. É preciso apanhar a técnica no ponto em que ela se encontra, dar o grande salto técnico necessário para reduzir pouco a pouco a diferença entre os países mais avançados e os nossos. Essa técnica deve ser aplicada nas grandes fábricas, bem como numa agricultura convenientemente desenvolvida; sobretudo, ela deve ter por base uma cultura técnica e ideológica suficientemente forte e implantada nas massas, a fim de permitir sem cessar os órgãos e os aparelhos de pesquisa que é preciso criar em cada país, assim como homens que exerçam a técnica atual e sejam capazes de se adaptar às novas técnicas adquiridas.

Estes quadros devem ter uma consciência clara de seu dever para com a sociedade em que vivem; não poderá haver cultura técnica conveniente se ela não é acompanhada de uma cultura ideológica. E, na maior parte dos nossos países, não poderá haver uma base suficiente de desenvolvimento industrial – do qual depende o desenvolvimento da sociedade moderna – se não se começa por assegurar ao povo o alimento necessário, os bens de consumo mais indispensáveis e uma instrução conveniente.

É preciso consagrar uma grande parte da renda nacional aos investimentos ditos improdutivos da instrução e é necessário preocupar-se particularmente com o desenvolvimento da produtividade agrícola. Esta última atingiu, em diversos países capitalistas, níveis inacreditáveis e provocou crises absurdas de superprodução, invasões de cereais e outros produtos alimentares ou de matérias-primas industriais provenientes de países avançados, enquanto que todo um mundo sofre de fome, possuindo terras e homens suficientes para produzir muitas vezes aquilo de que o mundo tem necessidade para se alimentar.

A agricultura deve ser considerada como uma pilastra do desenvolvimento e, para isso, é essencial transformar a estrutura agrícola e adaptar-se às novas possibilidades da técnica, assim como às novas obrigações da eliminação da exploração humana.

Antes de tomar decisões custosas que poderiam acarretar males irreparáveis, é preciso efetuar uma prospecção cuidadosa do território nacional; trata-se de uma das etapas prévias da pesquisa econômica e uma necessidade elementar para uma planificação correta.

* * *

Apoiamos calorosamente a proposta da Argélia, que sugere a institucionalização de nossas relações. Desejamos apenas propor algumas considerações complementares:

- 1) Para que a união seja um instrumento de luta contra o imperialismo, o concurso dos povos da América Latina e a aliança com os países socialistas são necessários;
- 2) É preciso velar pelo caráter revolucionário da união, proibindo o acesso a ela dos governos e movimentos que não se identifiquem com as aspirações gerais dos povos e criando mecanismos que permitam a separação de quem quer que se afaste do caminho justo, seja ele governo ou movimento popular;
- 3) É preciso chegar ao estabelecimento de novas relações em pé de igualdade entre nossos países e os capitalistas, criando uma jurisprudência revolucionária para nos proteger em caso de conflito e dar um novo conteúdo às relações entre nós e o resto do mundo.

Falamos uma linguagem revolucionária e lutamos honestamente pelo triunfo de nossa causa, mas nos embarçamos seguidamente nas malhas de um direito internacional resultante das confrontações das potências imperialistas e não da luta dos povos.

Por exemplo, nossos povos acham-se oprimidos pela angústia de verem ser estabelecidas, em seus territórios, bases estrangeiras ou, então, têm de suportar o ônus muito pesado de dívidas externas de uma amplitude inacreditável.

Todos conhecem a história desse ônus: governos fantoches, governos enfraquecidos por uma longa luta de libertação ou pelo desenvolvimento das leis capitalistas do mercado, permitiram que fossem assinados acordos que ameaçam nossa estabilidade interna e comprometem nosso futuro.

Chegou a hora de sacudir o jugo, de impor a revisão das dívidas externas que nos oprimem, a obrigar os imperialistas a abandonar suas bases de agressão.

* * *

Não desejaria terminar estas palavras, esta lembrança de princípios que vocês todos conhecem, sem chamar a atenção desta assembléia para o fato de que Cuba não é o único país da América Latina, mas simplesmente é Cuba que hoje tem a oportunidade de falar diante de vocês. Quero lembrar que outros povos derramam seu sangue para obter o direito que temos e aqui, como de outras conferências e de todas as partes em que elas se realizam, saudamos os povos heróicos do Vietnã, do Laos, da Guiné dita portuguesa, da África do Sul e da Palestina. A todos os países explorados que lutam por sua emancipação devemos levar nossa voz amiga, estender a mão e oferecer nosso incentivo aos povos irmãos da Venezuela, da Guatemala e da Colômbia, que hoje, de armas na mão, dizem definitivamente “não” ao inimigo imperialista.

Poucos cenários são tão simbólicos quanto Argel, uma das capitais da liberdade mais heróica, para tal declaração. Que o admirável povo argelino, temperado como poucos povos o foram pelos sofrimentos da independência, sob a direção de seu partido, nos inspire nesta luta sem quartel contra o imperialismo ianque.

Fim

ANEXO II
CARTA DE DESPEDIDA¹⁹⁶
1º DE ABRIL DE 1965

AO COMANDANTE FIDEL CASTRO

1º de abril de 1965 - “Ano da Agricultura”

Havana

Fidel:

Lembro-me nesta hora de muitas coisas, de quando te conheci na casa de Maria Antónia, de quando você me propôs ir junto, de toda a tensão dos preparativos.

Um dia alguém passou perguntando quem deveria ser avisado em caso de morte, e a possibilidade real do fato golpeou-nos a todos. Depois soubemos que era verdade, que numa Revolução ou se vence ou se morre (se ela for verdadeira). Muitos companheiros ficaram ao longo do caminho para a vitória.

Hoje tudo tem um tom menos dramático porque já amadurecemos, mas o fato é o mesmo. Sinto que cumpri a parte de meu dever que me ligava à Revolução Cubana em seu território e me despeço de ti, dos companheiros, de teu povo que já é meu.

Demito-me formalmente de meus postos na Direção do Partido, do meu cargo de Ministro, de minha patente de Comandante, de minha condição de cubano. Nada legal me liga a Cuba, apenas laços de outro tipo, que não se podem romper como as atribuições.

Fazendo um rápido balanço de minha vida passada, creio haver trabalhado com suficiente honestidade e dedicação, para consolidar a vitória revolucionária. Minha única falta de certa gravidade foi não haver confiado mais em ti desde os primeiros momentos de Sierra Maestra e não haver entendido com rapidez suficiente tuas qualidades de líder e revolucionário. Vivi dias maravilhosos e senti ao teu lado o orgulho de pertencer ao nosso povo nos dias luminosos e tristes da Crise do Caribe.

Poucas vezes brilhou mais alto um estadista quanto naqueles dias, orgulho-me também de haver seguido teus passos sem vacilações, identificado com a tua maneira de pensar e de ver e de apreciar os perigos e os princípios.

Outras terras do mundo reclamam o concurso de meus modestos esforços. Eu posso fazer aquilo que te é negado pela tua responsabilidade à frente de Cuba e chegou a hora de separar-nos.

Saiba-se que faço isso com um misto de alegria e de dor; deixo aqui o mais puro das minhas esperanças de construtor e os mais amados dentre meus entes queridos ... e deixo um povo que me admitiu como um filho; isso dilacera uma parte de meu espírito. Nos novos campos de batalha carregarei a fé que me inculcaste, o espírito revolucionário de meu povo, a sensação de cumprir com o mais sagrado dos deveres: lutar contra o imperialismo onde quer que ele esteja; isto reconforta e cura sobejamente qualquer ferida.

Digo mais uma vez que libero Cuba de qualquer responsabilidade, salvo a que emanar de seu exemplo. Se me chegar a hora definitiva sob outros céus, meu último pensamento será para este povo e especialmente para ti. Agradeço aquilo que me ensinaste e teu exemplo, ao qual tentarei ser fiel até às últimas conseqüências dos meus atos. Digo que sempre me identifiquei com a política externa da Revolução e que assim permaneço. Que no lugar onde eu estiver sentirei a responsabilidade de ser revolucionário cubano e agirei como tal. Que não deixo aos meus filhos e minha mulher nada de material e isto não me aflige: alegre-me que assim seja. Que não peço nada para eles, pois o Estado lhes dará o suficiente para viver e educar-se.

Teria muitas coisas a dizer, a ti e ao nosso povo, mas sinto que são desnecessárias, as palavras não podem exprimir o que eu sinto, e não vale à pena sujar mais papel.

Até a vitória sempre. Pátria ou Morte!

Abraça-te com todo o fervor revolucionário.

Che

ANEXO III
MENSAGEM AOS POVOS DO MUNDO ATRAVÉS DA TRICONTINENTAL¹⁹⁷
MAIO DE 1967

Che Guevara

[Escrito nas montanhas da Bolívia]

Criar dois, três ... muitos Vietnã, essa é a palavra de ordem.
Che Guevara

É a hora das fornalhas e não se há de ver a não ser a luz.
José Martí

Já se completaram vinte e um anos desde o fim da última conflagração mundial e diversas publicações, em uma infinidade de línguas, celebram o acontecimento simbolizado pela derrota do Japão. Há um clima de aparente otimismo em muitos setores, nos diferentes campos em que o mundo se divide.

Vinte e um anos sem Guerra Mundial, nestes tempos de confrontações máximas, de choques violentos e mudanças repentinas, parecem uma cifra muito elevada. Entretanto, sem analisar os resultados práticos dessa paz pela qual todos nós nos manifestamos a lutar (a miséria, a degradação, a exploração cada vez maior de imensos setores do mundo), cabe perguntar se ela é real.

Não é intenção destas notas historiar os conflitos de caráter local que se sucederam desde a rendição do Japão, nem é tampouco nossa tarefa proceder ao inventário, numeroso e crescente, de lutas civis ocorridas durante estes anos de suposta paz. Basta-nos colocar como exemplos contra o otimismo desmedido as guerras da Coreia e do Vietnã.

Na primeira, após anos de luta feroz, a parte norte do país ficou mergulhada na mais terrível devastação que possa figurar nos anais da guerra moderna; crivada de bombas; sem fábricas, escolas ou hospitais; sem nenhuma espécie de habitação para abrigar dez milhões de habitantes.

Nesta guerra intervieram, sob a pérfida bandeira das Nações Unidas, dezenas de países conduzidos militarmente pelos Estados Unidos, com a participação maciça de soldados dessa nacionalidade e o uso, como carne de canhão, da população sul-coreana envolvida.

Do outro lado, o Exército e o povo da Coreia e os voluntários da República Popular da China contaram com o abastecimento e assessoria do aparato militar soviético. Por parte dos norte-americanos se fizeram todos os tipos de testes de armas de destruição, excluindo as termonucleares, mas incluindo as bacteriológicas e químicas, em escala limitada. No Vietnã, sucederam-se ações bélicas, sustentadas pelas forças patrióticas desse país, quase ininterruptamente, contra três potências imperialistas: o Japão, cujo poderio sofreria uma queda vertical a partir das bombas de Hiroshima e Nagasaki; a França, que recupera daquele país vencido suas colônias indochinesas e ignorava as promessas feitas em momentos difíceis; e os Estados Unidos, nesta última fase da contenda.

Verificam-se confrontações limitadas em todos os continentes, ainda que na América, durante muito tempo, apenas se produzissem tentativas de luta de libertação e quarteladas, até que a Revolução Cubana emitisse sua clarinada de alerta sobre a importância dessa região e atraísse as iras imperialistas, obrigando-a à defesa de suas costas, em Playa Girón, primeiro, e durante a Crise de Outubro, depois.

¹⁹⁶ Guevara, Che, *Cartas*, Coleção América Latina Série Nossa História, Nossos Problemas, Edições Populares, São Paulo, 1987, Volume 4, pp. 17-19.

¹⁹⁷ Guevara, Che, *Mensagem aos povos do mundo através da Tricontinental*. IN: Guevara, Che, *Por uma revolução internacional*, Coleção América Latina Série Nossa História, Nossos Problemas, Edições Populares, São Paulo, 1987, Volume 9, pp. 97-106.

Este último incidente poderia ter provocado uma guerra de incalculáveis proporções, ao se produzir, em torno de Cuba, o choque entre norte-americanos e soviéticos.

Mas, evidentemente, o foco das contradições, neste momento, está radicado nos territórios da península indochinesa e nos países vizinhos. Laos e Vietnã estão sendo sacudidos por guerras civis, que deixam de ser tal ao se fazer presente, com todo o seu poderio, o imperialismo norte-americano, e toda a região se converte em uma perigosa cápsula pronta para detonar.

No Vietnã a confrontação adquiriu características de uma agudeza extrema. Tampouco é nossa intenção historiar esta guerra. Simplesmente assinalaremos alguns marcos de lembrança.

Em 1954, após a derrota aniquilante de Dien-Bien-Phu, firmaram-se os Acordos de Genebra, que dividiam o país em duas zonas e estipulavam a realização de eleições em um prazo de dezoito meses, para determinar quem deveria governar o Vietnã e como se reunificaria o país. Os norte-americanos não assinaram tal documento, começando as manobras para substituir o imperador Bao Dai, títere francês, por um homem adequado a suas intenções. Este revelou-se na pessoa de Ngo Din Dienh, cujo trágico fim – o da laranja espremida pelo imperialismo – é conhecido de todos.

Nos meses posteriores à assinatura do acordo, reinou o otimismo no campo das forças populares. Desmantelaram-se redutos da luta antifrancesa, no Sul do país, e esperou-se pelo cumprimento do pacto. Porém, cedo compreenderam os patriotas que não haveria eleições a menos que os Estados Unidos se sentissem capazes de impor sua vontade nas urnas, coisa que não poderia ocorrer, ainda que utilizando todos os métodos de fraude por eles conhecidos.

Novamente se iniciaram as lutas no Sul do país e foram adquirindo maior intensidade até chegar ao momento atual, em que o Exército norte-americano se compõe de quase meio milhão de invasores, enquanto as forças títeres diminuem de número e, sobretudo, perdem totalmente a combatividade.

Há cerca de dois anos que os norte-americanos começaram o bombardeio sistemático da República Democrática do Vietnã, em mais uma tentativa de frear a combatividade do Sul e obrigar a uma conferência a partir de posições de força. A princípio, os bombardeios foram mais ou menos isolados e se revestiam da máscara de represálias por supostas provocações do Norte. Depois aumentaram a intensidade e método, até converter-se em uma gigantesca batida levada a cabo pelas unidades aéreas dos Estados Unidos, dia a dia, com o propósito de destruir todo vestígio de civilização na zona norte do país. É um episódio da tristemente célebre escalada.

As aspirações materiais do mundo ianque se cumpriram em boa parte, não obstante a denodada defesa das unidades antiaéreas vietnamitas, dos mais de 1700 aviões derrubados e da ajuda do campo socialista em material de guerra.

Há uma penosa realidade: o Vietnã, essa nação que representa as aspirações, as esperanças de vitória de todo um mundo preterido, está tragicamente só. Esse povo tem de suportar os embates da técnica norte-americana quase impunemente, no Sul, com algumas possibilidades de defesa no Norte, porém sempre só.

A solidariedade do mundo progressista para com o povo do Vietnã se assemelha à amarga ironia que significava para os gladiadores do circo romano o estímulo da plebe. Não se trata de desejar êxitos ao agredido, mas de viver sua mesma sorte; acompanhá-lo à morte ou à vitória.

Quando analisamos a solidão vietnamita, assalta-nos a angústia desse momento ilógico da humanidade.

O imperialismo norte-americano é culpado de agressão; seus crimes são imensos e repartidos por todo o orbe.

Já o sabemos, senhores! Mas também são culpados os que, no momento de definição, vacilaram em fazer do Vietnã parte inviolável do território socialista, correndo, sim, os riscos de uma Guerra Mundial, mas também obrigando a uma decisão os imperialistas norte-americanos. E são culpados os que mantêm uma guerra de insultos e golpes baixos, começada já há um bom tempo entre os representantes das duas maiores potências do campo socialista.

Perguntemos, para obter uma resposta honrada: está ou não isolado o Vietnã, fazendo equilíbrios perigosos entre as duas potências em contenda?

E que grandeza, a desse povo! Que estoicismo e valor, os desse povo! E que lição para o mundo no bojo dessa luta!

Ainda durante muito tempo não saberemos se o presidente Johnson pensava seriamente em iniciar algumas das reformas necessárias a um povo a fim de aparar as arestas das contradições de classe que emergem com força explosiva e cada vez mais freqüentemente. O certo é que as melhoras anunciadas sob o pomposo título de luta pela grande sociedade caíram no vazio do Vietnã.

O maior dos poderes imperialistas sente em suas entranhas o sangramento provocado por um país pobre e atrasado, e sua fabulosa economia se ressentido do esforço de guerra. Matar deixa de ser o mais cômodo dos negócios dos monopólios. Armas de contenção, e não em número suficiente, é tudo de que dispõem estes soldados maravilhosos, além do amor à sua pátria, à sua sociedade, e um valor a toda prova. Mas o imperialismo chafurda no Vietnã, não encontra caminho de saída e busca desesperadamente alguém que lhe permita safar-se com dignidade desse perigoso transe em que se vê metido. Mas os “quatro pontos” do Norte e os “cinco” do Sul o acicatam, tornando ainda mais decidida a confrontação.

Tudo parece indicar que a paz, essa paz precária a que se deu tal nome, apenas porque não se produziu nenhuma conflagração de caráter mundial, está outra vez em perigo de se romper a qualquer passo irreversível ou inaceitável, dado pelos norte-americanos.

E a nós, explorados do mundo, qual é o papel que nos corresponde? Os povos dos três continentes observam e aprendem sua lição no Vietnã. Uma vez que, com a ameaça de guerra, os imperialistas exercem sua chantagem sobre a humanidade, não temer a guerra é a resposta justa. Atacar dura e ininterruptamente, em cada ponto de confrontação, esta deve ser a tática geral dos povos.

Mas, e nos lugares onde esta mísera paz que sofremos não se quebrou, qual será nossa tarefa? Libertarmo-nos a qualquer preço.

O panorama do mundo mostra uma grande complexidade. A tarefa da libertação espera ainda países da velha Europa, suficientemente desenvolvidos para sentir todas as contradições do capitalismo, mas tão fracos que já não podem seguir o rumo do imperialismo ou iniciar essa rota. Ali, as contradições atingirão, nos próximos anos, caráter explosivo, mas seus problemas e, portanto, sua solução são diferentes dos de nossos povos dependentes e atrasados economicamente.

O campo fundamental da exploração do imperialismo abarca os três continentes atrasados: América, Ásia e África. Cada país tem características próprias, mas os continentes, em seu conjunto, também as apresentam.

A América constitui um conjunto mais ou menos homogêneo e, na quase totalidade de seu território, os capitais monopolistas norte-americanos detêm uma primazia absoluta. Os governos títeres ou, no melhor dos casos, fracos e medrosos, não podem opor-se às ordens do amo ianque. Os norte-americanos chegaram quase ao máximo de sua dominação política e econômica, pouco mais já poderiam avançar; qualquer mudança da situação se poderia converter em um retrocesso de sua primazia. Sua política é manter o que foi conquistado. A linha de ação se reduz, no momento atual, ao uso brutal da força para impedir movimentos de libertação de qualquer espécie que sejam.

Sob o *slogan* “Não permitiremos outra Cuba”, encobre-se a possibilidade de agressões sem qualquer risco, como a perpetrada contra São Domingos ou, anteriormente, o massacre do Panamá e a clara advertência de que as tropas ianques estão dispostas a intervir em qualquer lugar da América onde a ordem estabelecida seja alterada, pondo em perigo seus interesses. Essa política conta com uma impunidade quase absoluta; a OEA é uma máscara cômoda, por mais desprestigiada que se encontre; a ONU é de uma ineficiência raiando ao ridículo ou ao trágico; os Exércitos de todos os países da América estão prontos a intervir para arrasar seus povos. Formou-se, de fato, a Internacional do crime e da traição.

Por outro lado, as burguesias autóctones perderam toda a sua capacidade de oposição ao imperialismo – se é que alguma vez a tiveram – e apenas compõem-se de carro de fila. Não há mais mudanças a fazer; ou Revolução socialista ou caricatura de Revolução.

A Ásia é um continente de características diferentes. As lutas de libertação contra uma série de poderes coloniais europeus deram por resultado o estabelecimento de governos mais ou menos progressis-

tas, cuja evolução posterior foi, em alguns casos, de aprofundização dos objetivos primários da libertação nacional e, em outros, de reversão pró-imperialista.

Do ponto de vista econômico, os Estados Unidos tinham pouco a perder e muito a ganhar na Ásia. As mudanças lhes favorecem; luta-se por deslocar outros poderes neocoloniais, penetrar novas esferas de ação no campo econômico, às vezes diretamente, em outras utilizando o Japão.

Mas existem condições políticas especiais, sobretudo na península indochinesa, que conferem características de capital importância à Ásia e desempenham um papel importante na estratégia militar global do imperialismo norte-americano. Este exerce um cerco à China através da Coreia do Sul, Japão, Formosa, Vietnã do Sul e Tailândia, pelo menos.

Essa dupla situação – um interesse estratégico tão importante como o cerco militar à República Popular da China e a ambição de seus capitais por penetrar esses grandes mercados que ainda não dominam – faz com que a Ásia seja um dos lugares mais explosivos do mundo atual, apesar da aparente estabilidade fora da área vietnamita.

Pertencendo geograficamente a este continente, porém com suas próprias contradições, o Oriente Médio está em plena ebulição, sem que se possa prever até onde chegará essa guerra fria entre Israel, respaldada pelos imperialistas, e os países progressistas da zona. É outro dos vulcões ameaçadores do mundo.

A África oferece as características de ser um campo quase virgem para a invasão neocolonial. Produziram-se mudanças que, em alguma medida, obrigaram os poderes neocoloniais a ceder suas antigas prerrogativas de caráter absoluto. Mas, quando os processos são levados a efeito ininterruptamente, ao colonialismo sucede, sem violência, um neocolonialismo de iguais efeitos quanto ao que se refere à dominação econômica.

Os Estados Unidos não tinham colônias nessa região e agora lutam por penetrar nas antigas possessões selvagens de seus sócios. Pode-se assegurar que a África constitui, nos planos estratégicos do imperialismo norte-americano, seu reservatório a longo prazo; seus investimentos atuais apenas têm importância na África do Sul e inicia a sua penetração no Congo, Nigéria e outros países, onde tem começo uma violenta concorrência (de caráter pacífico até agora) com outros poderes imperialistas.

Não tem ainda grandes interesses a defender, salvo seu presumido direito de intervir em cada lugar do globo onde seus monopólios olfateiem bons ganhos ou a existência de grandes reservas de matérias-primas.

Todos estes antecedentes tornam válida a abordagem interrogativa sobre as possibilidades de libertação dos povos a curto ou médio prazo.

Se analisarmos a África, veremos que se luta com alguma intensidade nas colônias portuguesas da Guiné, Moçambique e Angola, com particular êxito na primeira e com êxito variável nas duas restantes. Que ainda se assiste à luta entre os sucessores de Lumumba e os velhos cúmplices de Tshombé, no Congo, luta que, no momento atual, parece inclinar-se a favor dos últimos, os que “pacificaram” em seu próprio proveito uma grande parte do país, ainda que a guerra se mantenha latente.

Na Rodésia o problema é diferente: o imperialismo britânico utilizou todos os mecanismos a seu alcance para entregar o poder à minoria branca, que o detém atualmente. O conflito, do ponto de vista da Inglaterra, é absolutamente antioficial, com a diferença de que esta potência, com sua habitual habilidade diplomática – também chamada hipocrisia, em bom vernáculo -, apresenta uma fachada de insatisfação diante das medidas tomadas pelo governo de Ian Smith e é apoiada em sua astuciosa atitude por alguns dos países da Commonwealth, que a seguem, e atacada por uma parte dos países da África Negra, sejam ou não dóceis vassalos econômicos do imperialismo inglês.

Na Rodésia a situação pode tornar-se sumamente explosiva, se se cristalizarem os esforços dos patriotas negros para se erguer em armas e este movimento for apoiado efetivamente pelas nações africanas vizinhas. Mas, por enquanto, todos os problemas são ventilados em organismos tão inócuos quanto a ONU, a Commonwealth ou a OUA.

A evolução política e social da África, contudo, não faz prever uma situação revolucionária continental. As lutas de libertação contra os portugueses devem terminar vitoriosamente, mas Portugal não significa nada no breviário imperialista. As confrontações de importância revolucionária são as que põem

em xeque todo o aparato imperialista, ainda que nem por isso deixemos de lutar pela libertação das três colônias portuguesas e pelo aprofundamento de suas revoluções.

Quando as massas negras da África do Sul ou da Rodésia iniciarem sua autêntica luta revolucionária, ter-se-á iniciado uma nova época na África. Isto é, quando as massas empobrecidas de um país se lançarem à tarefa de resgatar seu direito a uma vida digna das mãos das oligarquias governantes.

Até agora sucedem-se os golpes de quarteladas, em que um grupo de oficiais substitui a outro ou a um governante que já não represente seus interesses de casta e os das potências que os manipulam disfarçadamente, mas não há convulsões populares. No Congo se sucederam fugazmente essas características impulsionadas pela lembrança de Lumumba, mas foram perdendo forças nos últimos meses.

Na Ásia, como vimos, a situação é explosiva e não é apenas no Vietnã e no Laos, onde se luta, que se demarcam os pontos de atrito. Também o é o Cambodge, onde, a qualquer momento, se pode iniciar a agressão direta norte-americana, assim como Tailândia, Malásia e, evidentemente, Indonésia, onde não podemos pensar que se tenha dito a última palavra, apesar do aniquilamento do Partido Comunista deste país, ao ocuparem o poder os reacionários. E, obviamente, o Oriente Médio.

Na América Latina se luta com as armas na mão, na Guatemala, Colômbia, Venezuela e Bolívia, e despontam já os primeiros brotos no Brasil. Há outros focos de resistência que aparecem e se extinguem. Mas quase todos os países deste Continente estão maduros para uma luta de tal espécie, que, para terminar triunfante, não se pode contentar com menos que a instauração de um governo de linha socialista.

Neste continente, fala-se praticamente uma língua, salvo o caso excepcional do Brasil, com cujo povo os de fala hispânica podem entender-se, dada a semelhança entre ambos os idiomas. Há uma identidade tão grande entre as classes destes países que atingem uma identificação de tipo “internacional-americano” bem mais completa que em outros continentes. Língua, costumes, religião e um senhor comum os unem. O grau e as formas de exploração são similares em seus efeitos para exploradores e explorados de uma boa parte dos países de nossa América. E a rebelião está amadurecendo aceleradamente nela.

Podemos perguntar-nos: esta rebelião, como frutificará? De que espécie será? Sustentamos desde algum tempo que, dadas suas características similares, a luta na América adquirirá, em seu momento, dimensões continentais. Será o cenário de muitas grandes batalhas travadas pela Humanidade por sua libertação.

No marco dessa luta de alcance continental, as que atualmente se sustentam em forma ativa são apenas episódios, mas já forneceram os mártires que figurarão na história americana como tendo entregue sua quota de sangue necessária, nesta última etapa da luta pela Liberdade plena do homem. Ali figurarão os nomes do comandante Tursios Lima, do padre Camilo Torres, do comandante Fabricio Ojeda, dos comandantes Lobatón e Luís de la Puente Uceda, figuras máximas nos movimentos revolucionários da Guatemala, Colômbia, Venezuela e Peru.

Mas a mobilização ativa do povo cria seus novos dirigentes: César Montes e Yon Sosa levantam a bandeira na Guatemala, Fábio Vázquez e Marulanda o fazem na Colômbia, Douglas Bravo, no ocidente do país, e Américo Martín, em El Bachiller, dirigem suas respectivas frentes na Venezuela.

Novas sementes de guerra surgirão nestes e noutros países americanos, como já ocorreu na Bolívia, e irão crescendo, com todas as vicissitudes que cercam este perigoso ofício de revolucionário moderno. Muitos morrerão vítimas de seus erros, outros cairão no duro combate que se aproxima; novos lutadores e novos dirigentes surgirão ao calor da luta revolucionária. O povo irá formando seus combatentes e seus condutores na tarefa seletiva da própria guerra, e os agentes ianques de repressão aumentarão. Hoje há assessores em todos os países onde a luta armada se mantém, e o exército peruano realizou, ao que parece, uma batida plena de êxito contra os revolucionários desse país, também assessorado e treinado pelos ianques. No próprio Peru, com tenacidade e firmeza, novas figuras, ainda não completamente conhecidas, organizam a luta guerrilheira. Pouco a pouco, as armas obsoletas que são suficientes para a repressão dos pequenos bandos armados irão convertendo-se em armas modernas e os grupos de assessores em combatentes norte-americanos, até que, num dado momento, se vejam obrigados a enviar quantidades crescentes de tropas regulares a fim de assegurar a relativa estabilidade de um poder cujo exército nacio-

nal títere se desintegra diante dos combates das guerrilhas. É o caminho do Vietnã; é o caminho que devem seguir os povos; é o caminho que seguirá a América, com a característica especial de que os grupos armados possam formar algo assim como Juntas de Coordenação para tornar mais difícil a tarefa repressiva do imperialismo ianque e facilitar a própria causa.

A América, continente esquecido pelas últimas lutas políticas de libertação, que começa a se fazer sentir através da Tricontinental na voz da vanguarda de seus povos que é a Revolução Cubana, terá uma tarefa de maior relevo: a da criação do segundo ou terceiro Vietnã ou do segundo e terceiro Vietnã do mundo.

Definitivamente, é preciso levar em conta que o imperialismo é um sistema mundial, última etapa do capitalismo, e é necessário derrotá-lo em uma grande confrontação mundial. A finalidade estratégica dessa luta deve ser a destruição do imperialismo. A participação que toca a nós, os explorados e atrasados do mundo, é a de eliminar as bases de sustentação do imperialismo: nossos povos oprimidos, de onde se extraem capitais, matérias-primas, técnicos e operários baratos e para onde exportam novos capitais – instrumentos de dominação –, armas e toda espécie de artigos, submetendo-se a uma dependência absoluta.

O elemento fundamental dessa finalidade estratégica será, então, a libertação real dos povos; libertação que se produzirá através da luta armada, na maioria dos casos, e que terá, na América, quase indefectivelmente, a propriedade de converter-se em uma Revolução Socialista.

Ao enfocar a destruição do imperialismo, é preciso identificar sua cabeça, que não é outra senão os Estados Unidos da América do Norte.

Devemos realizar uma tarefa de tipo geral, que tenha como finalidade tática arrancar o inimigo do seu ambiente, obrigando-o a lutar em lugares onde seus hábitos de vida se choquem com a realidade impenetrante. Não se deve desprezar o adversário; o soldado norte-americano tem capacidade técnica e está respaldado por meios de tal magnitude que o tornam temível. Falta-lhe essencialmente a motivação ideológica, que têm em grau supremo seus ardentes rivais de hoje: os soldados vietnamitas. Somente poderemos triunfar sobre este exército, à medida que conseguirmos minar o seu moral. E este é minado infligindo-lhe derrotas e ocasionando-lhes sofrimentos repetidos.

Mas este pequeno esquema de vitórias encerra dentro de si sacrifícios imensos dos povos, sacrifícios que devem ser exigidos desde hoje, à luz do dia, e que talvez sejam menos dolorosos que os que se deveriam suportar se fugíssemos constantemente ao combate, para tentar que fossem outros que nos tirem as castanhas do fogo.

Claro que o último país a se libertar, muito provavelmente, o fará sem luta armada, e os sofrimentos de uma guerra longa e tão cruel como as que fazem os imperialistas serão poupados a esse povo. Mas talvez seja impossível evitar essa luta ou seus efeitos, em uma contenda de caráter mundial e se sofra tanto ou mais ainda. Não podemos predizer o futuro, mas jamais devemos ceder à tentação claudicante de ser os soldados de um povo que anela por sua liberdade, porém renega a luta que esta implica e a espera como migalhas de pão da vitória.

É absolutamente justo evitar todo sacrifício inútil. Por isso é tão importante o esclarecimento das possibilidades efetivas que tem a América dependente de se libertar de forma pacífica. Para nós está clara a solução para esta interrogação; poderá ser ou não o momento atual o indicado para iniciar a luta, mas não podemos alimentar nenhuma ilusão, nem temos direito a obter a liberdade sem combater. E os combates não serão meras lutas de rua, de pedras contra gases lacrimogêneos, nem de greves gerais pacíficas; nem será a luta de um povo enfurecido que destruirá em dois ou três dias a estrutura repressiva das oligarquias dominantes; será uma luta longa, cruenta, cuja frente estará em refúgios guerrilheiros, nas cidades, nas casas dos combatentes – onde a repressão irá buscar vítimas fáceis entre seus familiares –, na população camponesa massacrada, nas aldeias ou cidades destruídas pelo bombardeio inimigo.

Empurram-nos para essa luta; não há outro remédio senão prepará-la e decidir-se a empreendê-la.

Os inícios não serão fáceis; serão sumamente difíceis. Toda a capacidade de repressão, toda a capacidade de brutalidade e demagogia das oligarquias se colocarão a serviço de sua causa. Nossa missão, na primeira hora, é sobreviver, depois atuará o exemplo perene da guerrilha, realizando a propaganda armada, na aceção vietnamita da frase, isto é, a propaganda dos tiros, dos combates que se ganham ou per-

dem, mas se efetivam, contra os inimigos. O grande ensinamento da invencibilidade da guerrilha acendendo-se nas massas dos despossuídos. A galvanização do espírito nacional, a preparação para as tarefas mais duras, para resistir às repressões mais violentas. O ódio como fator de luta, o ódio intransigente ao inimigo, que impulsiona mais além das delimitações naturais do ser humano e o converte em uma efetiva, violenta, seletiva e fria máquina de matar. Nossos soldados têm que ser assim; um povo sem ódio não pode triunfar sobre um inimigo brutal.

Há que levar a guerra até onde o inimigo a levar: a sua casa, a seus locais de diversão; fazê-la total. É preciso impedi-lo de ter um minuto de tranquilidade, um minuto de sossego fora de seus quartéis; fazê-lo sentir-se uma fera acoitada por cada lugar por onde transite. Então seu moral irá decaindo. Far-se-á mais bestial ainda, mas se notarão os sinais do decaimento que toma conta.

E que se desenvolva um verdadeiro internacionalismo proletário; com exércitos proletários internacionais, onde a bandeira sobre a qual se lute seja a causa sagrada da redenção da humanidade, de tal modo que morrer sob as insígnias do Vietnã, da Venezuela, da Guatemala, do Laos, da Guiné, da Colômbia, da Bolívia, do Brasil, para citar apenas os cenários atuais da luta armada, seja igualmente glorioso e aprazível para um americano, um asiático, um africano e, mesmo, um europeu.

Cada gota de sangue derramado em um território sob cuja bandeira se nasceu é experiência que recolhe quem sobrevive para aplicar em seguida na luta pela libertação de seu lugar de origem. E cada povo que se libere é uma fase da batalha pela libertação do próprio povo que foi ganha.

É hora de temperar nossas discrepâncias e colocar tudo a serviço da luta.

Que é agitado por grandes controvérsias o mundo que luta por sua liberdade, todos nós sabemos e não podemos esconder. Que adquiriram um caráter e uma agudeza tais que se revela sumamente difícil, se não impossível o diálogo e a conciliação, também o sabemos. Buscar métodos para iniciar um diálogo que os adversários recusam é uma tarefa inútil. Mas o inimigo está ali, golpeia todos os dias e ameaça com novos golpes, e esses golpes nos unirão, hoje, amanhã e depois. Aqueles que o captarem antes e se prepararem para essa união necessária terão o reconhecimento dos povos.

Dadas as virulências e intransigências com que se defendem as causas, nós, os despossuídos, não podemos tomar partido por uma ou por outra forma de manifestar as discrepâncias, ainda quando coincidamos algumas vezes com expressões de uma ou outra parte, ou em maior medida com as de uma que com as de outra. No momento da luta, a forma com que se tornam visíveis as atuais diferenças constituem uma fraqueza; mas, no estado em que se encontram, querer arranjá-las através das palavras é uma ilusão. A História as irá apagando ou dando-lhes sua verdadeira explicação.

Em nosso mundo em luta, tudo o que for discrepância em torno da tática, método de ação para a consecução de objetivos delimitados, deve ser analisado com o respeito que merecem as apreciações alheias. Quanto ao grande objetivo estratégico, a destruição total do imperialismo por meio da luta, devemos ser intransigente.

Sintetizemos assim nossas aspirações de vitória: destruição do imperialismo através da eliminação de seu baluarte mais forte: o domínio imperialista dos Estados Unidos da América do Norte. Tomar como função tática a libertação gradual dos povos, um a um ou em grupos, levando o inimigo a uma luta difícil fora de seu território, liquidando-lhe as bases de sustentação, que são seus territórios dependentes.

Isso significa uma guerra longa. E, repetimo-lo uma vez mais, uma guerra cruel. Que ninguém se engane quando for iniciá-la e que ninguém vacile por temor aos resultados que possa trazer para seu povo. É quase que a única esperança de vitória.

Não podemos omitir-nos ao chamado da hora. Ensina-nos o Vietnã, com sua permanente lição de heroísmo, sua trágica e cotidiana lição de luta e de morte para lograr a vitória final.

Lá os soldados do imperialismo encontram o desconforto de quem, acostumado ao nível de vida que ostenta a nação norte-americana, tem de deparar-se com a terra hostil; a insegurança de quem não pode mover-se sem sentir que pisa território inimigo; a morte para os que avançam mais além de seus redutos fortificados; a hostilidade permanente de toda a população. Tudo isso vai provocando a repercussão interna nos Estados Unidos; vai fazendo surgir um fator atenuado pelo imperialismo em pleno vigor, a luta de classes já dentro de seu próprio território.

Como poderíamos contemplar o futuro como luminoso e próximo, se dois, três, muitos Vietnãs florescessem na superfície do globo, com sua quota de morte e suas tragédias imensas, com seu heroísmo cotidiano, com seus golpes repetidos ao imperialismo, com a obrigação que implica para este, de dispersar suas forças, ao embate do ódio crescente dos povos do mundo inteiro!

E, se todos fôssemos capazes de nos unirmos, para que nossos golpes fossem mais sólidos e certos, para que a ajuda de todo tipo aos povos em luta fosse ainda mais efetiva, quão grande seria o futuro e quão próximo!

Se a nós, aqueles que, em um pequeno ponto do mapa do mundo, cumprimos o dever que preconizamos – e pomos à disposição da luta este pouco que nos é permitido dar: nossas vidas, nosso sacrifício -, nos competir, algum desses dias, lançar o último suspiro sobre qualquer terra, já nossa, regada com nosso sangue, saiba-se que medimos o alcance de nossos atos e que não nos consideramos nada mais que elementos do grande exército do proletariado, mas nos sentimos orgulhosos de ter aprendido, da Revolução Cubana e de seu grande dirigente máximo, a grande lição que emana de sua atitude, nesta parte do mundo: “Que importam os perigos ou sacrifícios de um homem ou de um povo, quando está em jogo o destino da humanidade!”.

Toda a nossa ação é um grito de guerra contra o imperialismo e um clamor pela unidade dos povos contra o grande inimigo do gênero humano: os Estados Unidos da América do Norte. Em qualquer lugar em que nos surpreender a morte, bem-vinda seja, desde que esse nosso grito de guerra tenha chegado até um ouvido receptivo, e outra mão se estenda para empunhar nossas armas e outros homens se apressem em entoar os cânticos fúnebres por entre o matraquear de metralhadoras e novos gritos de guerra e de vitória.

Fim.

OBRAS CITADAS

- ANDERSON, Jon Lee, *Che Guevara: uma biografia*, Objetiva, Rio de Janeiro, 1997.
- ANDERSON, Perry; *Balanço do Neoliberalismo*. IN: Sader, Emir e Gentili, Pablo (orgs.). *Pós-neoliberalismo – as políticas sociais e o Estado democrático*, Paz e Terra, São Paulo, 2003.
- BERARDO, João Batista, *Guerrilhas e Guerrilheiros no drama da América Latina*, Edições Populares, São Paulo, 1981.
- BETHELL, Leslie: *LA CLASE TRABAJADORA URBANA Y EL MOVIMIENTO OBRERO EN AMÉRICA LATINA DESDE 1930*. IN: BETHELL, Leslie (org.), *HISTÓRIA DE AMÉRICA LATINA*, Ed. Crítica, Barcelona, 1991.
- BITTENCOURT, Marcelo, *Partilha, resistência e colonialismo*. IN: Introdução à História da África e da Cultura Afro-Brasileira, UCAM & Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, 2003.
- BRUNSCHWIG, Henri, *A Partilha da África Negra*, Perspectiva, São Paulo, 1993.
- CASTAÑEDA, Jorge G., *Che Guevara: a vida em vermelho*, Companhia das Letras, São Paulo, 1997.
- COLL, Josefina Oliva de, *A RESITÊNCIA INDÍGENA – Do México à Patagônia, a história da luta dos índios contra os conquistadores*, L&PM Editores Ltda., São Paulo, 1986.
- DEBRAY, Régis, *A Guerrilha do Che*, Coleção América Latina, Série Nossa História, Nossos Problemas, Edições Populares, São Paulo, 1987, Volume 10.
- DONGHI, Halperin, *História da América Latina*, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1975.
- FILHO, Omar de Barros, *BOLÍVIA: VOCAÇÃO E DESTINO*, editora Versus, São Paulo, 1980.
- GRUPPI, Luciano, *O pensamento de Lênin*, Graal, Rio de Janeiro, 1979.
- KHRUSHCHEV, Nikita, *O Testamento Final*, Artenova, Rio de Janeiro, 1974.
- LÖWY, Michael, *O Pensamento de Che Guevara*, Expressão Popular, São Paulo, 2002.
- LYNCH, Ernesto Guevara, *Meu filho “CHE”*, Brasiliense, São Paulo, 1981.
- MACKENZIE, J. M., *A Partilha da África – 1880-1900*, Ática, São Paulo, 1994.
- MARX, Karl; *BIOGRAFIA*; Edições Progresso – Moscovo, Edições “Avante!” – Lisboa; 1983.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich; *Obras Escolhidas em Três Tomos*; Edições “Avante!” – Lisboa, Edições Progresso – Moscovo; 1982; Tomo I.
- GUEVARA, Che, *A Guerra de Guerrilhas*, Edições Populares, São Paulo, 1987.
- _____. *Guerra de Guerrilhas: um método*. IN: Guevara, Che, *Textos Revolucionários*, Coleção América Latina, Série Nossa História, Nossos Problemas, Volume 7.
- _____. *Cuba: exceção histórica ou vanguarda na luta anti-colonial?* IN: Guevara, Che, *Obras de Che Guevara – 1*, Ulmeiro, Lisboa, 1975.
- _____. *“Por uma revolução internacional”*, Coleção América Latina, Série Nossa História, Nossos Problemas, Edições Populares, São Paulo, 1987, Volume 9.
- _____. *Cartas*, Coleção América Latina, Série Nossa História, Nossos Problemas, Edições Populares, São Paulo, 1987, Volume 4.
- _____. *Diário da Bolívia*, Global Editora, São Paulo, 1986.
- GUEVARA, Roberto, prólogo, IN: Guevara, Che, *Textos econômicos para a transformação do socialismo*, Coleção América Latina, Série Nossa História, Nossos Problemas, Volume 8, Edições Populares, São Paulo, 1987.
- Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, Sedegra, São Paulo, 1973, Volume 1.
- Revista Marxismo Vivo nº 8, PSTU, São Paulo, 2004.